
EDITORA CENTRAL gospel
FUNDAMENTOS DA FÉ CRISTÃ
Um manual de teologia ao alcance de todos
JAMES MONTGOMERY BOICE

Livro III

O despertar para Deus

Parte
1
O Espírito de Deus

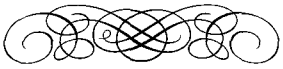
Tu crês que há um só Deus? Fazes bem; também os demônios o crêem e estremecem.
Tiago 2.19

Mas, quando vier aquele Espírito da verdade, ele vos guiará em toda a verdade, porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará o que há de vir. Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar.
João 16.13,14

Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou e se entregou a si mesmo por mim.
Gálatas 2.20

CAPÍTULO 1

O CRISTIANISMO PESSOAL



Toda religião tem conteúdo intelectual que seu seguidor presumidamente busca saber. Com relação a isso, os cristãos enfrentam dois perigos específicos ao aprofundarem-se nas doutrinas cristãs.

Por um lado, há o subjetivismo. O ensino cristão envolve a natureza de Deus e como Ele nos salvou por meio da morte de Jesus Cristo. Contudo, por isso ser profundo e tocante, em vez de os cristãos se esforçarem para entender sua fé racionalmente, tentam dar ênfase aos seus sentimentos e às suas experiências, muitas vezes ao ponto de tentarem, até mesmo, desvincular estes tanto da obra de Deus na história como das claras proposições bíblicas. Quando as experiências que buscam não ocorrem ou são diferentes do esperado, eles tentam basear-se em sentimentos espirituais por Deus, lançando mão da autossugestão, das circunstâncias ou das maquinações do diabo, que, segundo a Bíblia, pode até transfigurar-se *em anjo de luz* (2 Co 11.14).

Essa ênfase nem sempre é tão extrema assim. Às vezes, é meramente uma suposição, frequentemente impensada a fundo, de que experiências religiosas sejam necessárias para que haja a salvação de uma alma. Isso é o que sugerem, por exemplo, certos tipos de encontros de avivamento.

Podemos ter essa impressão também por meio de livros como *The Varieties of Religious Experience* [As variedades da experiência religiosa], de William James. Esse estudo clássico da psicologia da religião tenta refletir uma vasta experiência, bem como proporcionar uma análise imparcial. Quando as pessoas leem esse livro, ou qualquer outro do gênero, podem achar erroneamente que não são cristãs, simplesmente por nada tão intenso ter acontecido em sua vida.

Há também outro grande perigo: uma fé cristã totalmente objetiva. Muitos têm muito conhecimento bíblico e consentem com a verdade da Palavra de Deus, mas, mesmo assim, não mudam. Há fé, mas esta pode ser à que Tiago se referiu quando disse: *Tu crês que há um só Deus? Fazes bem; também os demônios o crêem e estremecem* (Tg 2.19). Esse perigo se faz presente entre os cristãos conservadores.

Harold O. J. Brown, em *The Conservative Option* [A opção conservadora], alerta:

> Insistir como, com certa razão, nós o fazemos quando se trata da natureza objetiva da expiação e de sua aplicação ao ser humano para a salvação gera o risco de dimensionar, no tempo e no espaço em que estamos inseridos, doutrinas que são puramente históricas e judiciais. Não podemos esquecer que estamos em um processo de santificação em que o Espírito Santo, que vai moldando nossa vida, deve continuar em nosso meio. (GUNDRY e JOHNSON, 1976, p. 356)

Como podemos evitar esses perigos? Como solucionaremos o problema da coexistência de uma revelação objetiva de Deus na história e de uma apropriação dessa salvação?

Se dependesse de nós, não haveria resposta a essa pergunta. Todavia, a Bíblia diz que Deus tem uma solução. Assim como o Pai enviou Seu Filho para realizar a obra objetiva e histórica da expiação para nos salvar, Ele também enviou o Espírito Santo para aplicar essa salvação a nós.

Esse ato não foi único e indivisível, mas envolve uma série de atos e processos: o chamado de Deus, a regeneração, a justificação, a adoção, a santificação e a glorificação. Em cada caso, o Espírito Santo aplica a obra de Cristo a nós.

A terceira seção deste livro lida com esses processos, ou seja, com a obra do Espírito Santo de Deus. Como Calvino aporta na terceira maior seção de *Institutes of the Christian Religion* [Institutas da religião cristã], essa obra implica: "a forma como recebemos a graça de Cristo, os benefícios que recebemos e os efeitos disso" (CALVINO, 1960, p. 537).

UMA PESSOA OU UM PODER?

Esse tema deve ser discutido tomando-se como base a natureza do Espírito Santo. A primeira pergunta é: "Seria Ele uma pessoa cuja obra é salvar-nos e santificar-nos, ou um poder que devemos usar a nosso favor?". Se o considerarmos um poder misterioso, poderemos perguntar-nos: "Como posso ter mais do Espírito Santo?". Se o considerarmos uma pessoa, a pergunta mudará: "Como o Espírito Santo pode ter mais de mim?". O primeiro pensamento não é bíblico, e o segundo, por sua vez, é neotestamentário.

Sobre isso, Reuben A. Torrey observou o seguinte:

> O conceito que sustenta que o Espírito Santo é um poder ou uma influência divina da qual devemos, de alguma forma, usufruir leva à autoexaltação e à autossuficiência. Quem pensa isso sobre o Espírito Santo e que, ao mesmo tempo, imagina que o recebeu enche-se de "orgulho espiritual", como se pertencesse a uma ordem superior de cristãos, e diz: "Sou uma pessoa do Espírito Santo!". Porém, se virmos o Espírito Santo como uma pessoa divina de infinita majestade, glória, santidade e poder, que se humilhou vindo fazer morada em nosso coração, tomando e usando nossa vida, Ele nos porá no pó da terra e lá nos manterá. Não há coisa mais humilhante que uma pessoa de divina majestade vir habitar em meu coração, dispondo-se a fazer uso até mesmo de mim. (TORREY, 1970, p. 8,9)

Essa distinção é ilustrada nas páginas do Novo Testamento. Por um lado, há o caso do mágico Simão, cuja história pode ser lida em Atos 8.9-24. Simão era um cidadão de Samaria, onde Filipe, um dos primeiros diáconos, tinha pregado o evangelho. Aparentemente, Simão creu em Cristo e foi salvo, tendo em vista o que foi relatado:

> *E creu até o próprio Simão; e, sendo batizado, ficou, de contínuo, com Filipe e, vendo os sinais e as grandes maravilhas que se faziam, estava atônito.*
>
> Atos 8.13

Entretanto, Simão sabia pouquíssimo acerca do cristianismo. Logo, quando viu os milagres realizados, ficou maravilhado. Achou até que o Espírito Santo era um poder que podia ser comprado. Mais tarde, quando Pedro e João foram inspecionar a obra em Samaria, foram usados por Deus para batizar no Espírito Santo. Simão ofereceu dinheiro aos discípulos para que pudesse ter o mesmo poder (At 8.19).

Pedro respondeu:

> *O teu dinheiro seja contigo para perdição, pois cuidaste que o dom de Deus se alcança*

por dinheiro. Tu não tens parte nem sorte nesta palavra, porque o teu coração não é reto diante de Deus. Arrepende-te, pois, dessa tua iniqüidade e ora a Deus, para que, porventura, te seja perdoado o pensamento do teu coração.

Atos 8.20-22

Podemos encontrar um exemplo contrastante no início da obra missionária que envolveu Paulo e Barnabé, quando, *servindo eles ao Senhor e jejuando, disse o Espírito Santo: Apartai-me a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado* (At 13.2). No primeiro exemplo, um indivíduo quis usar a Deus. No segundo, Deus usou dois indivíduos.

No entanto, é possível questionar: "Não existem passagens e, até mesmo, seções inteiras da Bíblia em que a personalidade distinta do Espírito Santo não está evidente?". Esse é o caso do Antigo Testamento, no qual são mencionados certos indivíduos a quem o *Espírito do SENHOR* [Deus] *revestiu* (Jz 6.34; 2 Cr 24.20), da mesma forma que, frequentemente, o Espírito de Deus é entendido como em Gênesis 1.2b: *E o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas.*

Essas passagens dão a entender que o Espírito Santo tem uma personalidade distinta. Entretanto, devemos admitir que, no Antigo Testamento, há pouco espaço para os que defendiam a ideia de que o Espírito Santo fosse uma pessoa da Trindade divina.

No Novo Testamento, por sua vez, o Espírito Santo é revelado, de fato, como uma pessoa da Trindade, totalmente equiparado ao Pai e ao Filho, mas diferente deles. Porém, como vimos no Livro I desta obra, isso não implica a existência de três deuses. Há três pessoas, mas, de uma forma que vai além de nossa plena compreensão, essas três formam um só Deus.

Uma pessoa é definida por seu conhecimento, seus sentimentos e sua vontade, e é exatamente isso o que é dito a respeito do Espírito Santo.

Em João 14.16-18, Jesus disse:

E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre, o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece; mas vós o conheceis, porque habita convosco e estará em vós. Não vos deixarei órfãos; voltarei para vós.

Se o Espírito fosse apenas um poder, essa promessa seria apenas uma compensação de Jesus: "Eu vou embora, mas deixarei algo para compensar Minha ausência". Todavia, o Espírito não é apenas um poder, mas uma pessoa divina, que tem personalidade e conhece nossas necessidades. Ele é provido tanto de sentimentos, pois se identifica conosco em nossos problemas, como de vontade própria, visto que decide consolar-nos em cumprimento à promessa do Senhor.

As evidências do Novo Testamento para a personalidade do Espírito Santo podem ser agrupadas nas seguintes categorias:

1. As ações do Espírito Santo. Um exemplo de ação do Espírito é a última passagem bíblica citada, em que Ele deve consolar os cristãos. Outro está em João 16.8, e refere-se à missão deste de convencer o pecador *do pecado, e da justiça, e do juízo.*

2. A missão do Espírito Santo, diferente da do Pai e do Filho. Jesus não deixa dúvidas quanto a essa missão em Seu último discurso: *Mas, quando vier o Consolador, que eu da parte do Pai vos hei de enviar, aquele Espírito da verdade, que procede do Pai, testificará de mim* (Jo 15.26).

3. A posição e o poder do Espírito Santo, iguais aos do Pai e do Filho. As várias maneiras

pelas quais os autores do Novo Testamento se referem à Trindade evidenciam essa igualdade entre a Trindade. Em Mateus 28.19, Jesus disse aos Seus discípulos:

> *Portanto, ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.*

Em 2 Coríntios 13.13, Paulo fez a seguinte oração:

> *A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com vós todos. Amém!*

Pedro falou a respeito daqueles que foram *eleitos segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e aspersão do sangue de Jesus Cristo* (1 Pe 1.2).

Judas, por sua vez, recomendou que fôssemos edificados na fé cristã, *orando no Espírito Santo,* e nos mantivéssemos *na caridade de Deus, esperando a misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo, para a vida eterna* (Jd 1.20,21).

4. As menções ao Espírito Santo. No batismo de Jesus, *o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corpórea, como uma pomba; e ouviu-se uma voz do céu, que dizia: Tu és meu Filho amado; em ti me tenho comprazido* (Lc 3.22).

No dia de Pentecostes, *foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles* (At 2.3).

5. O pecado contra o Espírito Santo. Isso implica uma ofensa contra Sua pessoa (Mt 12.31,32).

6. Os dons do Espírito Santo. Em 1 Coríntios 12.11, depois de enumerar os dons da sabedoria, do conhecimento, da fé, da cura, dos milagres, da profecia, do discernimento de espíritos, de línguas e de interpretação de línguas, Paulo disse: *Mas um só e o mesmo Espírito opera todas essas coisas, repartindo particularmente a cada um como quer.*

Os dons do Espírito Santo se distinguem do próprio, o que implica o fato de Ele não ser apenas um poder por trás desses notáveis dons.

Estes são seis argumentos que mostram que o Espírito Santo é uma pessoa. Contudo, o problema para muitos de nós não é bem a doutrina do Espírito, mas o que decidimos crer a respeito dela. Teoricamente, muitos creem que Ele é a terceira pessoa da Trindade. Mas será que realmente pensamos nele dessa forma? Será que pensamos nele de qualquer outra forma?

O ESPÍRITO É DEUS?

Há algo que também precisa ser estudado. Insistimos no fato de o Espírito Santo ser uma pessoa divina. Pois bem, Ele é divino no sentido de ser *de Deus* ou de ser *o próprio Deus*?

Uma das mais claras indicações da plena divindade do Espírito Santo está nas palavras de Jesus, quando Ele prometeu enviá-lo aos Seus discípulos como *outro Consolador* (Jo 14.16). Essa palavra *outro* em grego (texto original) pode ser traduzida de duas maneiras: *allos*, que significa *outro como o primeiro,* ou *heteros*, que significa *totalmente diferente.*

Como é a palavra *allos*, e não a *heteros,* que aparece no texto, Jesus quis afirmar que mandaria aos discípulos uma pessoa igual a Ele, ou seja, plenamente divina. Quem foi o primeiro Consolador? Jesus, pois fortaleceu e aconselhou os discípulos durante os anos de Seu ministério entre eles. Como Jesus iria deixá-los, em Seu lugar ficaria um Consolador, igual a Ele, outra pessoa divina que, dessa vez, estaria no interior de quem estivesse em Cristo.

Essa não é a única prova dessa importante doutrina. A divindade do Espírito Santo pode ser evidenciada nas seguintes categorias:

1. As qualidades divinas do Espírito Santo. O próprio termo *Espírito Santo* já fala por si, pois o termo *Santo* designa a essência da natureza de Deus. Ele é o *Pai Santo* (Jo 17.11) e Jesus é *o Cristo, o Filho de Deus* (Jo 6.69), *o Santo de Deus* (Mc 1.24). O Espírito Santo é também onisciente (Jo 16.12,13; 1 Co 2.10,11), onipotente (Lc 1.35) e onipresente (Sl 139.7-10).

2. As obras de Deus atribuídas ao Espírito Santo. O Espírito participou da obra da criação (Jó 33.4) e inspirou homens santos de Deus para que escrevessem a Bíblia (2 Pe 1.21). Além disso, Ele promove o novo nascimento, o que veremos mais a fundo no próximo capítulo (Jo 3.6), bem como a ressurreição (Rm 8.11).

3. A igualdade do Espírito Santo com o Deus Pai e o Deus Filho. As bênçãos e as fórmulas acima citadas são exemplos disso.

4. O nome de Deus associado ao Espírito indiretamente. O exemplo mais claro disso está em Atos 5.3,4, texto segundo o qual Pedro disse a Ananias:

Ananias, por que encheu Satanás o teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo e retivesses parte do preço da herdade? [...] *Não mentiste aos homens, mas a Deus.*

Outros exemplos são as passagens do Antigo Testamento citadas no Novo nas quais Deus ou o Espírito está afirmando algo. Em Isaías 6.8, por exemplo, está escrito:

Depois disso, ouvi a voz do Senhor, que dizia: A quem enviarei, e quem há de ir por nós? Então, disse eu: eis-me aqui, envia-me a mim.

Em Atos 28.25b, por sua vez, essa passagem de Isaías é citada:

Bem falou o Espírito Santo a nossos pais pelo profeta Isaías.

Já tentei mostrar como é importante sabermos, na prática, por que o Espírito Santo é uma pessoa. Agora, pergunto: É importante sabermos que Ele é também Deus? Sim, pois se soubermos disso e, constantemente, reconhecermos Sua divindade, seremos capazes de confiar em Sua obra.

J. I. Packer, em *Knowing God* [Conhecendo a Deus], pergunta:

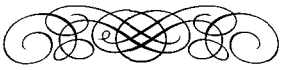
> Será que honramos o Espírito Santo, reconhecendo e confiando em Sua obra, ou o menosprezamos, ignoramos e desonramos – não só a Ele, mas também ao Senhor que o enviou? Será que reconhecemos por meio da fé a autoridade da Bíblia – do profético Antigo Testamento e do apostólico Novo Testamento que Ele inspirou? Será que lemos e ouvimos com a reverência e a receptividade que são devidas à Palavra de Deus? Se não, desonramos o Espírito Santo. Será que aplicamos a autoridade da Bíblia em nossa vida e vivemos por ela, sem nos importarmos com o que os outros dizem contra, reconhecendo que a Palavra de Deus é a verdade e que o Senhor irá cumprir tudo o que prometeu nela? Se não, desonramos o Espírito Santo, que nos deu a Bíblia. Será que nos lembramos de que o testemunho do Espírito Santo autentica o nosso? Será que olhamos para Ele? Será que confiamos nele como Paulo, que renegou a inteligência humana? Se não, desonramos o Espírito Santo. Será que podemos duvidar de que a "improdutividade" da vida da Igreja que se tem hoje seja juízo de Deus sobre nós

em função de desonrarmos o Espírito Santo? Nesse caso, que esperança podemos ter diante desse juízo, se não aprendermos a honrar o Espírito em nosso pensar, em nosso orar e em nossa prática? (PACKER, 1973, p. 63)

A personalidade e a divindade do Espírito Santo são ensinos práticos, pois é pela ação desse ser divino que o evangelho da salvação de Jesus Cristo pode alcançar-nos e transformar nossa vida. Ele é o segredo da religião vital e verdadeira.

CAPÍTULO 2

A OBRA DO ESPÍRITO SANTO



Ao conhecermos alguém, geralmente perguntamos: "Quem é você?" e "O que você faz?"; a pessoa, então, responde algo como: "Sou Fulano, sou professor". Ou ainda: "Sou Sicrano, trabalho para uma companhia aérea". Pois bem, podemos fazer as mesmas perguntas acerca do Espírito Santo.

No capítulo anterior, vimos que o Espírito Santo é uma pessoa divina com os mesmos atributos do Pai e do Filho. Neste capítulo, precisamos analisar o que Ele faz.

GLORIFICAR A CRISTO

Ao questionarmos a função do Espírito Santo, percebemos que não é fácil definir o que Ele realmente faz, pois, se Ele é Deus, então faz tudo o que o Pai e o Filho fazem. Assim, repito o que afirmei no Livro I, ao sugerir o modo como devemos lidar com a doutrina da Trindade.

Podemos dizer que o Espírito Santo: (1) participou da criação do universo (Gn 1.2); (2) inspirou a composição da Bíblia (2 Pe 1.21); (3) direcionou o ministério terreno do Senhor Jesus Cristo (Lc 4.18); (4) dá vida espiritual ao povo de Deus (Jo 3.6); e (5) chama e guia a Igreja (At 13.2; 16.6,7; 20.28).

Contudo, em várias partes da Bíblia, a obra do Pai, do Filho e do Espírito Santo é registrada de maneira individual. Por exemplo: o Pai participa mais da obra da criação, e o Filho participa mais da redenção da espécie humana. Qual seria a principal obra do Espírito Santo?

Alguns afirmam que é a santificação dos cristãos ou a inspiração da composição da Bíblia, enquanto outros destacam Seu papel na concessão dos dons espirituais à Igreja ou na indução de não cristãos à aceitação de Cristo. Entretanto, apesar de o Espírito Santo fazer tudo isso, essas não são as melhores respostas para a pergunta, visto que a mais adequada definição de Sua obra encontra-se em João 16.13,14, bem como em passagens relacionadas a ela, como podemos ler abaixo, nas palavras do próprio Cristo:

> *Mas, quando vier aquele Espírito da verdade, ele vos guiará em toda a verdade, porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará o que há de vir. Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar.*

Em João 15.26, o Senhor declara:

> *Mas, quando vier o Consolador, que eu da parte do Pai vos hei de enviar, aquele Espírito da verdade, que procede do Pai, testificará de mim.*

A principal obra do Espírito Santo é levar-nos a glorificar a Cristo. Todas as outras

obras giram em torno dessa. Ora, se Ele não fala de si mesmo, mas de Jesus, podemos concluir que qualquer ênfase dada à pessoa e à obra do Espírito que não aponte para Cristo não pode ser vinda do Espírito de Deus. Na verdade, é obra de outro espírito, o do anticristo, cuja obra é fazer com que a humanidade tire o foco de sua atenção de Jesus (1 Jo 4.2,3).

Apesar de Sua importância, o Espírito Santo não deve tomar o lugar de Cristo em nossa vida. A terceira pessoa da Trindade está em ação onde quer que Jesus esteja sendo exaltado e, nessa medida, podemos reconhecer a presença do Consolador, sendo-lhe gratos.

ENSINANDO SOBRE CRISTO

É possível questionar: de que maneira o Espírito Santo glorifica, especificamente, o Senhor Jesus Cristo? Ele o faz de quatro formas.

Primeiro, usando a Bíblia para ensinar sobre Jesus. O Novo Testamento diz que o Espírito Santo já fazia isso antes de Cristo vir ao mundo, por meio da inspiração do Antigo Testamento, mas a obra dele não parou ali.

No Novo Testamento, além de haver relatos sobre as ações de Jesus, há também a explicação de Seus motivos para agir da forma como agiu. A obra de Jesus serviu para influenciar Seus discípulos, fato que é enfatizado nas últimas conversas do Senhor com eles (ver Jo 15.26; 16.12,13a).

Os discípulos de Cristo sabiam que, no período veterotestamentário, o Espírito Santo havia se manifestado a certos profetas, reis e outros líderes, a fim de falar por meio deles. Muitos podem até ter entendido que a mensagem central do Antigo Testamento era apenas a promessa divina do envio de um Redentor; contudo, mais adiante, os discípulos de Jesus entenderam que o mesmo Espírito não somente se manifestaria a eles como também passaria a *estar* neles, para que nada a respeito da obra ou dos ensinos de Cristo, necessários para nossa salvação e para o crescimento da Igreja, se perdesse.

Como esses homens, em grande parte pescadores analfabetos, poderiam ser os agentes por meio dos quais nos seria transmitido o Novo Testamento? O que garante a confiabilidade da fonte dos relatos da vida deles, bem como dos ensinos de Jesus? Não é possível que eles tenham registrado alguns fatos de forma incorreta, ou confundido alguma verdade?

A resposta a essas especulações é que, no que tange ao registro dos fatos na Bíblia, os discípulos não cometeram erro algum, pois foram guiados pelo Espírito Santo. Alguns dos eventos e ensinos registrados por eles se basearam em coisas que viram e ouviram, e que lhes foi relembrado pelo Espírito, sendo tais relatos tão válidos quanto os do Antigo Testamento.

Segundo Pedro:

> *Porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo.*
>
> 2 Pedro 1.21

O Espírito Santo glorificou muito a Jesus quando preparou o caminho para a vinda dele por meio da inspiração do Antigo Testamento, o qual se responsabilizou por revelar às pessoas que tipo de coisas deveriam esperar, bem como por quanto tempo esperariam. Assim, Ele preservou a história da vinda do Cordeiro, proporcionando, por meio dos livros do Novo Testamento, a interpretação dela.

Essas passagens não somente sustentam que uma nova revelação está a caminho, mas sugerem a natureza dessa revelação.

1. Primeiro, a revelação é *histórica.*

Em João 16.13, Jesus prometeu que o Espírito Santo guiaria os discípulos em toda

verdade concernente a Ele. Em João 14.26, a historicidade é ainda mais clara:

> *Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito.*
>
> João 14.26

Os discípulos estavam sujeitos ao esquecimento de certos acontecimentos. Sendo assim, o Espírito Santo lhes traria à memória os eventos ligados à vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. O registro disso está nos Evangelhos e no livro de Atos.

A natureza histórica do cristianismo tem seu início de maneira dramática, diferente de qualquer outra religião, mitologia ou filosofia. Os seres humanos veem a religião como um conjunto de ideias. A salvação, por sua vez, é vista como algo alcançável por meio do aprendizado de certas coisas ou de determinadas atitudes. Convenhamos: o cristianismo se traduz em ideias, mas estas se baseiam no que Deus fez. Este é o fator determinante.

A base histórica também exclui o cristianismo do evolucionismo religioso, segundo o qual as ideias primitivas acerca de Deus, até então sustentadas pela Igreja, amadurecem à medida que seu conhecimento sobre Ele aumenta. Como isso, em tese, aconteceria até hoje, seria possível que deixássemos de crer em certas coisas concernentes ao Pai, passando a crer em outras que achássemos mais válidas.

Contrário a isso, Jesus ensinou que, longe de ser dispensável, a obra do Senhor na história é a base de Sua revelação ao ser humano, o que pode evidenciar-se na cruz de Cristo, na qual Deus não somente ensinou uma ideia, mas fez algo: expiou o pecado, revelou Seu amor e mostrou Seu juízo.

2. Segundo, a revelação de Deus é *doutrinária.*

Jesus declarou:

> *Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar.*
>
> João 16.14

> *Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito.*
>
> João 14.26

Os resultados disso estão nas epístolas, a começar por Romanos, texto no qual a doutrina cristã é desenvolvida de maneira plena. As outras epístolas lidam com problemas específicos das igrejas, bem como problemas teológicos e de liderança (1 e 2 Tm; Tt; 1, 2 e 3 Jo; 1 e 2 Pe; e Jd).

Deus agiu na história, permitindo-nos conhecer o porquê de Suas ações. Cristo veio ao mundo para que o Pai pudesse revelar-se a nós. Agora, sabemos que Ele é amor e justiça por causa do Filho, e que tem compaixão, misericórdia e muitos outros atributos também graças a Cristo. Jesus morreu, mas Sua morte teve muitas implicações, as quais nos são explicadas pela Bíblia.

3. Terceiro e último, a revelação de Deus é *profética.*

Jesus disse: *Mas, quando vier aquele Espírito da verdade, ele vos* [...] *anunciará o que há de vir* (Jo 16.13).

O resultado disso se vê ao longo de quase todo o Novo Testamento: Mateus 24, Mateus 25, Marcos 13, Romanos 11, 1 Coríntios 15, e, particularmente, Apocalipse.

As profecias indicam que as operações de Deus ao longo da história, ainda reais nos nossos dias, não acontecem de maneira estática. Logo, o presente não pode ser igual ao passado ou ao futuro. O Senhor está fazendo coisas sem igual com as pessoas,

colocando um plano em prática, de forma que cada um exerça um papel fundamental na sociedade.

Todo esse trabalho culminará no dia do retorno do Senhor, quando Deus levará para si Seu povo e demonstrará a todos que o caminho dele é o único caminho para a vida.

Diante de tudo isso, podemos concluir que o Espírito Santo nos deu a Bíblia para que Jesus fosse glorificado na história, na doutrina e na profecia.

LEVANDO PESSOAS A CRISTO

A segunda maneira de o Espírito Santo glorificar Jesus é levando homens e mulheres a Ele, por meio da fé. Discorro sobre isso em detalhes na seção deste livro intitulada *Como Deus salva os pecadores*. O que cabe dizer aqui é que, sem a atuação do Espírito Santo, ninguém pode chegar a Cristo.

Depois de afirmar que enviaria o Espírito Santo aos Seus discípulos para com eles estar para sempre, Jesus acrescentou:

> *O Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece; mas vós o conheceis, porque habita convosco e estará em vós.*
>
> João 14.17

João chama de *o mundo* os homens e mulheres que não têm parte com Cristo. Não sendo por meio da obra do Espírito Santo, ninguém pode ter acesso a Jesus, nem ver, conhecer ou receber coisas espirituais, visto que é o Espírito quem dá visão espiritual. Como Jesus destacou: *Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus* (Jo 3.3).

Sem a ação do Espírito Santo, ninguém pode conhecer as coisas espirituais, pois estas *se discernem espiritualmente* (1 Co 2.14). Ninguém pode receber o Espírito Santo ou Cristo, pois, como também afirmou Jesus: *Ninguém pode vir a mim, se o Pai, que me enviou, o não trouxer* (Jo 6.44).

O que fazer então? O Espírito Santo é que põe fim à cegueira espiritual para que alguém possa não apenas ver a verdade, mas compreender o que vê. Então, o próprio Espírito leva a pessoa a depositar sua fé em Cristo, sendo Ele, portanto, responsável pela existência de todos os cristãos na terra. Ou seja, o Espírito Santo nos leva à salvação e glorifica a Cristo.

REPRODUZINDO O CARÁTER DE CRISTO

O Espírito Santo glorifica a Jesus reproduzindo Seu caráter nos cristãos. Ele o faz de três maneiras: levando os cristãos a vencerem a si mesmos e ao pecado; intercedendo por eles em oração e ensinando-os a orar; e revelando a vontade de Deus para a vida deles, possibilitando que a cumpram. Esses ministérios combinados formam *o fruto do Espírito*, que é a vida de Cristo em nós. Paulo falou a respeito desse fruto em Gálatas 5.22,23:

> *Mas o fruto do Espírito é: caridade, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança. Contra essas coisas não há lei.*

Essas são as virtudes que formam, no mais alto grau, o caráter de Jesus, devendo, por isso, formar também o caráter de todo cristão. Comentaristas bíblicos sempre destacam o fato de elas originarem apenas um *fruto* (singular), e não *frutos*, sendo este o que precisa estar evidente em todos nós.

É importante diferenciar o *fruto* dos *dons* do Espírito, os quais serão analisados em detalhes na última parte deste volume. Isto foi, basicamente, o que Paulo revelou: *Mas um só e o mesmo Espírito opera todas essas coisas, repartindo particularmente a cada um como quer* (1 Co 12.11). Logo, independente de que função ministerial seja exercida, seja ela a

de líder, pastor, evangelista, ou qualquer outra, todo cristão deve ter *o fruto do Espírito*.

A virtude cristã mais importante é o *amor* [em algumas traduções aparece como *caridade*], visto que *Deus é amor* (1 Jo 4.8 NTLH). Podemos confirmar isso também nas palavras de Paulo: *Portanto, agora existem estas três coisas: a fé, a esperança e o amor. Porém a maior delas é o amor* (1 Co 13.13 NTLH).

O amor de Deus é virtuoso, pois é imerecido (Rm 5.8), grande (Ef 2.4), transformador (Rm 5.3-5), e imutável (Rm 8.35-39). Foi com base nele que o Senhor enviou Cristo para morrer por nossos pecados. Como cristãos, temos o Espírito Santo habitando em nós, sendo, portanto, nosso dever demonstrar esse grande amor à humanidade: *Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros* (Jo 13.35).

O *gozo* é comum aos cristãos. Mas este difere da alegria que depende das circunstâncias, as quais, se forem desfavoráveis, ela deixa de existir. O gozo, por sua vez, baseia-se no conhecimento que alguém tem acerca de Deus e do que Ele fez por nós, em Cristo.

Antes de ser preso e crucificado, Jesus falou a Seus discípulos sobre o gozo: *Tenho-vos dito isso para que a minha alegria permaneça em vós, e a vossa alegria seja completa* (Jo 15.11). O mesmo tema é abordado nos capítulos 14, 15 e, talvez, 16 do Evangelho de João, tendo aparecido, também, em João 17.13: *Mas, agora, vou para ti e digo isto no mundo, para que tenham a minha alegria completa em si mesmos.*

Por conhecermos a ação de Deus a nosso favor, podemos, como cristãos, alegrarmo-nos mesmo em meio ao sofrimento, aprisionamento ou qualquer outra calamidade.

A *paz* é o presente do Senhor à humanidade, obtida por meio da cruz de Cristo. Antes da cruz, éramos inimigos do Altíssimo. Agora, devemos mostrar os efeitos dessa paz em todas as circunstâncias (Fp 4.6,7), devendo esta reinar no lar (1 Co 7.12-16), entre judeus e gentios (Ef 2.14-17), na Igreja (Ef 4.3; Cl 3.15) e nos relacionamentos do cristão (Hb 12.14).

A *longanimidade* ou *paciência* se refere a suportar os outros, mesmo quando provado. Deus é o maior exemplo de paciência, haja vista que inúmeras vezes teve [e ainda tem] misericórdia dos rebeldes. Esse é um dos motivos pelos quais devemos voltar-nos a Ele em arrependimento por causa de nossos pecados (Jl 2.13; 2 Pe 3.9).

A *benignidade* ou *gentileza* é a atitude que o Senhor adota quando interage com as pessoas. Por direito, Ele poderia exigir nossa imediata e total conformidade com Sua vontade, sendo rígido no processo. Entretanto, Deus não é rígido, visto que se relaciona conosco como um pai deve relacionar-se com um filho.

> *Quando Israel era menino, eu o amei; e do Egito chamei a meu filho. Mas, como os chamavam, assim se iam da sua face; sacrificavam a baalins e queimavam incenso às imagens de escultura. Todavia, eu ensinei a andar a Efraim; tomei-os pelos seus braços, mas não conheceram que eu os curava. Atraí-os com cordas humanas, com cordas de amor; e fui para eles como os que tiram o jugo de sobre as suas queixadas; e lhes dei mantimento.*
>
> Oséias 11.1-4

Esse deve ser nosso modelo. Devemos mostrar benignidade aos outros assim como Deus nos mostra.

> *Irmãos, se algum homem chegar a ser surpreendido nalguma ofensa, vós, que sois espirituais, encaminhai o tal com espírito de mansidão, olhando por ti mesmo, para que não sejas também tentado. Levai as cargas uns dos outros e assim cumprireis a lei de Cristo.*
>
> Gálatas 6.1,2

A *bondade* é como a benignidade, mas revela-se principalmente em situações em que não há merecimento. Tem a ver com generosidade.

A *fé*, nesse contexto, caracteriza a dignidade ou a confiabilidade. Uma parte do caráter do próprio Deus está em jogo aqui. Servos fiéis de Cristo morrem por Ele, em vez de negá-lo; sofrem, mas mantêm seu título de cristãos. Assim é também Jesus, *fiel testemunha* (Ap 1.5), e Deus Pai, que sempre age em favor de Seus filhos (1 Co 1.9; 10.13; 1 Ts 5.24; 2 Ts 3.3).

A *mansidão* é vista naqueles que têm tanto autocontrole que se iram somente quando realmente devem (contra o pecado, por exemplo). Este foi o caso de Moisés. A respeito dele, está escrito: *E era o varão Moisés mui manso, mais do que todos os homens que havia sobre a terra* (Nm 12.3).

A última manifestação do fruto do Espírito é a *temperança*, que mortifica os desejos da carne e que está intimamente ligada à castidade, tanto da mente como do corpo.

William Barclay, em *Flesh and Spirit: An Examination of Galatians 5.19-23* [Carne e espírito: uma análise de Gálatas 5.19-23], observa que essa qualidade é a que vem àquele que aceita a Cristo em seu coração, capacitando-o a viver no mundo sem deixar suas vestes serem contaminadas por ele.

Todavia, o fato de essas nove virtudes serem inerentes ao Espírito que habita e atua naqueles que aceitam a Jesus como Senhor nem sempre significa que todo cristão irá, automaticamente, possuí-las. É por isso que somos exortados a andar em espírito, para não ceder à concupiscência da carne (Gl 5.16).

O que diferencia um cristão frutífero de um infrutífero é sua proximidade em relação a Cristo, bem como sua dependência dele. Jesus ensinou isso na parábola da videira e das varas:

> *Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o lavrador. Toda vara em mim que não dá fruto, a tira; e limpa toda aquela que dá fruto, para que dê mais fruto.* [...] *Estai em mim, e eu, em vós; como a vara de si mesma não pode dar fruto, se não estiver na videira, assim também vós, se não estiverdes em mim. Eu sou a videira, vós, as varas; quem está em mim, e eu nele, este dá muito fruto, porque sem mim nada podereis fazer.*
>
> João 15.1,2,4,5

Para ser frutífera, a vara deve estar na videira, viva, e não morta. No âmbito espiritual, isso significa que primeiro o indivíduo deve ser cristão, pois, sem Cristo, somente as obras da carne podem manifestar-se:

> *Porque as obras da carne são manifestas, as quais são: prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, emulações, iras, pelejas, dissensões, heresias, invejas, homicídios, bebedices, glutonarias e coisas semelhantes a estas.*
>
> Gálatas 5.19-21a

O fruto do Espírito só pode manifestar-se quando a vida de Cristo, por meio do Espírito Santo, flui no cristão.

Outro fato importante é que a videira deve ser podada. Isto é o que lemos nos versículos iniciais de João 15, nos quais Deus é chamado de *lavrador*, significando que Ele cuida de nós, expondo-nos ao sol de Sua presença, enriquecendo nosso solo e livrando-nos da seca espiritual. Se desejarmos ser frutíferos, deveremos estar ligados ao Senhor por meio da oração, alimentando-nos de Sua Palavra e permanecendo sempre próximos a outros cristãos.

Muitas vezes, a poda é desagradável e, até, sofrida, pois coisas que valorizamos podem ser tiradas de nós. Contudo, o propósito dela é o que faz toda a diferença na vida de todo cristão: a frutificação.

Levando cristãos ao serviço

Outra maneira de o Espírito Santo glorificar a Jesus é guiando Seus seguidores no serviço cristão, sustentando-os. Como indicam alguns capítulos anteriores, isso foi o que aconteceu com os discípulos: o Espírito os guiava de acordo com a vontade de Cristo, e Sua postura não é diferente com os cristãos atuais.

E, servindo eles ao Senhor e jejuando, disse o Espírito Santo: Apartai-me a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado. Então, jejuando, e orando, e pondo sobre eles as mãos, os despediram. E assim estes, enviados pelo Espírito Santo, desceram a Selêucia e dali navegaram para Chipre.

Atos 13.2-4

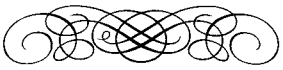
O Espírito Santo chama homens e mulheres para missões específicas, mas vai com eles à missão. É evidente que Ele não tem o mesmo chamado para todos. Deve ser por isso que não há na Bíblia detalhes acerca do modo pelo qual os discípulos de Jesus, em Antioquia, vieram a saber que o Espírito Santo havia designado Barnabé e Saulo para uma obra missionária.

No entanto, não é porque o Espírito chama que não devemos buscar Sua direção. Em Antioquia, Ele falou aos discípulos que adoravam e jejuavam ao Senhor, levando Sua obra a sério, dando tudo de si. É assim que devemos proceder também.

Entretanto, antes de ponderar a vida cristã, consideremos o processo de tornar-se um cristão. Melhor ainda, antes disto, por que não analisamos a mais complicada doutrina bíblica acerca da união do cristão com Cristo, por meio da obra do Espírito Santo?

CAPÍTULO 3

A UNIÃO COM CRISTO



A união com Cristo por meio do Espírito Santo não é um assunto periférico na teologia bíblica e, apesar de amplamente negligenciado, é um conceito chave para a compreensão dos ensinamentos do Senhor, como pretendemos mostrar neste capítulo.

De acordo com o comentarista bíblico James S. Stewart, esse tema é "o coração da religião de Paulo" (STEWART, p. 147), sendo, portanto, muito importante para o mesmo.

John Murray, por sua vez, afirmou que "a união com Cristo é a verdade central de toda a doutrina da salvação" (MURRAY, 1955, p. 170).

Seguindo a mesma linha de pensamento, Calvino [em *As Institutas*] explicou a questão dizendo que somente essa união garante a veracidade do título de Salvador atribuído a Jesus.

A. W. Pink, comentarista que talvez seja o mais enfático de todos, declarou que a união espiritual é a questão mais importante, profunda e abençoada de todas as contidas nas Sagradas Escrituras, embora, infelizmente, seja a mais negligenciada (PINK, 1971, p. 7).

Na realidade, a própria expressão *união espiritual* é desconhecida por muitos cristãos. Quando empregada, seu significado muda tanto que esta acaba reduzindo-se a um fragmento da verdade que representa.

Esse tema é, sem dúvida, indispensável para a compreensão da tarefa do Espírito Santo de aplicar os benefícios da expiação de Jesus ao cristão.

UNIÃO PASSADA, PRESENTE E FUTURA

Assim como a maioria dos ensinos neotestamentários, as sementes dessa doutrina estão nas palavras de Jesus, registradas nas Escrituras quase sempre por meio de metáforas, entre elas a da videira e a das varas, a saber:

> *Estai em mim, e eu, em vós; como a vara de si mesma não pode dar fruto, se não estiver na videira, assim também vós, se não estiverdes em mim. Eu sou a videira, vós, as varas; quem está em mim, e eu nele, este dá muito fruto, porque sem mim nada podereis fazer.*
>
> João 15.4,5

Em outra ocasião, Jesus se comparou a um pão que deve ser comido e à água da vida, que deve ser bebida:

> *E Jesus lhes disse: Eu sou o pão da vida; aquele que vem a mim não terá fome; e quem crê em mim nunca terá sede.*
>
> João 6.35

> *Jesus respondeu e disse-lhe: Se tu conheceras o dom de Deus e quem é o que te diz: Dá-me de beber, tu lhe pedirias, e ele te daria água viva. Disse-lhe a mulher:*

Senhor, tu não tens com que a tirar, e o poço é fundo; onde, pois, tens a água viva? És tu maior do que Jacó, o nosso pai, que nos deu o poço, bebendo ele próprio dele, e os seus filhos, e o seu gado? Jesus respondeu e disse-lhe: Qualquer que beber desta água tornará a ter sede, mas aquele que beber da água que eu lhe der nunca terá sede, porque a água que eu lhe der se fará nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna.

João 4.10-14

O mesmo está implícito no fato de que, ao recebermos ou rejeitarmos os seguidores de Cristo, estamos, igualmente, recebendo ou rejeitando a Jesus:

Quem vos ouve a vós a mim me ouve; e quem vos rejeita a vós a mim me rejeita; e quem a mim me rejeita rejeita aquele que me enviou.

Lucas 10.16

Na oração de Jesus registrada em João 17, essa união foi discutida explicitamente:

Eu não rogo somente por estes, mas também por aqueles que, pela sua palavra, hão de crer em mim; para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu, em ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste. [...] *Eu neles, e tu em mim, para que eles sejam perfeitos em unidade, e para que o mundo conheça que tu me enviaste a mim e que tens amado a eles como me tens amado a mim.*

João 17.20,21,23

Nos escritos de Paulo, essa doutrina foi desenvolvida e enfatizada. Ele usou a expressão *em Cristo* e seus equivalentes 164 vezes em suas epístolas.

O apóstolo em questão ensinou que, em Cristo, fomos eleitos antes da fundação do mundo (Ef 1.4); fomos, também, chamados (1 Co 7.22) e vivificados por Ele (Ef 2.5); justificados (Gl 2.17) e santificados nele (1 Co 1.2); criados nele para as boas obras (Ef 2.10) e enriquecidos nele, em toda a palavra e em todo o conhecimento (1 Co 1.5), bem como ressuscitados com Ele na Sua ressurreição (Rm 6.5).

Paulo sustentou ainda que, em Cristo, encontramos redenção (Rm 3.24), vida eterna (Rm 6.23), justiça (1 Co 1.30), sabedoria (1 Co 4.10), liberdade da Lei (Gl 2.4) e todas as bênçãos espirituais (Ef 1.3). Baseando-se nisso, ele testemunhou o seguinte:

Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou e se entregou a si mesmo por mim.

Gálatas 2.20

Diante de tudo o que foi exposto, é possível afirmar que a união com Cristo é um conceito muito amplo, responsável por tratar não somente de nossa experiência com Jesus no presente, mas também no passado e no futuro.

Em primeiro lugar, devemos considerar que a fonte da salvação tem sua origem na eleição realizada por Deus Pai, antes da fundação do mundo, por meio de Cristo:

Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo, como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em caridade.

Efésios 1.3,4

Mesmo que não compreendamos o significado dessa eleição divina em sua totalidade,

é possível entender que os propósitos do Senhor para nossa vida envolvem a salvação, a qual foi planejada desde o princípio.

Donald G. Barnhouse afirmou que a primeira obra do Espírito Santo em nosso favor foi eleger-nos membros do Corpo de Cristo (BARNHOUSE, 1958, p. 35).

Em Seus decretos eternos, Deus decidiu que, dentre a multidão de filhos de Adão, muitos se tornariam Seus filhos, os quais viriam a ter natureza divina, sendo feitos à imagem do Senhor Jesus Cristo. Estes, mediante a plenitude do Espírito que preenche tudo em todos, iriam tornar-se, por meio do novo nascimento, família de Deus e membros do Corpo de Cristo.

Em segundo lugar, no presente, estamos unidos com Jesus em nosso novo nascimento. Ele falou sobre isso com Nicodemos, dizendo:

> *Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus.*
>
> João 3.5.

Por essa razão, Paulo disse: *Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é* (2 Co 5.17a).

A vinda de Jesus ao mundo aponta para o nosso novo nascimento. Quando Maria engravidou, a vida imaculada e santa do Deus Filho foi colocada em seu corpo material, sujeito à corrupção pelo pecado. Assim, durante a gestação, podemos dizer que a corruptibilidade humana foi revestida da santidade divina de Jesus, coexistindo no interior da virgem.

De forma semelhante, quando o Espírito Santo faz morada em nosso coração, experimentamos a vida divina em nós. Podemos até apresentar a Deus o mesmo questionamento de Maria: *Como se fará isso* (Lc 1.34)? Mas a resposta está nas palavras do anjo:

> *Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; pelo que também o Santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus.*
>
> Lucas 1.35

Não nos tornamos seres divinos, como algumas religiões orientais creem, mas o Espírito Santo passa a habitar em nós, para que possamos ser chamados filhos e filhas de Deus. Por termos nos identificado com Jesus no momento de Sua morte na cruz, a redenção e a remissão do pecado nos foram asseguradas.

Como Paulo afirmou:

> *Ou não sabeis que todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados na sua morte?*
>
> Romanos 6.3

> *Em quem temos a redenção pelo seu sangue.*
>
> Efésios 1.7a

Quando Jesus foi crucificado, todos os que, pela fé, uniram-se espiritualmente a Ele também o foram. O Pai permitiu que o Filho morresse em nosso lugar. Se somos *um* com Cristo, devemos identificar-nos com Ele em Sua morte, a fim de que, por meio de Seu sacrifício, possamos ser libertos da escravidão do pecado.

Há um hino, composto por Henry G. Spafford, que expressa bem essa questão:

> Meu pecado, oh, que glorioso pensamento!
> Meu pecado, não em parte, mas por completo
> Foi pregado na cruz e não está mais comigo
> Glorie a Deus, Glorie a Deus, ó, minh'alma!

A união espiritual com Cristo nos garante que somos *um* com Ele não só em Sua morte, mas também em Sua vida.

No sexto capítulo de Romanos, Paulo declarou:

De sorte que fomos sepultados com ele pelo batismo na morte; para que, como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida. Porque, se fomos plantados juntamente com ele na semelhança da sua morte, também o seremos na da sua ressurreição; sabendo isto: que o nosso velho homem foi com ele crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito, a fim de que não sirvamos mais ao pecado. Porque aquele que está morto está justificado do pecado. Ora, se já morremos com Cristo, cremos que também com ele viveremos; sabendo que, havendo Cristo ressuscitado dos mortos, já não morre; a morte não mais terá domínio sobre ele. Pois, quanto a ter morrido, de uma vez morreu para o pecado; mas, quanto a viver, vive para Deus. Assim também vós considerai-vos como mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus, nosso Senhor.

Romanos 6.4-11

Por meio da crucificação, o poder do pecado foi quebrado e fomos libertos para obedecer a Deus e crescer em santidade. Nele temos assegurada nossa ressurreição final e nossa glorificação:

Porque, se fomos plantados juntamente com ele na semelhança da sua morte, também o seremos na da sua ressurreição.

Romanos 6.5

E, se nós somos filhos, somos, logo, herdeiros também, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo; se é certo que com ele padecemos, para que também com ele sejamos glorificados.

Romanos 8.17

O fato de estarmos unidos com Cristo implica que devemos esforçar-nos para sermos iguais a Ele. Essa união é a garantia da nossa salvação, devendo, portanto, ser eterna, para que sempre estejamos com Jesus (1 Jo 3.2).

Segundo Murray:

> A união com Cristo tem origem na eleição do Deus Pai antes da fundação do mundo e tem sua fruição na glorificação dos filhos do Altíssimo. A perspectiva do povo de Deus não se limita a tempo e espaço. Seu limite é a eternidade. Ela tem dois focos: o amor do Deus Pai que o levou a eleger-nos e a glorificação com Cristo na manifestação de Sua glória. O primeiro não tem princípio e o segundo não tem fim. (Murray, 1955, p. 164)

Sem Cristo, encontramo-nos em um estado de profundo caos. Por outro lado, com Ele tudo é diferente, visto que Deus transforma a calamidade em paz e alegria incomparáveis.

Mistérios da união com Cristo

Neste momento, você pode estar pensando: "Mas como posso unir-me com Cristo? Em que sentido devo morrer com Ele? Essas afirmações teológicas são incompreensíveis para mim".

Esses são questionamentos válidos, pois não é fácil entender tais conceitos, mas isso não nos exime do dever de buscar entendê-los, pois, como afirmou o filósofo e teólogo Anselmo, conhecido na Idade Média por seus famosos argumentos ontológicos acerca da existência de Deus, *fides quaerens intellectum* [a fé deve buscar o entendimento].

Quando privilegiamos essa ideologia, descobrimos que, na Bíblia, há muitas respostas para perguntas como essas, especialmente por meio de metáforas.

1. Tomemos, por exemplo, a metáfora expressa pela *união matrimonial*, registrada em Efésios 5. Após comparar Cristo ao noivo e a Igreja à noiva, Paulo concluiu: *Grande é este*

mistério; digo-o, porém, a respeito de Cristo e da igreja (Ef 5.32).

O que garante o sucesso de um casamento? Obviamente, o amor e a harmonia da união de dois pensamentos, de duas almas e de duas vontades. Como seres humanos, embora devêssemos, nem sempre priorizamos esse tipo de união em nossa relação conjugal.

Entretanto, esse é o modelo ideal que aponta para nosso relacionamento com Jesus, graças ao qual se torna possível que obedeçamos ao maior mandamento dele: *Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento* (Mt 22.37).

Embora nem sempre tenhamos sucesso no cumprimento desse princípio divino, este é o alvo para o qual o Espírito Santo nos conduz. Contudo, esse conceito de união não se limita apenas ao contexto do casamento, podendo, portanto, ser concebido também fora dele.

A singularidade pertinente ao caráter da união matrimonial deve-se, sobretudo, ao novo conjunto de relacionamentos que ele cria. O casamento geralmente traz mudança ao nome da mulher [quando ela adota o sobrenome do marido]. Digamos que uma mulher se chame Mary Tower. Após se casar com um homem chamado Jim Schultz, ela deixa o cartório como Mary Tower Schultz ou simplesmente Mary Schultz. Nesse caso, ela se torna um com seu marido por meio do casamento. Da mesma forma, quem se entrega a Cristo e identifica-se com Ele em Sua morte [recebe a vida espiritual que Ele dá] passa de pecador a justo [uma pessoa justificada por Cristo diante de Deus].

Essa transformação traz algumas mudanças legais. Se a Maria de nosso exemplo tivesse um bem antes do casamento, ela poderia tê-lo vendido antes de casar-se, contando apenas com sua própria assinatura no documento. Após o casamento, porém, ela não pode mais fazer isso, pois passa a estar ligada legalmente ao seu marido. Esse fato nos remete à necessidade de unirmo-nos espiritualmente a Cristo para sermos salvos, pois, por meio dessa união, reconhecemos que nosso Noivo fiel pagou o preço pelos pecados dos quais éramos devedores.

O casamento também provoca mudanças psicológicas e sociais. Maria sabe que agora é uma mulher casada, precisando, portanto, aprender a ver-se e a agir como tal. Ela reconhece que necessita adotar uma nova postura com relação aos outros homens, e entende que terá de acostumar-se, inclusive, à companhia de novos amigos, bem como terá de adaptar seus sonhos ao seu novo relacionamento. Da mesma forma, quando nos unimos com Cristo, nossos velhos relacionamentos mudam, e Ele se torna o centro de nossa vida e existência.

2. A segunda metáfora de nossa união com Jesus é a do *corpo*. Em Efésios 1.22,23, lemos:

> *E* [o Deus Pai] *sujeitou todas as coisas a seus pés* [de Cristo] *e, sobre todas as coisas, o constituiu como cabeça da igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos.*

Em Colossenses 1.18a, Paulo diz que Jesus *é a cabeça do corpo da igreja.*

O desenvolvimento dessa ideia se encontra em 1 Coríntios 12.12-27:

> *Porque, assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, são um só corpo, assim é Cristo também. Pois todos nós fomos batizados em um Espírito, formando um corpo, quer judeus, quer gregos, quer servos, quer livres, e todos temos bebido de um Espírito.* [...] *Ora, vós sois o corpo de Cristo e seus membros em particular.*

Essa ilustração indica, em primeiro lugar, que nossa união com Cristo implica nossa

união uns com os outros, como corpo espiritual. Como lemos nos versículos anteriores, a união é imprescindível.

Em segundo lugar, a afirmação que aponta Jesus como Cabeça [do corpo místico que compõe a Igreja] denota Seu senhorio. Todos nós somos membros do Corpo de Cristo, mas o corpo *pertence* a Ele, que, como Cabeça, é o único responsável por determinar o funcionamento apropriado desse corpo.

Em terceiro lugar, essa ilustração mostra a união da Cabeça com o Corpo como uma união viva e crescente, alcançada não por meio da afiliação a uma instituição religiosa, mesmo que esta seja uma igreja verdadeira, mas sim quando o próprio Jesus passa [por intermédio do Espírito] a viver num indivíduo.

A ilustração da videira e das varas (Jo 15.1-17) demonstra que a união de alguém com Cristo tem um objetivo: a frutificação, por meio da qual podemos ser úteis a Deus neste mundo.

Atente para o fato de que essa frutificação é alcançada pelo poder de Jesus, e não por qualquer esforço nosso, pois, como Ele disse: *Sem mim nada podereis fazer* (Jo 15.5). Além disso, devemos ter em mente que Cristo é quem nos poda, preparando-nos para Sua obra, a fim de que sejamos frutíferos da forma como Ele deseja.

3. A última metáfora referente a esse tema fala sobre um *templo espiritual* composto por muitas pedras, sendo Cristo o fundamento sobre o qual todas as demais estão edificadas:

> *Edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra da esquina; no qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para templo santo no Senhor, no qual também vós juntamente sois edificados para morada de Deus no Espírito.*
>
> Efésios 2.20-22

Traçando um paralelo com isso, Jesus afirmou:

> *Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras e as pratica, assemelhá-lo-ei ao homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha.*
>
> Mateus 7.24

De acordo com a mesma linha de pensamento, Paulo nos chamou de *edifício de Deus*:

> *Porque nós somos cooperadores de Deus; vós sois lavoura de Deus e edifício de Deus.* [...] *Porque ninguém pode pôr outro fundamento, além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo. E, se alguém sobre este fundamento formar um edifício de ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno, palha, a obra de cada um se manifestará; na verdade, o Dia a declarará, porque pelo fogo será descoberta; e o fogo provará qual seja a obra de cada um. Se a obra que alguém edificou nessa parte permanecer, esse receberá galardão. Se a obra de alguém se queimar, sofrerá detrimento; mas o tal será salvo, todavia como pelo fogo.*
>
> 1 Coríntios 3.9,11-15

Em cada um desses casos, a ideia central é a mesma: a importância de nossa permanência em Cristo, que, por ser o fundamento de tudo, é imutável. Tudo o que for edificado sobre Ele será permanente como Ele é. Sendo assim, quem for de Jesus não perecerá, mas resistirá.

O batismo com o Espírito Santo

Como se dá o batismo com o Espírito Santo? Vimos que a união com Cristo, fonte permanente do poder divino nos cristãos, por ser um relacionamento vivo, traz mudanças. Mas como passamos da condenação para a salvação e, assim, tornamo-nos filhos e filhas de Deus? Como deixamos nossa condição de

seres espiritualmente mortos, sem poder ou força, para assumirmos o novo caráter de seres vivos e fortes? Como nós, que viemos do pó da terra e tornaremos ao pó (Gn 3.19), poderemos viver eternamente? A resposta é: por meio do Espírito Santo, que, ao vir habitar em nós e unir-nos a Cristo, faz com que a vida divina flua em nós para a vida eterna (Jo 4.14).

É isso o que eu e a maioria dos calvinistas entendemos por batismo com o Espírito Santo (Mt 3.11)[1]. E, embora hoje em dia esse conceito se refira a experiências ligadas ao dom de falar em línguas, ao de profecias e outros, discutirei, em detalhes, esses dons – incluindo o de línguas – no quarto e último livro deste volume.

O uso do termo *batismo com o Espírito Santo* é impreciso, não sendo considerado [pela teologia calvinista e as derivadas] uma segunda obra da graça divina. Essa imprecisão no uso do termo, porém, não diminui a importância das obras da graça de Deus na vida dos cristãos, que, sem dúvida, devem estar, constantemente, buscando as coisas referentes ao Espírito:

> *Digo, porém: Andai em Espírito e não cumprireis a concupiscência da carne.*
> Gálatas 5.16

> *E não vos embriagueis com vinho, em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito.*
> Efésios 5.18

O batismo com o Espírito Santo é uma questão muito abrangente, que nos revela, entre outras coisas, a maneira pela qual o cristão verdadeiro identifica-se como membro do Corpo de Cristo. Para melhor entendermos isso, devemos examinar as passagens neotestamentárias nas quais esse batismo ocorre. Algumas delas têm natureza profética, e apontam para o derramamento do Espírito de Deus sobre Seu povo, de acordo com o Antigo Testamento:

> *Até que se derrame sobre nós o Espírito lá do alto; então, o deserto se tornará em campo fértil, e o campo fértil será reputado por um bosque.*
> Isaías 32.15

> *Porque derramarei água sobre o sedento e rios, sobre a terra seca; derramarei o meu Espírito sobre a tua posteridade e a minha bênção, sobre os teus descendentes.*
> Isaías 44.3

> *E há de ser que, depois, derramarei o meu Espírito sobre toda a carne, e vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos velhos terão sonhos, os vossos jovens terão visões.*
> Joel 2.28

O diferencial das passagens acima é sua conexão com o ministério de Jesus. Logo, em determinados textos bíblicos, como é o caso do terceiro capítulo de Mateus, há o registro de João Batista dizendo:

> *E eu, em verdade, vos batizo com água, para o arrependimento; mas aquele que vem após mim é mais poderoso do que eu; não sou digno de levar as suas sandálias; ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo.*
> Mateus 3.11

Em outro momento, Jesus disse a Seus discípulos que, no Dia de Pentecostes, eles deveriam esperar pela vinda do Espírito Santo em Jerusalém:

> *Porque, na verdade, João batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo, não muito depois destes dias.*
> Atos 1.5

No texto original, em grego, Jesus foi chamado de *Batista* ou *Aquele que batiza*, por batizar com o Espírito Santo como João

batizava com água. Observe a seguinte passagem registrada em Atos:

> *E lembrei-me do dito do Senhor, quando disse: João certamente batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo.*
>
> Atos 11.16

Essa referência é significativa por mostrar que, para Deus, tanto judeus como gentios podiam ser batizados com o Espírito Santo. Em outras palavras, não deveria haver duas classes de cristãos na Igreja, mas uma só.

Seguindo essa mesma linha de pensamento, podemos dizer que é em 1 Coríntios 12.13 que encontramos a mais importante de todas as referências acerca desse tema. Essa importância se deve à sua didática, visto que o caráter informativo, e não descritivo, dessa passagem acaba colaborando para que ela contenha a doutrina que serve de base para o entendimento de todas as demais:

> *Pois todos nós fomos batizados em um Espírito, formando um corpo, quer judeus, quer gregos, quer servos, quer livres, e todos temos bebido de um Espírito.*

Primeiro, note como a unidade entre os cristãos é enfatizada aqui. A Igreja em Corinto havia permitido que seu anseio por diversos dons espirituais a dividisse. Paulo, porém, escreveu que, na verdade, em vez de separarem-se, eles deveriam unir-se. Seu principal argumento é que todos haviam sido batizados por um mesmo Espírito, unindo-se a um só Corpo, o de Cristo. Assim, essa passagem serve a todos os que erroneamente usam a questão do batismo no Espírito Santo com o intuito de dividir os cristãos, destruindo a comunhão que entre eles deve haver.

Em segundo lugar, é preciso atentar para o fato de essa experiência estar disponível a todos os cristãos. Ainda nesse mesmo texto está escrito que *todos nós fomos batizados* [...] *e todos temos bebido de um Espírito*, e isto, ao meu ver, significa que o batismo no Espírito Santo não é uma experiência secundária e especial reservada a poucos, mas sim aquela que nos define como cristãos. É por meio deste, e também da fé em Jesus, que o Espírito promove nossa identificação com Cristo e com Seu Corpo espiritual, que é a Igreja, unindo-nos, assim, à família de Deus.

John R. W. Stott resumiu esse fato da seguinte forma:

> O *dom* ou o *batismo* do Espírito é uma das bênçãos da nova aliança de caráter *universal*, ou seja, acessível a todos, visto que é a bênção *inicial* dessa nova era. O Senhor Jesus, Mediador dessa nova aliança, é responsável por conceder não somente as bênçãos referentes a ela, mas também o perdão de pecados e o dom do Espírito a todos que se aliam a Ele. Além disso, o batismo com água seria um sinal externo do perdão de pecados e do batismo com o Espírito. Enquanto o primeiro é considerado o rito inicial do cristianismo, o segundo é visto como a primeira experiência cristã. (Stott, 1964, p. 28)

Dito isso, será que, com base no relato da vinda do Espírito Santo no Dia de Pentecostes, devemos considerar a busca pelo dom de falar em línguas, bem como por qualquer outro dom, essencial à vida cristã?

Essa questão requer muita atenção. Se o batismo no Espírito Santo for, de fato, a *primeira experiência cristã*, como afirmou Stott, e se falar em línguas ou fazer uso de qualquer outro dom similar for algo necessário para provar a efetividade desse batismo, então seria possível afirmar que quem nunca teve essa experiência não foi verdadeiramente salvo? Não. Poucos chegam a essa drástica conclusão, pois a maioria das pessoas crê que a salvação depende apenas da fé de que o Senhor

Jesus Cristo é o Salvador, não sendo imprescindível, portanto, a manifestação do dom de línguas ou de qualquer outro semelhante a ele.

Por outro lado, embora não haja respaldo bíblico para que o batismo com o Espírito seja considerado uma segunda obra da graça divina, não deixa de ter sentido relacioná-lo à experiência do Pentecostes. Se observarmos as passagens bíblicas que tratam explicitamente dos dons e do batismo, descobriremos que o exercício do dom de línguas não foi tido como algo negativo, pelo contrário:

> *Portanto, irmãos, procurai, com zelo, profetizar e não proibais falar línguas.*
>
> 1 Coríntios 14.39

> *Ora, há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo. E há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos. Mas a manifestação do Espírito é dada a cada um para o que for útil. Porque a um, pelo Espírito, é dada a palavra da sabedoria; e a outro, pelo mesmo Espírito, a palavra da ciência; e a outro, pelo mesmo Espírito, a fé; e a outro, pelo mesmo Espírito, os dons de curar; e a outro, a operação de maravilhas; e a outro, a profecia; e a outro, o dom de discernir os espíritos; e a outro, a variedade de línguas; e a outro, a interpretação das línguas. Mas um só e o mesmo Espírito opera todas essas coisas, repartindo particularmente a cada um como quer.*
>
> 1 Coríntios 12.4-11

Contudo, apesar de todos os cristãos terem pelo menos um dom, nem por isso não foram encorajados a buscar o dom de línguas mais que os demais:

> *Porventura, são todos apóstolos? São todos profetas? São todos doutores? São todos operadores de milagres? Têm todos o dom de curar? Falam todos diversas línguas? Interpretam todos?*
>
> 1 Coríntios 12.29,30

> *Segui a caridade e procurai com zelo os dons espirituais, mas principalmente o de profetizar. Porque o que fala língua estranha não fala aos homens, senão a Deus; porque ninguém o entende, e em espírito fala de mistérios. Mas o que profetiza fala aos homens para edificação, exortação e consolação. O que fala língua estranha edifica-se a si mesmo, mas o que profetiza edifica a igreja. E eu quero que todos vós faleis línguas estranhas; mas muito mais que profetizeis, porque o que profetiza é maior do que o que fala línguas estranhas, a não ser que também interprete, para que a igreja receba edificação.*
>
> 1 Coríntios 14.1-5

Os vários dons citados na primeira carta de Paulo aos coríntios dão a entender que o dom de línguas – mencionado por último – tem, relativamente, menos importância que os demais dons.

Por que então Lucas teria enfatizado esse dom em seu relato acerca do Pentecostes? Seria suficiente dizer que ele o fez apenas para que se cumprisse a profecia em Joel 2.28?

Se buscarmos no Evangelho de Lucas um significado teológico para justificar a ênfase dada pelo escritor ao dom de línguas, tendo em vista que ele foi um historiador e cronista, veremos que a maior ênfase foi no resultado do Dia de Pentecostes: a proclamação do evangelho e a resposta a essa proclamação, que foi muito além da manifestação do dom de línguas[2].

Charles E. Hummel dedicou-se a tentar preencher as lacunas entre as teologias pentecostais e as não pentecostais. Em um de seus livros, ele negou a distinção que fiz entre as

passagens descritivas e as didáticas. Mesmo assim, quando abordou a questão da ênfase teológica de Lucas, focou não somente a experiência do dom de línguas, mas a propagação do evangelho: "De acordo com a pregação de Lucas, o batismo no Espírito para os discípulos de Jesus foi um fortalecimento para um testemunho profético" (Hummel, 1978, p. 182).

A conclusão é que o batismo no Espírito Santo é algo que está disponível a todo cristão. Além de ser selado com o Espírito, o cristão deve também dar lugar ao Espírito Santo, a fim de que possa vivenciar essa experiência da graça divina que se expressa no testemunho de Cristo.

Contudo, não existe sequer um texto no Novo Testamento obrigando os cristãos a falar em línguas como evidência do batismo como o Espírito, haja vista que a salvação operada por Cristo não depende da manifestação de dom algum para ser validada. Entretanto, o batismo no Espírito, bem como nossa união com Cristo, são fontes básicas a partir das quais toda bênção espiritual flui.

Nota

1 O autor deste comentário, cuja linha é calvinista, defende a ideia de que o batismo com o Espírito Santo ocorre no momento em que uma pessoa se converte e vai se deixando dominar por Ele, e não pela sua carnalidade. Essa ideia não é contrária ao que é ensinado pelo pentecostalismo. A diferença reside no fato de que a interpretação pentecostal identifica dois momentos na obra do Espírito: um inicial, quando o Espírito Santo passa a habitar no cristão e o sela para a redenção; e um posterior, quando o Espírito reveste o cristão de poder e dons em prol da pregação do evangelho e de um testemunho mais impactante e eficaz. As duas interpretações [a pentecostal e a calvinista] estão corretas do ponto de vista bíblico, uma vez que ambas consideram a ação poderosa e regeneradora do Espírito, bem como a capacitação para o ministério.

2 O dom de línguas, na verdade, possibilitou que *os partos e medos, elamitas e os que habitam na Mesopotâmia, e Judéia, e Capadócia, e Ponto, e Ásia, e Frígia, e Panfília, Egito e partes da Líbia, junto a Cirene, e forasteiros romanos (tanto judeus como prosélitos), e cretenses, e árabes,* presentes em Jerusalém para a Festa do Pentecostes pudessem ouvir em seu própio idioma sobre as *grandezas de Deus* (At 2.9-11).

Parte 2

Como Deus salva os pecadores

Jesus respondeu e disse-lhe: Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus.

João 3.3

Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isso não vem de vós; é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie.

Efésios 2.8,9

Mas, àquele que não pratica, porém crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é imputada como justiça.

Romanos 4.5

Todo aquele que crê que Jesus é o Cristo é nascido de Deus; e todo aquele que ama ao que o gerou também ama ao que dele é nascido. Nisto conhecemos que amamos os filhos de Deus: quando amamos a Deus e guardamos os seus mandamentos.

1 João 5.1,2

Porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus. Porque não recebestes o espírito de escravidão, para, outra vez, estardes em temor, mas recebestes o espírito de adoção de filhos, pelo qual clamamos: Aba, Pai.

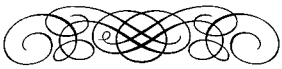
Romanos 8.14,15

Não peço que os tires do mundo, mas que os livres do mal. Não são do mundo, como eu do mundo não sou. Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade.

João 17.15-17

CAPÍTULO 4

O NOVO NASCIMENTO



O nascimento de um bebê é algo tremendo, pois emociona o pai, a mãe e até os médicos e as enfermeiras envolvidos no parto, visto que, apesar de acostumados, eles nunca deixam de maravilhar-se com esse milagre da vida.

Na maioria das vezes, quando pessoas famosas têm filhos, a notícia é relatada nos jornais, nas revistas e na televisão. Entretanto, nenhum desses casos pode comparar-se ao nascimento sobrenatural do Filho de Deus. Embora o mundo hodierno não tenha demonstrado interesse pelo evento, haja vista que poucos se importaram com a chegada de Cristo a terra, houve celebração dos anjos no céu.

Da mesma forma, poucos valorizam hoje o chamado *novo nascimento* do ser humano, que se dá após alguém reconhecer sua condição como pecador, arrepender-se e aceitar a Jesus como seu Senhor e Salvador, passando, assim, a ser conhecido como *nova criatura.* No entanto, Jesus assinalou *que há alegria diante dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende* (Lc 15.10).

O novo nascimento é uma "ressurreição espiritual", a passagem de alguém que se encontrava morto em delitos e pecados para uma nova e abundante vida. É quando um *filho da ira* se torna um filho do Pai celestial.

O termo teológico para esse novo nascimento é *regeneração.*

O QUE SUCEDE À SALVAÇÃO?

A regeneração é importante, mas não pode ser vista como um fim, e sim como um meio de salvação.

John Murray afirmou em um de seus livros que, da mesma maneira que Deus fez a terra cheia de coisas boas para satisfazer o ser humano, Ele nos abençoou com a salvação:

> Essa superabundância se evidencia no eterno princípio de Deus a respeito da salvação. Ela aparece na conquista histórica da redenção humana por meio da obra de Cristo, que foi única, e também na aplicação contínua e progressiva da redenção, até alcançar a consumação na liberdade da glória dos filhos de Deus. (MURRAY, 1955, p. 79)

As palavras *contínua* e *progressiva* indicam que o novo nascimento, apesar de fundamental, é apenas um dos passos de um processo de salvação que desemboca na eternidade.

Apesar da conquista de nossa salvação pela morte de Jesus ter sido única, sua aplicação envolve uma série de atos chamados de *ordo salutis* ou *passos da salvação* [de Deus].

Quais seriam esses passos? Um dos mais óbvios é a escolha determinante de uma pessoa por Deus realizada antes do novo nascimento [a eleição], que pode ser lida em passagens como João 1.12,13, segundo a qual todos

aqueles que são *feitos filhos de Deus* [...] *não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus.*

Em Tiago 1.18, essa ideia é ratificada: *Segundo a sua vontade, ele* [Deus] *nos gerou pela palavra da verdade, para que fôssemos como primícias das suas criaturas.*

Há também outros processos que envolvem o novo nascimento. Em João 3.3b, lemos: *Aquele que não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus.* Mais adiante, João 3.5 completou essa afirmação dizendo: *Aquele que não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus.*

Não podemos deixar de mencionar que o novo nascimento precede a entrada no Reino de Deus. Em 1 João 3.9, é dito: *Qualquer que é nascido de Deus não comete pecado; porque a sua semente permanece nele; e não pode pecar, porque é nascido de Deus.*

João não quis dizer, com isso, que somos perfeitos. Antes, sustentou que os cristãos também pecam eventualmente. Se o negarmos, estaremos enganando-nos ou mentindo: *Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e não há verdade em nós* (1 Jo 1.8).

Dessa forma, João se referia à santificação, que, sendo sucessora da regeneração, é o crescimento progressivo em santidade de qualquer que tenha se tornado filho de Deus.

Em Romanos 8.28-30, são mencionadas a justificação e a glorificação no processo de salvação:

> *E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por seu decreto. Porque os que dantes conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou.*

Nessa passagem, a onisciência e a presciência de Deus respondem pela eleição/predestinação de alguém que é chamado e justificado por Cristo, sendo posteriormente glorificado como ápice da obra de redenção.

Tomando como base o ensino de Paulo, podemos dizer que a justificação pressupõe a fé: *Sendo, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo* (Rm 5.1). Logo, é possível afirmar que a fé vem antes da justificação, mas é acrescida depois da regeneração. A santificação se sucede à justificação e antecede a glorificação.

Portanto, identificamos como elementos presentes no novo nascimento a onisciência de Deus, a eleição/predestinação, Seu chamado a nós, a regeneração, a fé e o arrependimento, a justificação, a santificação e a glorificação.

Esses passos poderiam ser subdivididos e, até, combinados, sem alterar seu sentido original. Contudo, essa é a sequência da salvação apresentada na Bíblia, a qual nos ajuda a entender o processo por meio do qual Deus nos salva.

Antes de qualquer outra coisa está a eterna soberania do Senhor, que lhe dá o direito de livre escolha em todos os aspectos da vida [respeitando, é claro, o nosso livre-arbítrio]. Quanto à nossa experiência pessoal, o primeiro passo é nossa regeneração espiritual.

A INICIATIVA DIVINA

O renascimento é uma metáfora do passo inicial da salvação usada por Jesus para nos mostrar a necessidade de um novo começo. Mas Ele não disse que precisamos renascer fisicamente, pois, como afirmou Nicodemos, isso não faria sentido:

> *Disse-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer, sendo velho? Porventura,*

pode tornar a entrar no ventre de sua mãe e nascer? [...] *Nicodemos respondeu e disse-lhe: Como pode ser isso?*

João 3.4,9

De fato, precisamos renascer espiritualmente para ter um novo começo, pois, com nossos pecados, arruinamos o início que tivemos no Éden, com Adão. É essencial que possamos dizer: *As coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo* (2 Co 5.17).

A regeneração é obra de Deus, e não do ser humano pecador. Assim como um bebê não pode nascer por vontade própria, visto que a concepção dele depende da fecundação de um óvulo por um espermatozoide, o renascimento espiritual se inicia pela vontade do nosso Pai celestial, fugindo, assim, de nossa alçada.

Na primeira referência ao novo nascimento no Evangelho de João podemos ler o seguinte:

Mas a todos quantos o receberam deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus: aos que crêem no seu nome, os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus.

João 1.12,13

Nessa passagem, o apóstolo João ressaltou que ninguém renasce espiritualmente por vontade da carne, humana. Os que *não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus,* são os regenerados espiritualmente.

Há quem considere aqueles que pertencem a uma linhagem de família rica como pessoas de *sangue nobre*. Assim, no tempo de Jesus, milhares de judeus se consideravam justos perante Deus simplesmente porque eram descendentes de Abraão: *Somos descendência de Abraão, e nunca servimos a ninguém; como dizes tu: Sereis livres?* (Jo 8.33). Foi para pessoas como essas, que se vangloriavam de suas origens, que Paulo escreveu Filipenses 3.4-7:

Se algum outro cuida que pode confiar na carne, ainda mais eu: circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus; segundo a lei, fui fariseu, segundo o zelo, perseguidor da igreja; segundo a justiça que há na lei, irrepreensível. Mas o que para mim era ganho reputei-o perda por Cristo.

Abraão recebera promessas de que Deus estaria com ele e com seus descendentes, abençoando-os para sempre. Por conseguinte, isso fez com que estes pensassem que sua justificação estaria garantida somente com base nessa herança genética e religiosa. Ante essa visão equivocada, Jesus explicou que Deus está interessado em um relacionamento espiritual, e, por causa da corrupção de suas ações, aqueles que recusavam o Messias e mentiam acerca dele seriam considerados filhos do maligno:

[Disse-lhes Jesus:] *Vós tendes por pai ao diabo e quereis satisfazer os desejos de vosso pai; ele foi homicida desde o princípio e não se firmou na verdade, porque não há verdade nele; quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira.*

João 8.44

Da mesma forma, muitos hoje se acham justos por terem nascido num lar ou país cristãos. Todavia, a linhagem humana não garante a salvação de ninguém.

A declaração de João de que o renascimento não depende *da vontade da carne* (Jo 1.12,13) é mais difícil de interpretar. Agostinho, assim como eu, compreendeu essa citação da seguinte forma: a expressão *não do*

sangue seria uma referência ao nascimento humano, sendo a frase *não da vontade da carne* uma alusão à tarefa da mulher na reprodução, enquanto a *não da vontade do varão* nos remeteria à responsabilidade do homem nesse processo.

Para Lutero, *vontade da carne* diz respeito ao ato da adoção; para Frederick Godet, à imaginação sexual; e para Calvino, à força de vontade. No Novo Testamento, a palavra *carne* se refere ao nosso apetite natural, nossos desejos sexuais e emocionais. Logo, aproximamo-nos da forma como João articulou seu pensamento ao dizermos que ninguém pode tornar-se filho de Deus por meio de sentimentos ou emoções.

Hoje, muitos pensam que são cristãos simplesmente porque se emocionam durante as reuniões na igreja ou porque, alguma vez, já choraram após um culto evangélico. É certo que a emoção pode acompanhar uma experiência genuína de renascimento, mas este não é produzido por aquela.

O terceiro termo, *nem da vontade do varão*, é mais fácil de entender. Ninguém pode tornar-se um filho de Deus por *vontade própria*.

Nesta vida biológica, podemos interferir no crescimento de alguém, mas não podemos determinar o novo nascimento dessa maneira.

É possível que alguém com poucos bens, poucos valores, pouca educação e poucos talentos, ao empenhar-se com dedicação, estudando à noite e trabalhando em um emprego melhor, consiga até mesmo enriquecer um dia, talvez entrando para a política para se tornar um parlamentar e, quem sabe, até o próximo presidente. Sem dúvida, a história dessa pessoa seria um exemplo de superação, de esforço e de sorte. Mas nada a tornaria filho natural de pais que não fossem os biológicos.

De modo semelhante, nada pode torná-la um filho de Deus se o próprio Senhor não realizar esse novo nascimento. Somente pela graça divina podemos tornar-nos filhos do Altíssimo. Apesar de Deus não interferir em nosso livre-arbítrio no que se refere à decisão de crer em Jesus como nosso Salvador, Ele gera em nós a fé para a salvação, visto que o próprio Senhor tomou a iniciativa de plantar Sua vida divina em nós.

O VENTO E A ÁGUA

A metáfora do novo nascimento também nos ajuda a entender o que acontece quando Deus toma a iniciativa da salvação.

Nicodemos foi a Cristo para tratar acerca da realidade espiritual, mas Jesus respondeu às indagações dele dizendo que ninguém pode entender as coisas do Espírito sem nascer de novo: *Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus* (Jo 3.3).

A palavra traduzida como *de novo* é *anōthen*, que também significa *do alto*. O que Jesus queria que Nicodemos entendesse era que, para alcançar a compreensão das coisas de Deus, o líder religioso, primeiro, deveria ser transformado pela graça:

> *Disse-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer, sendo velho? Porventura, pode tornar a entrar no ventre de sua mãe e nascer? Jesus respondeu: Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus.* [...] *O vento assopra onde quer, e ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo aquele que é nascido do Espírito.*
>
> João 3.4,5,8

Tendo identificado a fonte da regeneração espiritual, Jesus, então, falou sobre como ela ocorre. Mas o que significa *nascer da água e do Espírito*? E por que Jesus menciona o *vento*?

Existem várias explicações para isso. Uma delas sustenta que *água* representa o nascimento físico, sob o argumento de que essa

água mencionada estaria, de alguma forma, relacionada ao líquido amniótico que protege o bebê no útero da mãe. Essa teoria sustenta também que a menção ao *vento* (*spiritus*) implica uma referência ao Espírito Santo.

De acordo com essa visão, Jesus quis dizer que a salvação de uma pessoa depende, primeiro, de seu nascimento físico e, depois, do espiritual, o que é bastante lógico, visto que, para nascer do Espírito e ser salva, é necessário que a pessoa esteja viva fisicamente. Contudo, não parece ter sido este o argumento de Jesus.

Em primeiro lugar, o termo *água* não foi usado com esse sentido em nenhuma outra parte da Bíblia, pois essa é uma visão moderna acerca do assunto. Além disso, essa referência à necessidade do nascimento físico parece óbvia demais para ter sido feita por Jesus, sendo difícil crer que Ele tenha desperdiçado palavras dessa maneira.

Em terceiro lugar, a palavra *água* não poderia referir-se ao nascimento físico, pois, como vimos em João 1.13, este não tem parte com a regeneração: *Os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus.*

Outra interpretação dessa ideia seria que essa *água* se trata da que é utilizada no batismo cristão, mas esse capítulo não trata de batismo. Na verdade, é ensinado na Bíblia que ninguém pode ser salvo por meio de ritos religiosos (1 Sm 16.7; Rm 2.28,29; Gl 2.15,16; 5.1-6). O batismo é, portanto, um importante sinal de algo que já aconteceu, mas não um meio pelo qual somos regenerados.

William Barclay, por sua vez, interpretou os termos *água* e *vento* metaforicamente, considerando a água um símbolo de purificação, e o vento, de poder, o que implica, então, o fato de a pessoa dever ser purificada e cheia de poder (Barclay, 1956, p. 119).

Apesar de os pecadores terem de purificar-se de seus pecados e de, como cristãos, sermos donos do privilégio de receber poder do alto, é difícil entender o sentido de João 3.4-8 desta maneira, pois, em todo o Novo Testamento, a purificação e o poder do alto aparecem como posteriores ao novo nascimento, ao contrário do que acontece na passagem em questão, na qual os termos *água* e *vento* são retratados como formas pelas quais este nascimento se dá. Além disso, nem a purificação nem o poder têm relação com a metáfora do nascimento.

Kenneth S. Wuest propôs uma quarta explicação para essa passagem, baseado no uso da *água* como referência ao *Espírito Santo*, que, em geral, é bem comum no Novo Testamento (Wuest, 1966, p. 55-57).

Em João 4, por exemplo, Jesus disse à mulher de Samaria:

> *Aquele que beber da água que eu lhe der nunca terá sede, porque a água que eu lhe der se fará nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna.*
>
> João 4.14

Mais adiante, em João 7.37,38, a mensagem de Jesus soa idêntica:

> *E, no último dia, o grande dia da festa, Jesus pôs-se em pé e clamou, dizendo: Se alguém tem sede, que venha a mim e beba. Quem crê em mim, como diz a Escritura, rios de água viva correrão do seu ventre.*

Ao que o apóstolo João acrescentou uma explicação:

> *E isso disse ele do Espírito, que haviam de receber os que nele cressem; porque o Espírito Santo ainda não fora dado, por ainda Jesus não ter sido glorificado.*
>
> João 7.39

Wuest também mencionou passagens no livro de Isaías que corroboram essa teoria:

[Disse Deus:] *Porque derramarei água sobre o sedento e rios, sobre a terra seca; derramarei o meu Espírito sobre a tua posteridade e a minha bênção, sobre os teus descendentes.*

Isaías 44.3

Ó vós todos os que tendes sede, vinde às águas, e vós que não tendes dinheiro, vinde, comprai e comei; sim, vinde e comprai, sem dinheiro e sem preço, vinho e leite.

Isaías 55.1

É provável que ambas as passagens fossem do conhecimento de Nicodemos. Se essa for a interpretação correta, *da água e do Espírito* serão termos redundantes, sendo o papel da conjunção aditiva *e* meramente enfático. Contudo, embora a explicação de Wuest seja boa, sempre esperei mais dessa passagem.

Além de metáfora para o Espírito, a água é também usada na Bíblia para se referir à Palavra de Deus. Em Efésios 5.26 está escrito que Cristo amou a Igreja e se deu por ela *para a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra.*

Em 1 João 5.8, o autor do quarto Evangelho disse que *três são os que testificam na terra: o Espírito, e a água, e o sangue.* Como ele começou a falar de algo que testifica o fato de a salvação estar em Cristo, o Espírito deve referir-se ao testemunho divino no indivíduo; o sangue, ao testemunho histórico da morte de Cristo; e a água, às Escrituras.

A mesma ideia está em João 15.3, onde Jesus disse: *Vós já estais limpos pela palavra que vos tenho falado.*

Outra passagem bíblica importante é a que, mesmo sem utilizar a palavra *água* metaforicamente, cita a Palavra de Deus como o canal por meio do qual o novo nascimento acontece. Trata-se de Tiago 1.18: *Segundo a sua vontade, ele* [Deus] *nos gerou pela palavra da verdade, para que fôssemos como primícias das suas criaturas.*

Quando analisamos as palavras de Cristo a Nicodemos à luz dessas passagens, podemos ver Deus como Criador e Pai de Seus filhos, e Sua Palavra como algo inspirado pelo Espírito Santo, a qual funciona como meio pelo qual a nova vida espiritual pode ser proporcionada a nós.

Em outras palavras, quando, em João 3.5, Jesus usou metaforicamente a água e o vento, o primeiro elemento estava relacionado à Palavra de Deus; o segundo, ao Espírito Santo. Jesus quis ensinar que, quando a Palavra é compartilhada, ensinada, pregada ou feita conhecida de qualquer outra forma, o Espírito Santo a usa para trazer nova vida espiritual a quem Deus estiver salvando. É por isso que está escrito na Bíblia que *aprouve a Deus salvar os crentes pela loucura da pregação* (1 Co 1.21; Rm 10.14,15).

A CONCEPÇÃO ESPIRITUAL

Há mais uma passagem bíblica que aborda o novo nascimento de maneira mais clara:

Sendo de novo gerados, não de semente corruptível, mas da incorruptível, pela palavra de Deus, viva e que permanece para sempre.

1 Pedro 1.23

Nesse capítulo de 1 Pedro, o apóstolo afirmou que só passamos a fazer parte da família de Deus por meio da morte de Cristo e da fé:

Sabendo que não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados da vossa vã maneira de viver que, por tradição, recebestes dos vossos pais, mas com o precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro imaculado e incontaminado. [...] *E por ele credes em Deus, que o ressuscitou dos mortos e lhe deu glória,*

para que a vossa fé e esperança estivessem em Deus.

1 Pedro 1.18,19,21

Ao afirmar que a Palavra de Deus exerce uma ação fecundativa semelhante à do espermatozoide, Pedro enfatizou que Deus é nosso Pai. A Vulgata Latina deixa isso mais claro que outras versões da Bíblia, pois a palavra usada na passagem é *sêmen*.

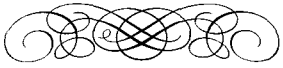
Coloquemos os ensinos e as metáforas dessas passagens lado a lado. Deus primeiro planta em nosso coração o que podemos chamar de "óvulo da fé salvadora", pois está escrito na Bíblia que nem mesmo a fé parte de nós, visto que ela *é dom de Deus* (Ef 2.8). Depois, Ele manda a semente da Sua Palavra, que contém vida divina, para penetrar o "óvulo da fé". O resultado é a concepção da nova criatura, o ser regenerado.

Sendo assim, uma nova vida espiritual vem à existência, uma vida que tem sua origem em Deus, sem nenhuma ligação com nosso pecado. É por essa razão que agora podemos dizer: *Se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo* (2 Co 5.17).

Jamais somos os mesmos depois que o Espírito Santo entra e implanta a vida de Deus em nós.

CAPÍTULO 5

FÉ E ARREPENDIMENTO



O renascimento é a primeira forma pela qual a salvação de Deus nos toca, mas, na matemática do Senhor, a regeneração é inseparável do que a sucede. Respeitando a sequência estabelecida no capítulo anterior, estudaremos aqui sobre a fé e seu companheiro, o arrependimento.

A fé é indispensável para que alcancemos a salvação. Em Hebreus 11.6 está escrito que não é possível agradar a Deus sem ela.

Em Efésios 2.8,9, lemos: *Pela graça sois salvos, por meio da fé; e isso não vem de vós; é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie.*

Em João 3.16, que usou a forma verbal *crer*, em vez de o substantivo *fé*, podemos ler algo parecido: *Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.*

O QUE A FÉ NÃO É

Consideremos o que a fé não é. Existe muita confusão acerca desse tema simplesmente porque usamos a palavra *fé* de maneira equivocada. Por exemplo, temos o costume de usar a expressão *agir de boa-fé*, mas, no que tange às coisas mais importantes da vida, raramente confiamos nas pessoas, fato que demonstramos ao exigir, diante de uma negociação, ações, contratos e outros tipos de garantia por escrito.

Quando se trata de dinheiro, então, nem se fala. No mínimo, exigimos garantia. Isso acontece porque, apesar de cada parte envolvida querer acreditar na boa-fé do outro, todos sabem que nem sempre as pessoas podem ser confiáveis, daí a necessidade de contratos formais. É fácil, portanto, entender por que há momentos em que titubeamos naquilo que afirmamos crer.

Com frequência, a fé é tida como algo *subjetivo*. Essa é a fé religiosa, diferente da verdade objetiva da revelação de Deus. Anos atrás, em uma longa discussão sobre religião, um jovem me disse que era cristão. Ao longo da conversa, descobri que ele não cria na plena divindade de Cristo, apenas sustentava que Ele era filho de Deus da mesma forma como todos nós somos. O rapaz não cria na ressurreição, nem que Jesus havia morrido por nossos pecados e menos ainda que houvesse, no Novo Testamento, um relato preciso da vida e do ministério de Cristo. Em outras palavras, ele não reconhecia Jesus como o Senhor de sua vida.

No momento em que argumentei com esse jovem que todas as crenças que ele renegava eram, na verdade, fundamentais para a definição do cristianismo, ele disse que, mesmo assim, cria no fundo de seu coração que era cristão. Para ele, fé era sua forma de ver a vida, a qual estava profundamente ligada aos seus sentimentos.

Um substituto bem comum para a fé é a *credulidade*, a qual se define como a atitude de alguém que aceita algo como verdadeiro, mesmo não havendo provas, simplesmente por desejar que esse algo seja real. Rumores de curas milagrosas para doenças incuráveis, às vezes, encorajam esse tipo de comportamento. Entretanto, ao contrário do que muitos creem, isso não condiz com a visão bíblica a respeito da fé.

Outro substituto é o *otimismo*, que consiste em uma atitude mental positiva por meio da qual a realização do que acreditamos torna-se possível. Um exemplo disso são os representantes de vendas que, por crerem com tanta veemência que são bons em sua função, obtêm sucesso nela.

Norman Vincent Peale popularizou essa ideia em um de seus livros que se tornou um campeão de vendas: *The Power of Positive Thinking* [O poder do pensamento positivo]. Nele, o autor sugeriu que pegássemos algumas passagens bíblicas acerca da fé no Novo Testamento e as memorizássemos, permitindo que elas se enraizassem em nosso inconsciente e nos fizessem crer realmente em Deus e em nós mesmos. Se memorizarmos passagens como as citadas abaixo, poderemos realizar o que antes pensávamos ser impossível:

> *Se tu podes crer; tudo é possível ao que crê.*
> Marcos 9.23

> *Se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Passa daqui para acolá -- e há de passar; e nada vos será impossível.*
> Mateus 17.20b

Peale concluiu dizendo o seguinte: "Você irá até onde sua fé em si mesmo, em seu emprego e em Deus permitirem, e esse será seu limite" (Peale, 1952, p. 99).

Aparentemente, segundo o ponto de vista do autor, a fé que ele tem em si mesmo estaria intimamente ligada à fé que tem em seu emprego e àquela que tem em Deus, sendo irrelevantes, portanto, os objetos nos quais estas são depositadas.

John R. W. Stott explicou melhor o problema que essa visão equivocada pode causar:

> Ele [Peale] recomenda em sua "fórmula de despreocupação" que a primeira coisa que façamos de manhã, ao acordar, seja dizer três vezes e em voz alta: "Eu creio". Entretanto, não diz em que exatamente devemos colocar, de forma tão confiante e insistente, a nossa fé. As últimas palavras de seu livro são simplesmente "creia e tenha sucesso". Mas crer em que ou em quem? Segundo a opinião do Dr. Peale, fé é sinônimo de autoconfiança e de um otimismo sem fundamento. (Stott, 1972, p. 35,36)

É claro que uma atitude mental positiva tem seu valor, visto que pode ajudar-nos a viver melhor, mas esse não é o sentido bíblico da fé. Contra distorções assim devemos responder que a verdadeira fé não se baseia em atitudes ou sentimentos pessoais, mas sim em Deus, que, sendo eterno e imutável, transmite-nos toda a confiança necessária para que nossa fé se torne estável.

Fé: a escritura

Em Hebreus lemos que *a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não vêem* (Hb 11.1 ara). Algumas pessoas sustentam que, embora ideal, essa definição de fé é intangível. No entanto, na Bíblia é ensinado o oposto.

Ao contrário do que sugerem algumas traduções dos textos bíblicos, a palavra *certeza* não substitui, nesse versículo, o termo *evidência*. O valor que aporta, nesse caso, assemelha-se, de certa forma, ao da escritura de uma propriedade.

Apesar de nenhum de nós já ter tomado posse da herança que nos foi dada por meio

de Cristo, a fé é a escritura que nos garante que a receberemos, visto que é a prova das coisas que ainda não se veem plenamente.

Se essa fosse uma escritura assinada por seres humanos, ainda teríamos dúvidas acerca da mesma, mas, como se trata de algo que vem de Deus, podemos confiar que Ele cumprirá Sua Palavra, pois o Senhor está acima de qualquer suspeita.

Servimos ao Deus da verdade. Logo, tudo o que Ele declara é digno de confiança. Ele é infalível, e, por isso, podemos confiar nele sem pestanejar. Ele também é onipotente, e nada pode frustrar o cumprimento de Sua vontade. Além disso, o Senhor é fiel: se Ele promete algo, cumpre.

A coisa mais sensata que podemos fazer na vida é obedecer à ordem que Deus nos deu de crer em Cristo, visto que Ele é o único digno de nossa inteira confiança. Isso foi o que João quis dizer quando escreveu: *Se recebemos o testemunho dos homens, o testemunho de Deus é maior; porque o testemunho de Deus é este, que de seu Filho testificou* (1 Jo 5.9).

João comparou a confiança que depositamos uns nos outros com a maneira como devemos confiar em Deus. A verdade é que, mesmo sabendo que não há sequer uma pessoa totalmente confiável no mundo, confiamos nos outros todos os dias.

Quando dirigimos sobre uma ponte, mesmo não conhecendo ninguém que tenha trabalhado na construção e na aprovação dela, temos fé que a mesma se manterá firme, acreditamos que o engenheiro que a projetou e a equipe que a ergueu fizeram um bom trabalho e não duvidamos da precisão dos órgãos que garantem sua segurança.

Da mesma forma, quando pegamos um ônibus, temos fé que ele nos levará em segurança ao nosso destino, que o motorista é qualificado para a função e que ele fará o itinerário certo, sem desviar-se.

Igualmente, sempre que compramos um ingresso para assistir a um evento esportivo, temos fé que o evento acontecerá conforme anunciado e que o ingresso nos garantirá a entrada no mesmo.

Em outras palavras, João quis dizer que, se podemos confiar em seres humanos, mesmo sabendo que todos são falhos, muito mais podemos confiar em Deus!

A CIÊNCIA DA FÉ

Calvino afirmou em *As Institutas* que a fé bíblica deve ser racional, e não irracional, e que seu objeto deve ser Cristo. Disse ainda que esse racionalismo vem da Palavra de Deus, sustentando que a fé deve envolver certeza na Palavra:

> Possuiremos uma definição correta de fé quando obtivermos certo conhecimento da benevolência de Deus para conosco, fundamentado na verdade de Sua promessa em Cristo, revelada a nossa mente e selada em nosso coração por meio do Espírito Santo. (CALVINO, 1960, p. 551)

Esse conhecimento, dado a nós pelo Espírito Santo, envolve a identidade de Jesus (a segunda pessoa da Trindade, nascido da virgem Maria, feito homem, oferecido por nossas transgressões e ressuscitado para nossa justificação), nossa identidade (pecadores que precisam de um Salvador) e muito mais.

Em João 16.8-11, Jesus declarou:

> *E, quando ele* [o Espírito Santo] *vier, convencerá o mundo do pecado, e da justiça, e do juízo: do pecado, porque não crêem em mim; da justiça, porque vou para meu Pai, e não me vereis mais; e do juízo, porque já o príncipe deste mundo está julgado.*

O Espírito Santo convence o mundo do pecado porque o mundo não crê em Jesus.

Segundo Leon Morris, isso pode significar que:

> Ele convence o mundo de suas ideias errôneas acerca do pecado porque o mundo não crê; [...] Ele convence o mundo de seu pecado porque, sem essa convicção, não é possível ter fé; [...] ou Ele convence o mundo do pecado da incredulidade. (Morris, 1971, p. 698)

Qualquer uma dessas opções é plausível. Aliás, era costume de João buscar transmitir mais de uma ideia em seus textos. Entretanto, se o tema dessa passagem for a convicção que visa à salvação, então a segunda interpretação seria a melhor, visto que o pecado coloca o ego das pessoas no centro de sua vida, levando-as, assim, a desprezar a fé. Entender isso é essencial para garantir que não percamos a salvação.

A terceira interpretação mostra o Espírito Santo como um "promotor" que atribui ao mundo o veredito de *culpado*, enquanto a segunda adiciona que Ele leva essa culpa à consciência humana para que nós, perturbados com o pecado, busquemos a libertação do mesmo.

Por exemplo, no Dia de Pentecostes, os discípulos se juntaram para esperar a vinda do Espírito Santo. Quando Ele veio, eles foram às ruas de Jerusalém e Pedro pregou que Sua vinda havia sido o cumprimento da profecia de Joel, cujo objetivo era chamar homens e mulheres à salvação em Cristo. O apóstolo, então, pregou sobre Jesus, e concluiu seu sermão dizendo:

> *Saiba, pois, com certeza, toda a casa de Israel que a esse Jesus, a quem vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo. Ouvindo eles isto, compungiram-se em seu coração e perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos: Que faremos, varões irmãos?*
>
> Atos 2.36,37

Ao responder a essa pergunta, Pedro ganhou mais de três mil almas para Cristo. A resposta dele foi excepcional, mas não por causa de seu brilhantismo ou de sua eloquência. Se ele tivesse pregado esse sermão um dia antes, nada teria acontecido, ninguém teria crido e ele e os demais apóstolos teriam sido motivo de piada.

Contudo, o Espírito Santo veio no Pentecostes e convenceu o povo de seu pecado. É por isso que eles *compungiram-se em seu coração e perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos: Que faremos, varões irmãos?* (At 2.37). Como a fé brotou em seu coração, o arrependimento veio em seguida e, assim, as pessoas quiseram ser libertas do pecado.

Nem todos creram que não podemos convencer a nós mesmos ou aos outros do pecado. Isso foi o tema central da controvérsia entre Agostinho e Pelágio, e, mais tarde, entre Armínio e os seguidores de Calvino.

Embora Pelágio e Armínio não tenham negado que a salvação se dá pela graça divina, eles não acreditavam que *tudo* podia ser atribuído a ela, ou seja, não podiam crer que cada passo dado em direção a Deus dependesse, primeiro, de que Ele nos convencesse de nossos pecados e nos atraísse a si.

Pelágio disse que nossa vontade é livre e que sempre podemos, portanto, escolher ou rejeitar qualquer coisa. Assim, ele defendia que, embora o evangelho nos fosse oferecido pela graça de Deus, a maior responsável por nossa salvação ou condenação era nossa própria vontade. Contudo, Pelágio não entendia que, sem o Espírito Santo, tornava-se impossível para o ser humano compreender o evangelho, reconhecer seus pecados e arrepender-se deles.

Depois que Jesus subiu para junto do Pai (Jo 16.10), o Espírito Santo foi incumbido de convencer as pessoas *da justiça*. Em outras palavras, Ele assumiu a tarefa de revelar ao homem em quem [Cristo] a justiça divina

pode ser encontrada, visto que a justiça humana não é suficiente para garantir a nossa salvação. Como sabemos, somos salvos por Cristo, que já não está entre nós, mas à direita do Pai.

Por fim, o Espírito nos convence *do juízo*, visto que quem governa este mundo já está condenado (Jo 12.31), fato comprovado no julgamento de Satanás por meio do poder do sacrifício de Jesus na cruz.

Ninguém quer crer no juízo, pois é mais conveniente pensar que podemos fazer o que bem entendermos sem enfrentarmos as consequências de nossas decisões. O que nos encoraja a pensar assim é o fato de que, na maioria das vezes, Deus não nos julga imediatamente após nossas ações, o que nos dá a falsa impressão de que o mal fica sempre impune.

Cultivar esse tipo de pensamento é, sem dúvida, um equívoco. Deus evita julgar os pecadores de maneira imediata porque é misericordioso, mas isso não será assim por toda a eternidade. O julgamento do Senhor no que se refere a Satanás é prova disso.

Pedro defendeu o mesmo ponto. Após mostrar que Deus julgou certos anjos, bem como o mundo nos tempos de Noé e as cidades de Sodoma e Gomorra, ele afirmou: *Assim, sabe o Senhor livrar da tentação os piedosos e reservar os injustos para o Dia de Juízo, para serem castigados* (2 Pe 2.9).

O AMOR E O COMPROMETIMENTO

Sabemos o quanto é importante buscar entender o cristianismo de forma racional, mas isso não basta, pois o inimigo, bem mais ortodoxo do que nós, também sabe disso. Logo, é necessário que a fé racional seja balanceada com um pouco de emoção, como a descrita por John Wesley em Aldersgate, quando disse que seu coração havia sido *estranhamente acalentado*.

Ainda tratando do mesmo tema, Calvino enfatizou a importância da influência das emoções, além do intelecto:

> Resta entornar dentro do coração o que a mente absorveu, pois a Palavra de Deus não é recebida pela fé quando ela fica apenas na mente. Somente quando se enraíza no fundo do coração é que ela se torna uma defesa invencível para suportar e eliminar toda e qualquer tentação. [...] Da mesma forma, o Espírito sela em nosso coração as promessas que já estão em nossa mente e atua como uma garantia que as confirma e estabelece-as. (CALVINO, 1960, p. 583-584)

Em outro trecho dessa obra, ele ressaltou que a fé está intimamente ligada à devoção.

Por fim, a fé é também confiança, compromisso. Deixamos de confiar em nós mesmos para passar a confiar em Deus completamente. Percebemos o valor e o amor infinito de Cristo, que se deu para nos salvar, e comprometemo-nos com Ele.

O casamento ilustra bem esse princípio, visto que nele culmina um processo de aprendizado, de sensibilidade e de comprometimento.

Dentro dessa analogia, podemos comparar as primeiras fases de um namoro ao primeiro elemento da fé: a identificação. Nessa fase, o casal dá um passo fundamental: o de conhecer-se, a fim de descobrir se o outro se qualifica como um bom cônjuge. Assim, por exemplo, se um dos dois descobrir que o outro não é digno de confiança, haverá problema mais tarde.

A segunda fase, por sua vez, é comparada ao segundo elemento da fé: a emoção, que corresponde à paixão, sendo também fundamental. É por causa dessa emoção que um homem e uma mulher dizem *sim* um ao outro, prometendo conviver e amar-se em qualquer circunstância. Da mesma forma, comprometemo-nos com Cristo, tanto nesta vida como por toda a eternidade.

A FÉ DE ABRAÃO

A fé não para aqui. Como resultado do novo nascimento, ela não desaparece, mas se

faz presente ao longo da vida inteira, fortalecendo-se e revelando cada vez mais a natureza de seu objeto.

Quando o Senhor ordenou que Abraão deixasse sua parentela e fosse para uma terra que lhe seria dada por herança, ele *obedeceu, [...] e saiu, sem saber para onde ia* (Hb 11.8). Isto é fé: nada mais que a crença no poder de Deus de cumprir o que lhe prometera.

Contudo, também podemos ler em Hebreus: *Pela fé, habitou na terra da promessa, como em terra alheia, morando em cabanas com Isaque e Jacó, herdeiros com ele da mesma promessa* (Hb 11.9). A fé de Abraão foi maior aqui, pois ele confiou em Deus apesar da fome, do perigo e da demora do cumprimento da promessa.

Mais adiante, lemos sobre a imensa fé por meio da qual Sara e Abraão puderam gerar um filho, apesar da infertilidade e da idade já avançada, fato que colaborou para que o Deus da promessa ficasse conhecido também como o Deus de milagres. Em referência a essa fé, Paulo escreveu:

> *E não duvidou da promessa de Deus por incredulidade, mas foi fortificado na fé, dando glória a Deus; e estando certíssimo de que o que ele tinha prometido também era poderoso para o fazer.*
>
> Romanos 4.20,21

Ou seja, a fé de Abraão venceu a dúvida em meio a todo o sofrimento emocional e à aparente contradição ante a tudo o que se cria antes:

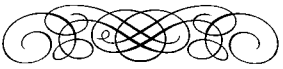
> *Pela fé, ofereceu Abraão a Isaque, quando foi provado, sim, aquele que recebera as promessas ofereceu o seu unigênito. Sendo-lhe dito: Em Isaque será chamada a tua descendência, considerou que Deus era poderoso para até dos mortos o ressuscitar. E daí também, em figura, ele o recobrou.*
>
> Hebreus 11.17-19

Como vimos, não havia limites para a fé de Abraão, visto que ele creu que Deus podia, até mesmo, ressuscitar seu filho.

Da mesma maneira, a fé cresce em nós. Você pode ter pouca ou muita fé, mas o importante é confiar em Deus e em Cristo. O Senhor não falha. Quanto mais você o conhece, mais sua fé é fortalecida, assim como foi com a de Abraão.

CAPÍTULO 6

JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ: A ESSÊNCIA DA SALVAÇÃO



Martinho Lutero, que, devido às suas considerações acerca da justificação, deu início à Reforma Protestante no século 16, escreveu o seguinte:

> Quando nosso conhecimento sobre a justificação foi questionado, tudo o mais o foi também. [...] A justificação é a essência que dá origem a todas as outras doutrinas. Ela gera, nutre, edifica, preserva e defende a Igreja de Deus e, sem ela, a Igreja do Senhor não pode existir. [...] Ela está acima de qualquer outra doutrina. (PLASS, 1959, p. 702-4, 715)

João Calvino, que seguiu Lutero no início do desenvolvimento da Reforma, defendia o mesmo que ele, referindo-se à justificação como *a essência da religião.*

Thomas Watson, por sua vez, fez a seguinte observação:

> A justificação é a essência e o pilar do cristianismo, e os erros cometidos no que tange a esse tema são muito perigosos. É como um defeito em uma fundação. A justificação de Cristo é a fonte de água viva. Deixar o veneno das falsas doutrinas contaminar essa fonte é uma atitude condenável. (WATSON, 1970, p. 226)

Essas declarações não são exageradas, mas sim realistas, pois a justificação pela fé é a resposta do Senhor para a mais básica de todas as perguntas referentes à religião: como pode uma pessoa justificar-se diante de Deus?

Segundo a Bíblia, não podemos justificar a nós mesmos. Esta é a doutrina do pecado. Rebelamo-nos contra Deus e, se estamos contra Ele, não há justificação para nós. Somos *todos* transgressores e *destituídos* [estamos] *da glória de Deus* (Rm 3.23).

De acordo com a doutrina da justificação, somente por intermédio da obra de Cristo, recebida pela fé, é possível que nos justifiquemos diante de Deus:

> *A justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo para todos e sobre todos os que crêem;* [...] *sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus.*
>
> Romanos 3.22-24

> *Concluímos, pois, que o homem é justificado pela fé, sem as obras da lei.*
>
> Romanos 3.28

> *Mas, àquele que não pratica, porém crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é imputada como justiça.*
>
> Romanos 4.5

Como podemos ver, a justificação é obra divina. Sabendo disso, Paulo afirmou: *É Deus*

quem os justifica. Quem os condenará? (Rm 8.33b,34a).

O veredito acerca do que Deus fez

Dois pontos merecem destaque: o primeiro é que, de acordo com a citação de Romanos, é Deus que nos justifica, e não nós mesmos. Acerca desse tema, John Murray declarou:

> A justificação não é uma desculpa para os erros humanos, nem um recurso autodefensivo. Se quer é a confissão ou o sentimento que a confissão traz. A justificação não é um exercício religioso em que nos envolvemos, por melhor ou mais nobre que este seja, e, se quisermos entendê-la e apropriar-nos de sua graça, devemos voltar nosso pensamento à obra de Deus, que busca justificar o ímpio. (Murray, 1955, p. 118)

A imagem do triângulo da salvação apresentada em uma discussão sobre expiação/propiciação e redenção no Livro II desta obra ajuda-nos a entender melhor esse princípio.

Expiação/propiciação, *redenção* e *justificação* são palavras essenciais para a compreensão da morte de Cristo, e são elas que, ao conectar Jesus, o Pai e os cristãos, formam o triângulo anteriormente mencionado.

Somos alvos da redenção e da justificação e, portanto, não contribuímos em nada para nossa própria salvação. Esta é dada a nós por Cristo, por meio da realização de duas obras: a expiação/propiciação e a redenção. Deus, por Sua vez, realiza a propiciação quando Jesus aplaca Sua ira, iniciando, assim, a justificação, por meio da qual os pecados dos ímpios são perdoados.

Outro ponto que merece destaque é que a justificação é apresentada a nós como um pronunciamento legal, e não como algo que apenas nos torna imediatamente mais santos.

É claro que, quando Deus nos justifica e realmente assume o controle de nossa vida, o processo natural é que nos tornemos cada vez mais santos. Entretanto, a justificação não tem relação direta com a transformação de caráter. O fato de um juiz absolver alguém não significa que este seja inocente. Na verdade, a opinião do juiz não implica nenhuma mudança no réu, visto que sua declaração acerca da inocência do mesmo se refere apenas ao seu ponto de vista pessoal no que tange à acusação que foi feita, e não ao caráter do acusado em si.

Assim, embora haja controvérsias quanto ao uso do termo *justificação* com conotação legal nas Escrituras, encontramos muitas razões para entendê-lo dessa maneira:

1. O Antigo Testamento se refere ao Senhor como o Deus da Lei. De acordo com a mentalidade hebraica, esse título o distingue dos deuses das nações vizinhas. Além disso, segundo essa visão, Ele é também o Deus do juízo, pois em um universo governado por um Senhor soberano e moral o mal deve ser punido.

Isso foi o que Abraão deu a entender quando o Senhor lhe falou acerca da destruição que viria sobre Sodoma: *Não faria justiça o Juiz de toda a terra?* (Gn 18.25b). Nesse texto, no qual é retratado o início da história de Israel, Deus é considerado um *juiz*. Em passagens posteriores, esse pensamento já se mostra mais elaborado:

> *O SENHOR se levanta para pleitear e sai a julgar os povos. O SENHOR vem em juízo contra os anciãos do seu povo e contra os seus príncipes; é que fostes vós que consumistes esta vinha; o espólio do pobre está em vossas casas.*
>
> Isaías 3.13,14

> *Mas o SENHOR está assentado perpetuamente; já preparou o seu tribunal para julgar. Ele mesmo julgará o mundo com justiça; julgará os povos com retidão.*
>
> Salmo 9.7,8

Como podemos notar, a justificação está sempre ligada ao juízo:

Não entres em juízo com o teu servo, porque à tua vista não se achará justo nenhum vivente.

Salmo 143.2

Perto está o que me justifica; quem contenderá comigo?

Isaías 50.8a

A mesma ideia aparece quando, em Deuteronômio 25.1, é destacado o tema do juízo humano:

Quando houver contenda entre alguns, e vierem a juízo para que os juízes os julguem, ao justo justificarão e ao injusto condenarão.

2. A justificação é contrastada com a condenação:

O que justifica o ímpio e o que condena o justo abomináveis são para o SENHOR, tanto um como o outro.

Provérbios 17.15

Tendo em vista que condenar alguém também não significa torná-lo ímpio, justificar uma pessoa não pode significar que ela imediatamente se tornará justa. Ambos os termos se referem a um decreto ou a uma declaração oficial.

3. O termo *justificar* é usado em diversas passagens bíblicas para se referir ao processo de justificação. Por exemplo, em Romanos 3.4, Paulo citou o Salmo 51.4, dizendo:

Sempre seja Deus verdadeiro, e todo homem mentiroso, como está escrito: Para que sejas justificado em tuas palavras e venças quando fores julgado.

O apóstolo não quis dizer com isso que o Senhor devia ser justificado, pois Ele é e sempre será santo e justo. A intenção de Paulo era ressaltar que, ao longo do nosso processo de justificação, as palavras de Deus são responsáveis por mostrar-nos o quanto Ele é justo.

As passagens que traçam um paralelo com essa são:

Todo o povo que o ouviu e até os publicanos reconheceram a justiça de Deus, tendo sido batizados com o batismo de João.

Lucas 7.29

Evidentemente, grande é o mistério da piedade: Aquele que foi manifestado na carne foi justificado em espírito, contemplado por anjos, pregado entre os gentios, crido no mundo, recebido na glória.

1 Timóteo 3.16

4. Da mesma maneira, existem trechos na Bíblia que sustentam que algumas pessoas acreditam ser capazes de justificar e salvar a si próprias. Entretanto, ao lermos essas passagens, percebemos que isso não é possível:

E disse-lhes: Vós sois os que vos justificais a vós mesmos diante dos homens, mas Deus conhece o vosso coração, porque o que entre os homens é elevado perante Deus é abominação.

Lucas 16.15

E eis que se levantou um certo doutor da lei, tentando-o e dizendo: Mestre, que farei para herdar a vida eterna? E ele lhe disse: Que está escrito na lei? Como lês? E, respondendo ele, disse: Amarás ao Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento e ao teu próximo como a ti mesmo. [...] *Ele, porém, querendo*

justificar-se a si mesmo, disse a Jesus: E quem é o meu próximo?

Lucas 10.25-27,29

Ambas as passagens tratam de juízo. No primeiro exemplo, embora os réus tenham tentado provar que eram justos, ficou claro que não o eram. Semelhantemente, no segundo exemplo, foi vã a tentativa do jovem de demonstrar que sua conduta correta era um indício de sua perfeição moral.

Há outros textos que tratam do mesmo assunto, mas de maneira metafórica. De certa forma, a ideia de juízo está sempre presente na Bíblia. A respeito disso, Leon Morris afirmou:

> O caso em questão em nada se difere do que acontece com os verbos *julgar* e *absolver*, que, embora sejam termos legais, podem ser usados fora do contexto jurídico sem sofrer alteração de sentido. Esse também é o caso do vocábulo *dikaioō* [*justificar*], que, mesmo sendo um verbo essencialmente forense, é usado na Bíblia com o sentido de *sentença de absolvição*. (Morris, 1956, p. 260)

A justificação de Deus

O juízo divino é feito sempre em nome da verdade e da equidade. Sendo ímpios, como o Senhor pode justificar-nos? Se fôssemos declarar inocente um culpado, nosso ato seria uma afronta tanto a Deus como ao homem. No entanto, isso é o que Deus faz. Como Ele pode fazer isso?

A doutrina cristã prega a justificação pela fé. Como vimos, *justificar* significa *declarar justo*, mas não *tornar justo*, ou seja, a justificação não necessariamente implica a santificação imediata de alguém. Entretanto, quando Deus declara que o cristão é justo, Ele o justifica não por causa de suas próprias obras, mas por meio do sacrifício de Jesus.

O Pai aceitou o sacrifício de Seu Filho como pagamento por nossas dívidas, imputando, assim, a justiça de Cristo a nós. Logo, não precisamos mais pagar por nossos pecados, a despeito de *o salário do pecado* ser a morte, *o dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus, nosso Senhor* (Rm 6.23).

Paulo desenvolveu esse pensamento em Romanos 3.21-26:

> *Mas, agora, se manifestou, sem a lei, a justiça de Deus, tendo o testemunho da Lei e dos Profetas, isto é, a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo para todos e sobre todos os que crêem; porque não há diferença. Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus, ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue, para demonstrar a sua justiça pela remissão dos pecados dantes cometidos, sob a paciência de Deus; para demonstração da sua justiça neste tempo presente,* ***para que ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus.***

Há alguns anos, um grupo de ateístas distribuiu um folheto contendo meia dúzia de exemplos de pecados cometidos por personagens do Antigo Testamento.

Um deles foi Abraão que, apesar de ter se disposto a sacrificar a honra de sua esposa para salvar sua própria vida, foi chamado, por Deus, de *amigo* (2 Cr 20.7; Is 41.8).

Jacó também foi usado como exemplo para validar as dúvidas dos ateus em relação ao caráter do Senhor. Eles não entendiam por que alguém que trapaceou e mentiu poderia ser usado como referência para exemplificar a fidelidade do Pai, fato comprovado pela relevância dada a ele por meio da expressão *Deus de Jacó* (Êx 3.6,15,16; 4.5; Mt 22.32; Mc 12.26; Lc 20.37; At 3.13; 7.32).

Os mesmos questionamentos eram levantados com relação a Moisés, que cometeu um

assassinato, vivendo por um tempo como um fugitivo da lei egípcia, e Davi, que, apesar de ter cometido adultério, seguido de assassinato, foi chamado de homem segundo o coração de Deus (1 Sm 2.35; 13.14).

Assim, por meio desse material, o grande problema levantado pelos ateístas era o fato de não entenderem que tipo de Deus aceitaria ter Abraão como amigo, ou ainda, que tipo de Deus se agradaria de um homem como Davi?

Na verdade, esse folheto apontava fatos que o próprio Senhor já havia reconhecido. Ele, apesar de justo e santo, por séculos recusou-se a condenar a humanidade, passando a justificar homens e mulheres como esses.

Paulo esclareceu, com precisão, essa situação em Romanos:

> *Ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue, para demonstrar a sua justiça pela remissão dos pecados dantes cometidos, sob a paciência de Deus.*
>
> Romanos 3.25

Isso torna o Senhor injusto? Não, pois, por meio da morte de Cristo, o nome e os propósitos de Deus foram vindicados. Graças ao sacrifício de Jesus, o Senhor justificou (e continua justificando) os ímpios.

A SALVAÇÃO DE CRISTO É ÍMPAR

É trágico quando as pessoas não aceitam a salvação que é oferecida gratuitamente em Cristo, para, em vez disso, tentarem, à sua maneira, salvar a si mesmas.

Como sugeri na discussão sobre a expiação/propiciação, que se encontra no capítulo 13 do Livro II desta obra, nos dois capítulos que precedem os versículos-chave de Romanos 3, Paulo classificou as pessoas em três categorias, a fim de mostrar que todos precisam de Jesus.

Segundo o que está escrito em Romanos 1.18-32, a primeira categoria é composta por pessoas que chamamos de hedonistas:

> *Porque do céu se manifesta a ira de Deus sobre toda impiedade e injustiça dos homens que detêm a verdade em injustiça; porquanto o que de Deus se pode conhecer neles se manifesta, porque Deus lho manifestou. Porque as suas coisas invisíveis, desde a criação do mundo, tanto o seu eterno poder como a sua divindade, se entendem e claramente se vêem pelas coisas que estão criadas, para que eles fiquem inescusáveis; porquanto, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, em seus discursos se desvaneceram, e o seu coração insensato se obscureceu. Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos. E mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, e de aves, e de quadrúpedes, e de répteis. Pelo que também Deus os entregou às concupiscências do seu coração, à imundícia, para desonrarem o seu corpo entre si; pois mudaram a verdade de Deus em mentira e honraram e serviram mais a criatura do que o Criador, que é bendito eternamente. Amém! Pelo que Deus os abandonou às paixões infames. Porque até as suas mulheres mudaram o uso natural, no contrário à natureza. E, semelhantemente, também os varões, deixando o uso natural da mulher, se inflamaram em sua sensualidade uns para com os outros, varão com varão, cometendo torpeza e recebendo em si mesmos a recompensa que convinha ao seu erro. E, como eles se não importaram de ter conhecimento de Deus, assim Deus os entregou a um sentimento perverso, para fazerem coisas que não convém; estando cheios de toda iniqüidade, prostituição, malícia, avareza, maldade; cheios de inveja, homicídio, contenda,*

engano, malignidade; sendo murmuradores, detratores, aborrecedores de Deus, injuriadores, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes ao pai e à mãe; néscios, infiéis nos contratos, sem afeição natural, irreconciliáveis, sem misericórdia; os quais, conhecendo a justiça de Deus (que são dignos de morte os que tais coisas praticam), não somente as fazem, mas também consentem aos que as fazem.

Os hedonistas são pessoas cujos únicos padrões de conduta são os que criam para si. Ou seja, são os que vivem para si mesmos, buscando o prazer em tudo o que fazem. Paulo disse que pessoas assim precisam do evangelho, pois seu estilo de vida as conduz à condenação de Deus.

Elas podem ser justas aos próprios olhos, mas essa não é a justificação que conta. Há uma lei moral estabelecida pelo Senhor, assim como um Juiz moral. Se essas pessoas não forem justificadas pela fé em Jesus Cristo, se perderão.

A segunda categoria, considerada em Romanos 2.1-16, comporta aqueles que vivem uma vida eticamente superior:

Portanto, és inescusável quando julgas, ó homem, quem quer que sejas, porque te condenas a ti mesmo naquilo em que julgas a outro; pois tu, que julgas, fazes o mesmo. E bem sabemos que o juízo de Deus é segundo a verdade sobre os que tais coisas fazem. E tu, ó homem, que julgas os que fazem tais coisas, cuidas que, fazendo-as tu, escaparás ao juízo de Deus? Ou desprezas tu as riquezas da sua benignidade, e paciência, e longanimidade, ignorando que a benignidade de Deus te leva ao arrependimento? Mas, segundo a tua dureza e teu coração impenitente, entesouras ira para ti no dia da ira e da manifestação do juízo de Deus, o qual recompensará cada um segundo as suas obras, a saber: a vida eterna aos que, com perseverança em fazer bem, procuram glória, e honra, e incorrupção; mas indignação e ira aos que são contenciosos e desobedientes à verdade e obedientes à iniqüidade; tribulação e angústia sobre toda alma do homem que faz o mal, primeiramente do judeu e também do grego; glória, porém, e honra e paz a qualquer que faz o bem, primeiramente ao judeu e também ao grego; porque, para com Deus, não há acepção de pessoas. Porque todos os que sem lei pecaram sem lei também perecerão; e todos os que sob a lei pecaram pela lei serão julgados. Porque os que ouvem a lei não são justos diante de Deus, mas os que praticam a lei hão de ser justificados. Porque, quando os gentios, que não têm lei, fazem naturalmente as coisas que são da lei, não tendo eles lei, para si mesmos são lei, os quais mostram a obra da lei escrita no seu coração, testificando juntamente a sua consciência e os seus pensamentos, quer acusando-os, quer defendendo-os, no dia em que Deus há de julgar os segredos dos homens, por Jesus Cristo, segundo o meu evangelho.

Diferente dos hedonistas, legalistas seguem padrões de moral mais elevados, o que acaba fazendo com que eles não acreditem que, para alcançarem a salvação de Deus, precisam arrepender-se de seus pecados.

Paulo discordou dessa teoria por dois motivos. Primeiro, por mais altos que sejam os padrões dessas pessoas, eles passam longe dos padrões do Senhor, visto que Ele exige uma perfeição que vai muito além de nossa imaginação. Na verdade, de acordo com os critérios divinos acerca da santidade, todos seriam reprovados.

Em segundo lugar, os legalistas são reprovados em seus próprios padrões. Veja o que Paulo disse:

Portanto, és inescusável quando julgas, ó homem, quem quer que sejas, porque te condenas a ti mesmo naquilo em que julgas a outro; pois tu, que julgas, fazes o mesmo.

Romanos 2.1

Qual é o seu padrão ético? Você pode dizer: "Meu padrão é o Sermão do Monte (Mt 5.1—7.29)". Bem, será que é mesmo? Se analisarmos a fundo constataremos que é humanamente impossível seguir esse sermão como padrão de ética. Um exemplo disso é encontrado na declaração de Jesus, que, mesmo sabendo que ninguém é perfeito, disse: *Sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai, que está nos céus* (Mt 5.48).

Da mesma forma, se você disser que seu padrão ético se baseia nos Dez Mandamentos (Êx 20.2-17), também já está condenado, pois não adora a Deus como deveria, não observa o sábado e cobiça as coisas dos outros.

Apelar para a ética de Mateus 7.12 seria igualmente condenável, visto que ninguém, de fato, faz aos outros o que gostaria que lhe fizessem. Até mesmo o menor de todos os padrões, o da *honestidade*, não pode ser mencionado, já que nem sempre somos honestos como deveríamos ser.

Portanto, precisamos deixar esse pensamento de que somos justos diante de Deus e de que merecemos ir para o céu, pois todos necessitam ser justificados pelo Senhor.

A terceira categoria, citada em Romanos 2.17-29, é a das pessoas religiosas:

Eis que tu, que tens por sobrenome judeu, e repousas na lei, e te glorias em Deus; e sabes a sua vontade, e aprovas as coisas excelentes, sendo instruído por lei; e confias que és guia dos cegos, luz dos que estão em trevas, instruidor dos néscios, mestre de crianças, que tens a forma da ciência e da verdade na lei; tu, pois, que ensinas a outro, não te ensinas a ti mesmo? Tu, que pregas que não se deve furtar, furtas? Tu, que dizes que não se deve adulterar, adulteras? Tu, que abominas os ídolos, cometes sacrilégio? Tu, que te glorias na lei, desonras a Deus pela transgressão da lei? Porque, como está escrito, o nome de Deus é blasfemado entre os gentios por causa de vós. Porque a circuncisão é, na verdade, proveitosa, se tu guardares a lei; mas, se tu és transgressor da lei, a tua circuncisão se torna em incircuncisão. Se, pois, a incircuncisão guardar os preceitos da lei, porventura, a incircuncisão não será reputada como circuncisão? E a incircuncisão que por natureza o é, se cumpre a lei, não te julgará, porventura, a ti, que pela letra e circuncisão és transgressor da lei? Porque não é judeu o que o é exteriormente, nem é circuncisão a que o é exteriormente na carne. Mas é judeu o que o é no interior, e circuncisão, a que é do coração, no espírito, não na letra, cujo louvor não provém dos homens, mas de Deus.

No contexto da experiência de Paulo, esses eram os judeus, cujo padrão ético era a Lei de Deus. Eles se vangloriavam de sua ascendência, depositando sua confiança no cumprimento de preceitos religiosos. Defendiam que, por serem batizados, participarem da ceia e darem dízimos e ofertas, eram justos diante do Senhor.

O apóstolo afirmou que essas pessoas precisavam do evangelho, pois defendiam teorias totalmente inadequadas aos olhos do Senhor. A salvação é garantida somente por meio de Cristo e da aplicação da justiça que vem de Deus, e não do homem, por meio de um processo de transformação interna.

O que o Pai vê quando olha para você? Obras e religiosidade vãs ou Sua própria justiça, que, com base na soberania dele, age em sua conduta?

Considere a conversão de Paulo. Ele não era um hedonista. Longe disso. Era uma pessoa religiosa e legalista, que confiava em sua própria força para alcançar a salvação. Veja o que ele disse em Filipenses 3.4-8:

> *Ainda que também podia confiar na carne; se algum outro cuida que pode confiar na carne, ainda mais eu: circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus; segundo a lei, fui fariseu, segundo o zelo, perseguidor da igreja; segundo a justiça que há na lei, irrepreensível. Mas o que para mim era ganho reputei-o perda por Cristo. E, na verdade, tenho também por perda todas as coisas, pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; pelo qual sofri a perda de todas estas coisas e as considero como esterco, para que possa ganhar a Cristo.*

Antes de conhecer a Cristo, para Paulo, a salvação dependia apenas do esforço e das obras dele. Isso, para o apóstolo, não era problema, pois havia muitos atributos a seu favor, tanto herdados como adquiridos. Entre os herdados, estavam: o fato de ter nascido em berço judaico; ter sido circuncidado de acordo com a Lei, no oitavo dia de vida. Ele era, portanto, um "bom judeu". Além de nascido de pais judeus, sendo *hebreu de hebreus* (Fp 3.5), ele era um *israelita*, membro do povo escolhido de Deus, pertencente à tribo de Benjamim, e um observador da Lei.

Após a morte de Salomão, o reino de Israel foi dividido em Reino do Norte e do Sul. Benjamim foi a única tribo que permaneceu com Judá no Reino do Sul. As dez tribos do norte apostataram da fé e ergueram para si altares nos quais sacrifícios de sangue eram oferecidos violando, assim, o que está escrito em Levítico 17. Contudo, a tribo de Benjamim e Judá haviam permanecido leais a Deus, e Paulo pertencia a uma destas duas tribos.

Paulo também havia adquirido vantagens para si. Segundo consta, foi fariseu (Fp 3.5), ou seja, fez parte da seita religiosa mais zelosa quanto à Lei. É importante destacar que ele não se contentava em apenas participar da seita, mas dedicava-se de maneira zelosa e diligente a ela, o que se constata pela sua perseguição implacável à Igreja primitiva (At 8.1-3).

Sob o ponto de vista humano, esses eram atributos bem consideráveis. Contudo, quando Jesus se revelou a ele na estrada de Damasco, como podemos ler no capítulo nove de Atos, Paulo entendeu que, sob o ponto de vista de Deus, seus atos de justiça não passavam de trapos de imundícia (Is 64.6).

Antes, ele dizia que era, *segundo a justiça que há na lei, irrepreensível* (Fp 3.6b). No entanto, depois de seu encontro com Jesus, passou a dizer: *Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal* (1 Tm 1.15). Assim, tudo o que havia acumulado de ativos eram, na verdade, passivos que o mantinham longe de Cristo. Em outras palavras, a partir de então, em sua coluna de ativos, passou a vigorar apenas Jesus Cristo.

Essa verdade maravilhosa foi incorporada a muitos hinos, incluindo o de Augustus M. Toplady:

Rocha Eterna

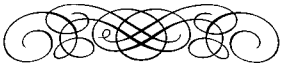
3.

Nada trago a Ti, Senhor!
'Spero só em Teu amor!
Todo indigno e imundo sou,
Eis, sem Ti, perdido estou!
No Teu sangue, ó Salvador,
Lava um pobre pecador.
(Tradução: João Gomes da Rocha)

Concluímos, portanto, que Deus declara nossos pecados pagos no Calvário e imputa a nós a justiça de Cristo somente quando nós, nascidos de novo, deixamos nossas obras, que só podem levar à perdição, para, então, pela fé, abraçarmos Jesus como Salvador.

CAPÍTULO 7

A JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ E O PAPEL DAS OBRAS



O capítulo anterior observou que a justificação é obra de Deus, totalmente independente do que qualquer indivíduo possa fazer. Isto é, ela não depende de boas obras nem de qualquer forma de melhoria ou de esforço por parte do ser humano.

O argumento usado para sustentar essa posição foi o da perspectiva de alguém que ainda não é cristão. No entanto, temos de pensar na questão sob o olhar de quem já creu em Cristo e foi justificado.

A justificação se dá pela graça de Deus, por meio da fé, não de obras.

> *Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isso não vem de vós; é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie.*
>
> Efésios 2.8,9

Então, as obras não mais têm vez no cristianismo hoje? Em caso afirmativo, o cristianismo pode estar promovendo uma conduta imoral. Por outro lado, se elas ainda têm vez, será que o sacrifício de Cristo pode não ter sido o bastante para salvar-nos?

Esse é o ponto em que a teologia da Igreja Católica e a da Igreja Protestante discordam mais radicalmente. Embora muitos católicos concordem com os protestantes que a justificação se dá pela graça de Deus, por meio da fé, para eles, as obras são essenciais à justificação no sentido de que Deus nos justifica em parte, produzindo boas obras em nós, para sermos justificados pela fé e por boas obras. Nós, os protestantes, respondemos — ou deveríamos responder — que somos justificados somente pela fé em Cristo, e que as obras devem, necessariamente, existir, se fomos verdadeiramente justificados.

A diferença pode ser representada em duas fórmulas:

A teologia católica declara: fé + obras = justificação.

Já a protestante afirma: fé = justificação + obras.

Calvino apresentou a visão protestante da relação entre fé, justificação e obras quando disse:

> Por que então somos justificados pela fé? Porque pela fé entendemos a justiça de Cristo, pela qual nos reconciliamos com Deus. Não poderíamos entendê-la sem entender também a santificação, pois Ele *para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção* (1 Co 1.30). Por conseguinte, Cristo não justifica pessoa alguma que também não se santifica. Esses benefícios se unem por meio de um laço eterno e indissolúvel, para que aqueles que Ele ilumina por Sua sabedoria sejam redimidos. Aqueles que Ele redime são justificados, bem como aqueles que Ele justifica são

> santificados. [...] Logo, fica claro que somos justificados não sem obras ou por meio de obras, pois, ao tomarmos nossa cruz e seguirmos a Jesus, que nos justifica, a santificação é tida como justiça. (Calvino, 1960, p. 798)

O papel das obras

Em Efésios 2.8-10, lemos o ensino de Paulo, o grande defensor da justificação pela fé:

> *Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isso não vem de vós; é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie. Porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas.*

Mais de um comentarista bíblico observou que há uma repetição da palavra *obras* nos versículos 9 e 10. A primeira menção é negativa; ela diz que, por sermos salvos pela graça, por meio da fé, não somos salvos por obras — ou então seria possível que uma pessoa já salva se vangloriasse diante de quem não pratica as mesmas obras e, portanto, não é salvo.

Esse versículo repudia a ideia de as obras nos favorecerem, de algum modo, para a nossa justificação. Quando pensamos assim, depositamos a nossa confiança em obras, e não na obra completa do sacrifício de Cristo na cruz. Na verdade, não podemos ser salvos de graça em graça e pelas obras ao mesmo tempo.

Por outro lado, Paulo, logo após rejeitar a eficácia das obras na justificação, retoma o tema, dizendo que fomos *criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas* (Ef 2.10). Ou seja, a ausência de *boas obras* evidencia a não justificação do indivíduo.

Isso é uma contradição? De maneira nenhuma! É meramente uma forma de dizer que, apesar de a justificação descrever um importante aspecto do que significa ser salvo, esse não é o papel da salvação. Deus justifica, mas isso não é tudo o que Ele faz; Ele também regenera. Não há justificação sem regeneração, assim como não há regeneração sem justificação.

A regeneração é o termo teológico para o novo nascimento a que Jesus aludiu na conversa com Nicodemos: *Necessário vos é nascer de novo* (Jo 3.7b). Jesus estava dizendo que Nicodemos precisava de um novo começo, como resultado da nova vida de Deus sendo dada a ele. Foi disso que Paulo falou nesse mesmo capítulo de Efésios, quando descreveu como *Deus* [...], *estando nós ainda mortos em nossas ofensas, nos vivificou juntamente com Cristo* (Ef 2.4,5).

Foi também o que Paulo indicou no versículo 10, pois essa passagem diz não somente que Deus nos manda praticar boas obras, mas também que fomos *criados* [...] *para as boas obras*, as quais Deus preparou para que andássemos nelas. Logo, se fomos criados pelo Altíssimo especificamente para realizar as boas obras, nós o faremos — sendo salvos ou não.

Em minha opinião, apesar de sua importância, esse é um dos ensinos mais negligenciados da Bíblia hoje, pelo menos nos Estados Unidos. No início deste capítulo, contrastei a teologia protestante com a católica tradicional, mostrando como os protestantes ensinam que fé = justificação + obras — o que defendo —, enquanto os católicos ensinam que fé + obras = justificação.

Discordo da teologia católica, mas o que dizer de uma teologia que predomina hoje que não deixa espaço para as boas obras? O que dizer de um ensinamento que exalta a justificação, mas negligencia a santificação e o perdão, além de não evidenciar uma mudança de vida? O que Jesus diria de tal teologia?

Quando estudamos os ensinos de Cristo, logo vemos que Ele insistia na mudança de

comportamento. Ele ensinava que a salvação se dá pela Sua obra na cruz. *Porque o Filho do Homem também não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos* (Mc 10.45).

Porém, Jesus ainda declarou:

> *E dizia a todos: Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome cada dia a sua cruz, e siga-me.*
>
> Lucas 9.23

> *E por que me chamais Senhor, Senhor, e não fazeis o que eu digo? Qualquer que vem a mim, e ouve as minhas palavras, e as observa, eu vos mostrarei a quem é semelhante. É semelhante ao homem que edificou uma casa, e cavou, e abriu bem fundo, e pôs os alicerces sobre rocha; e, vindo a enchente, bateu com ímpeto a corrente naquela casa e não a pôde abalar, porque estava fundada sobre rocha. Mas o que ouve e não pratica é semelhante ao homem que edificou uma casa sobre terra, sem alicerces, na qual bateu com ímpeto a corrente, e logo caiu; e foi grande a ruína daquela casa.*
>
> Lucas 6.46-49

A Seus discípulos falou: *Aquele que perseverar até ao fim será salvo* (Mt 10.22b). E aos judeus de Seus dias: *Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no Reino dos céus* (Mt 5.20).

Essas passagens ensinam que o salvo deve realizar boas obras até morrer. Ademais, esses textos deixam claro que nosso papel não é só demonstrar um comportamento genuinamente transformado e realizar boas obras, mas que nossas boas obras devem exceder as boas obras dos outros.

Eu parafrasearia Mateus 5.20 dizendo: "Se vocês, que se dizem cristãos, que professam que são justificados pela fé e confessam que não têm com o que contribuir para sua justificação, não tiverem uma conduta melhor que a das pessoas que se acham as mais pias (que acham que são salvas pelas obras), não entrarão no Reino de Deus, pois não são cristãos verdadeiros".

Isso, para John H. Gerstner, foi o que ele chamou de *apologética embutida*, pois ninguém, além de Deus, poderia criar uma religião assim.

> Ao encontrar uma pessoa que tem princípios morais e boa conduta em alta estima, tenha certeza de que ela acha que pode justificar-se pelas obras. Por outro lado, ao encontrar uma pessoa que exalta a graça divina, que sabe o quão inútil é tentar justificar a si mesma e que não se contém ao falar sobre o sangue de Jesus e a salvação plena e gratuita que Ele traz, ela não deve fazer o mínimo esforço para realizar boas obras. A primeira cai no erro da autossalvação; já a segunda, no do antinomianismo [doutrina que nega ou diminui a importância da Lei de Deus na vida do cristão]. Contudo, a religião cristã, enquanto prega a graça pura e simplesmente e exclui o mérito de qualquer contribuição de nossa parte, ao mesmo tempo requer de nós as mais exigentes condutas. [...] Você não pode, em momento algum, dizer algo diferente disto: "Nada trago a Ti, Senhor! / 'Spero só em Teu amor!". Só podemos ser justificados pela fé. Portanto, se verdadeiramente esperarmos no amor de Deus, abundaremos nas obras do Senhor e viveremos um excelente padrão de conduta. (GERSTNER, 1977, p. 43-44)

É DEUS QUEM TRABALHA

Isso pode parecer confuso ou, até mesmo, contraditório, mas torna-se claro ao percebermos que as boas obras que os cristãos são chamados — ou melhor, ordenados — a realizar são resultantes da obra de Deus neles. Por isso, em Efésios 2.10a, Paulo apresentou

sua exigência por boas obras: *Porque somos feitura sua.*

Por isso, o apóstolo também afirmou em Filipenses:

> *De sorte que, meus amados, assim como sempre obedecestes, não só na minha presença, mas muito mais agora na minha ausência, assim também operai a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade.*
>
> Filipenses 2.12,13

É por Deus operar em nós que tanto o nosso querer como o nosso efetuar lhe agradam.

Em Efésios 2.10a, Paulo disse: *Porque somos* [...] *criados em Cristo Jesus para as boas obras.* Sem dúvida, ao fazer tal declaração, Paulo tinha em mente o contraste entre a nova criatura em Cristo e a velha criatura em Adão, que deixou claro em Romanos 5.12-21:

> *Pelo que, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, por isso que todos pecaram. Porque até à lei estava o pecado no mundo, mas o pecado não é imputado não havendo lei. No entanto, a morte reinou desde Adão até Moisés, até sobre aqueles que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão, o qual é a figura daquele que havia de vir. Mas não é assim o dom gratuito como a ofensa; porque, se, pela ofensa de um, morreram muitos, muito mais a graça de Deus e o dom pela graça, que é de um só homem, Jesus Cristo, abundou sobre muitos. E não foi assim o dom como a ofensa, por um só que pecou; porque o juízo veio de uma só ofensa, na verdade, para condenação, mas o dom gratuito veio de muitas ofensas para justificação. Porque, se, pela ofensa de um só, a morte reinou por esse, muito mais os que recebem a abundância da graça e do dom da justiça reinarão em vida por um só, Jesus Cristo. Pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens para justificação de vida. Porque, como, pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores, assim, pela obediência de um, muitos serão feitos justos. Veio, porém, a lei para que a ofensa abundasse; mas, onde o pecado abundou, superabundou a graça; para que, assim como o pecado reinou na morte, também a graça reinasse pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo, nosso Senhor.*

Quando Deus criou o primeiro homem, este era perfeitamente preparado para realizar todo tipo de boa obra. No entanto, Adão caiu em pecado, e, a partir de então, sob a perspectiva de Deus, o melhor das boas obras de Adão, bem como o das de seus descendentes, não passa de *boas obras*, pois contaminamo-nos com o pecado.

Isso significa que nossas obras não fluem de um amor puro a Deus, mas, em vez disso, de um desejo de melhorarmos nossa reputação ou posição. Todavia, a partir da recriação do homem, quando este se une a Jesus Cristo, Ele traz à existência algo que não existia e que, agora, tem novas e animadoras possibilidades. Antes, quem não tinha Cristo, como disse Agostinho, *non posse non peccare* (não podia deixar de pecar). Agora, quem tem Cristo *posse non peccare* (pode deixar de pecar), e, também, realizar boas obras.

Nessa *re*criação espiritual, Deus nos concede novos sentidos. Antes, víamos com nossos olhos físicos — éramos cegos espiritualmente. Agora, vemos com olhos espirituais — e tudo parece novo.

A princípio, éramos surdos espiritualmente. Ouvíamos a Palavra de Deus, mas ela

não o fizestes a mim. E irão estes para o tormento eterno, mas os justos, para a vida eterna.

Mateus 25.31-46

Uma doutrina prática

O ensino do papel e da necessidade das boas obras na vida do cristão tem um sem-número de consequências práticas.

Em primeiro lugar, faz jus a inúmeras passagens bíblicas, particularmente às do Mestre ensinando que enfatizam a realização das boas obras e parecem sugerir uma salvação baseada nelas.

A última passagem citada (Mt 25.31-46) é um exemplo, assim como as duas outras parábolas do mesmo capítulo. Na primeira, as cinco virgens loucas são excluídas da festa de casamento simplesmente por terem deixado de vigiar a fim de que não lhes faltasse azeite para suas lâmpadas. *E, tardando o esposo, tosquenejaram todas e adormeceram* (Mt 25.5). Aquelas virgens conheciam o Noivo e esperavam por Ele, mas não foram salvas porque negligenciaram o azeite.

Na segunda parábola, o terceiro servo não obteve o favor de seu mestre por ter falhado na administração do único talento que lhe fora concedido. Ele não o roubou; em vez disso, guardou-o, enterrando-o e devolvendo-o a seu mestre quando este retornou de uma viagem. Mesmo assim, o servo foi rejeitado: *Lançai, pois, o servo inútil nas trevas exteriores; ali, haverá pranto e ranger de dentes* (Mt 25.30).

Na terceira parábola, as ovelhas são separadas dos bodes em função de suas obras.

Essas e outras narrativas contadas por Jesus parecem ensinar que o homem é salvo em função de sua perseverança, previdência, precaução ou beneficência. Contudo, por meio delas, Jesus mostra as consequências de crer nele como Salvador. Por isso, Ele declara:

E a vida eterna é esta: que conheçam a ti só por único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem enviaste.

João 17.3

Quem conhece o Pai e Seu Filho, Jesus, tem a vida eterna e espera pela volta deste, isto é, persevera até o fim, usando os talentos divinos da melhor forma que puder, e é fonte de bênção para o faminto, o sedento, o desabrigado, o nu, o enfermo e o cativo.

Em segundo lugar, o entendimento do que Deus faz ao produzir boas obras por meio da vida transformada de cristãos glorifica a Deus por Sua graça e sabedoria.

O Dr. Paul Brand, chefe de um centro de reabilitação de um hospital público em Carville, Louisiana, Estados Unidos, escreveu um livro intitulado *Fearfully and Wonderfully Made* [Feito de maneira terrível e maravilhosa], no qual examina os intrigantes mecanismos do corpo humano e admira-se com a grandeza do Deus que pode criar tais maravilhas.

Ele discorre sobre nossas células, nossos ossos, nossa pele e as complexidades dos movimentos do corpo humano. Sua descrição nos leva a maravilharmo-nos com ele. No entanto, eu diria que muito mais maravilhoso do que o corpo humano é a *re*criação do homem por Deus — homem esse que, antes, era espiritualmente morto e, portanto, incapaz de satisfazer o Senhor de qualquer maneira, e que, agora, como resultado da própria obra divina, pode ser bom e fazer boas obras.

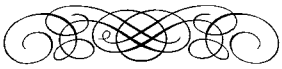
Em terceiro lugar, o entendimento da obra de Deus em quem Ele conduz à fé em Cristo e faz realizar boas obras mostra quem realmente nasceu de novo. A mente humana é extremamente sutil e, devido ao pecado, perversa. Se as virgens loucas da história de Mateus 5 pensassem que o Noivo iria admiti-las ao bater à porta; se o terceiro servo do mesmo capítulo pensasse que seu mestre iria considerar o não investimento de seu talento aceitável; e

se os bodes ainda do mesmo capítulo não tivessem ciência de sua falha em cuidar dos necessitados, como poderíamos ter certeza de que somos salvos?

A resposta é simples: deve haver uma diferença em nossa vida. Tornamo-nos novas criaturas intelectual, moral e relacionalmente. É aí que entra o próximo capítulo.

CAPÍTULO 8

AS PROVAÇÕES



Qualquer um que já tenha trabalhado com recém-convertidos ao cristianismo sabe que, frequentemente, surgem dúvidas depois que a pessoa aceita Cristo.

A experiência inicial do cristão é a de grande alegria. Como se encontrava perdido nas trevas do pecado e da ignorância, ele passa a estar na luz de Deus. Antes, encontrava-se distante do Senhor; agora, está perto dele. Entretanto, com o passar do tempo, o novo na fé se pergunta se algo realmente mudou, se ele é realmente uma nova criatura, ainda que pareça ser a mesma pessoa de antes. Ele é tentado do mesmo modo, ou pior; continua tendo os mesmos problemas de caráter e parece já não sentir mais a grande alegria de outrora. Nesse momento, o cristão em geral se questiona se é possível saber se foi salvo de verdade ou não. Normalmente, ele faz a seguinte pergunta: "Como posso ter certeza de que fui justificado?".

O mesmo questionamento incomoda cristãos mais antigos. Ele pode surgir ao longo de sua vida espiritual como resultado de um problema de saúde, de uma crise na carreira, da perda de alguém por meio da morte ou do pecado, da depressão resultante de uma dessas crises etc.

Esse questionamento é preocupante, pois pode afetar tremendamente a vida do cristão. Como seguidores de Cristo, somos chamados para servir aos outros e a Deus. Contudo, como será possível servirmos aos outros se não tivermos certeza de nossa própria salvação?

Na época em que Martinho Lutero lutou com essa questão, ele era um monge que não saía do monastério. Depois, quando soube que havia sido salvo por meio da morte de Cristo e justificado por Deus, deixou o mosteiro a fim de implementar a Reforma Protestante. Nesse sentido, como podemos lançar-nos para Deus estando trancados em um monastério de dúvidas?

GARANTIA PARA O CRISTÃO

Toda a primeira epístola de João foi escrita para responder a essa questão. As igrejas para as quais João estava escrevendo haviam recebido um ensino apostólico, mas, antes de sua primeira epístola ser escrita, membros de certas congregações estavam saindo do seio da Igreja para fundar uma nova sociedade.

> *Saíram de nós, mas não eram de nós; porque, se fossem de nós, ficariam conosco; mas isto é para que se manifestasse que não são todos de nós.*
>
> 1 João 2.19

Sem dúvida, esses ex-membros sustentavam que suas próprias crenças eram superiores às dos cristãos. Pouco se sabe sobre essa deserção. Obviamente, não mais do que o que

João mencionou a respeito em sua epístola. Todavia, certamente já era uma forma prematura do que hoje se chama gnosticismo.

Os gnósticos se consideram os detentores da verdade. Na realidade, isso é o que significa *gnóstico*. Os que fazem parte desse grupo insistem que a salvação se dá, principalmente, por meio do conhecimento, isto é, de uma iniciação em um conhecimento místico e superior. Geralmente, o gnosticismo deprecia a boa conduta moral, e seus adeptos dizem que não têm pecado, que nunca pecaram e/ou que podem ter comunhão com Deus mesmo pecando.

Os gnósticos também creem que a matéria, em essência, é má, mas que o espírito é bom, e que é impossível haver união entre as duas coisas, por isso a depreciação da boa conduta moral. Para eles, a salvação se dá no espírito, que é bom. Isso produziu uma religião filosófica à parte da história. Segundo os gnósticos, a encarnação do Filho de Deus não aconteceu, pois seria impossível, uma vez que, se a matéria é má, Deus nunca poderia ter tomado uma forma humana. A encarnação deveria ter-se dado apenas na aparência.

A princípio, muitos cristãos se confundiram com esse ensinamento; afinal, os novos mestres pareciam ser brilhantes. Estavam eles certos? Deviam as velhas práticas ser abandonadas? Será mesmo que a crença antiga dos cristãos servia apenas para prepará-los para esse "cristianismo superior e mais autêntico"?

João respondeu a essas perguntas, primeiro, por meio de uma afirmação categórica de que os cristãos podem e devem saber que têm a vida eterna, e, segundo, por meio de uma apresentação de três testes práticos para resolver a questão.

O CONHECIMENTO DO CRISTÃO

Em sua primeira epístola, João disse, de maneira clara, que se propunha a escrever aos cristãos a fim de mostrar-lhes como podem ter certeza de que foram regenerados.

Estas coisas vos escrevi, para que saibais que tendes a vida eterna e para que creiais no nome do Filho de Deus. Mas qualquer que guarda a sua palavra, o amor de Deus está nele verdadeiramente aperfeiçoado; nisto conhecemos que estamos nele. Pais, escrevo-vos, porque conhecestes aquele que é desde o princípio. Jovens, escrevo-vos, porque vencestes o maligno. Eu vos escrevi, filhos, porque conhecestes o Pai. E vós tendes a unção do Santo e sabeis tudo. Não vos escrevi porque não soubésseis a verdade, mas porque a sabeis, e porque nenhuma mentira vem da verdade. Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifesto o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque assim como é o veremos. Nós sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos; quem não ama a seu irmão permanece na morte. E nisto conhecemos que somos da verdade e diante dele asseguraremos nosso coração; E aquele que guarda os seus mandamentos nele está, e ele nele. E nisto conhecemos que ele está em nós: pelo Espírito que nos tem dado. Filhinhos, sois de Deus e já os tendes vencido, porque maior é o que está em vós do que o que está no mundo. Nisto conhecemos que estamos nele, e ele em nós, pois que nos deu do seu Espírito. Nisto conhecemos que amamos os filhos de Deus: quando amamos a Deus e guardamos os seus mandamentos. Sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não peca; mas o que de Deus é gerado conserva-se a si mesmo, e o maligno não lhe toca. Sabemos que somos de Deus e que todo o mundo está no maligno. E sabemos que já o Filho de Deus é vindo e

nos deu entendimento para conhecermos o que é verdadeiro; e no que é verdadeiro estamos, isto é, em seu Filho Jesus Cristo. Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna.
1 João 5.13; 2.5,13,20,21; 3.2,14,19,24; 4.4,13; 5.2,18-20

O mundo atual tem em grande estima o conhecimento e a confiança que ele pode proporcionar. No entanto, o conhecimento excedeu a capacidade humana de absorvê-lo, salvo em áreas bem específicas. Nessas circunstâncias, pode alguém verdadeiramente ter conhecimento? Pode haver certeza? João disse que pode haver, sim, certezas no que diz respeito a questões espirituais.

Primeiro, porque Deus prometeu justificação e vida eterna a todo aquele que crer em Seu Filho. Podemos ter essa certeza, pois podemos confiar em Deus.

João sustentou esse ponto, comparando o testemunho dos homens com o de Deus.

Se recebemos o testemunho dos homens, o testemunho de Deus é maior; porque o testemunho de Deus é este, que de seu Filho testificou. Quem crê no Filho de Deus em si mesmo tem o testemunho; quem em Deus não crê mentiroso o fez, porquanto não creu no testemunho que Deus de seu Filho deu. E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está em seu Filho. Quem tem o Filho tem a vida; quem não tem o Filho de Deus não tem a vida.
1 João 5.9-12

Obviamente, João tentou, nessa passagem, deixar o assunto o mais claro possível, afinal todos nós aceitamos o testemunho dos homens quando, por exemplo, assinamos um contrato ou um cheque, ou compramos uma passagem, pois ele tem valor legal. É como se João estivesse dizendo: "Por que não acreditar em Deus, cuja Palavra é a mais confiável de todas? Deus nos assegurou que, se crermos em Jesus como o nosso Salvador, seremos justificados".

Segundo, podemos ter certeza no que concerne a questões espirituais porque os que creem em Deus estão convictos de que é confiável Aquele em quem eles depositam sua fé. Os reformadores chamam essa obra do Espírito de Deus de *testimonium Spiritus Sancti internum*. Por outro lado, os que não creem no Altíssimo o fazem mentiroso. Neste caso, a abominável natureza da incredulidade se evidencia.

> A incredulidade não é um infortúnio digno de pena, mas um pecado digno de lástima. É pecado, pois contradiz a Palavra do Deus verdadeiro e lhe atribui a falsidade. (Stott, 1964, p. 182)

Se você tem dúvidas com relação à sua própria salvação, saiba que nem toda incredulidade é pecado. Por exemplo, crer em Cristo e na Palavra de Deus e achar que Jesus pode voltar, mas não nos salvar, seria pecado. Porém, a fé que salva não é mera aprovação intelectual a certas doutrinas; ela envolve comprometimento e confiança.

Há pessoas que creem em Cristo de certa forma, mas não sabem se o fazem da maneira adequada. Elas se perguntam: "Creio realmente em Cristo? Deixei mesmo de buscar a salvação por conta própria e abracei a justificação de Jesus? Fui justificado de verdade?".

Em resposta a essas questões, João ofereceu os três testes que mencionei. Eles se repetem de diversas maneiras ao longo da epístola, como o teste *doutrinário* (que avalia a crença em Jesus Cristo), o *moral* (que avalia a justiça ou a obediência) e o *social* (que avalia o amor).

O teste doutrinário

Uma característica de nosso tempo, apontada com frequência por cristãos apologistas contemporâneos, é que as pessoas não mais

creem estritamente na verdade, mas usam o termo com certa conotação coloquial, referindo-se a ele como o antônimo de falsidade.

Não é esse o sentido que muitos no século 20 deram ao usar esse termo, mas o de algo absoluta e eternamente verdadeiro. Hoje, essa palavra é usada de maneira relativizada, ou seja, o que é verdade para uns pode não o ser para outros, ou o que é verdade hoje pode não o ser amanhã. Isso resulta em uma grande incerteza, bem como em um sentido de falta de direção.

O cristianismo segue dentro de um conjunto de pressuposições completamente diferente. Nesse primeiro teste da presença da nova vida, o *doutrinário*, as pessoas começam a ver os fatos de maneira distinta; antes, duvidavam da existência da própria verdade. Agora, veem que Deus é verdadeiro, que Cristo é a verdade e que a Bíblia contém proposições reais. É claro que elas não entendem tudo, mas realmente enxergam os acontecimentos de outro modo.

Certo escritor afirmou:

> Todo homem em quem essa obra divina ocorreu experimenta *novas visões da verdade divina*. A alma vê nelas coisas nunca vistas. Ela discerne na verdade de Deus uma beleza e excelência das quais não tínhamos ideia. Seja qual for a diversidade na clareza da visão de cada pessoa ou na verdade particular trazidas à memória, todos concordam com isto: que há uma nova percepção da verdade, [...] uma realidade abençoada, e muitas testemunhas de sã consciência e veracidade inquestionável, prontas a testemunhar disso. (ALEXANDER, 1967, p. 64)

João desenvolveu o teste doutrinário:

Filhinhos, é já a última hora; e, como ouvistes que vem o anticristo, também agora muitos se têm feito anticristos; por onde conhecemos que é já a última hora. Saíram de nós, mas não eram de nós; porque, se fossem de nós, ficariam conosco; mas isto é para que se manifestasse que não são todos de nós. E vós tendes a unção do Santo e sabeis tudo. Não vos escrevi porque não soubésseis a verdade, mas porque a sabeis, e porque nenhuma mentira vem da verdade. Quem é o mentiroso, senão aquele que nega que Jesus é o Cristo? É o anticristo esse mesmo que nega o Pai e o Filho. Qualquer que nega o Filho também não tem o Pai; e aquele que confessa o Filho tem também o Pai. Portanto, o que desde o princípio ouvistes permaneça em vós. Se em vós permanecer o que desde o princípio ouvistes, também permanecereis no Filho e no Pai. E esta é a promessa que ele nos fez: a vida eterna. Estas coisas vos escrevi acerca dos que vos enganam. E a unção que vós recebestes dele fica em vós, e não tendes necessidade de que alguém vos ensine; mas, como a sua unção vos ensina todas as coisas, e é verdadeira, e não é mentira, como ela vos ensinou, assim nele permanecereis.

1 João 2.18-27

Depois, ele retomou o assunto:

Amados, não creiais em todo espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo. Nisto conhecereis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus; mas este é o espírito do anticristo, do qual já ouvistes que há de vir, e eis que está já no mundo. Filhinhos, sois de Deus e já os tendes vencido, porque maior é o que está em vós do que o que está no mundo. Do mundo são; por isso, falam do mundo, e o mundo os ouve. Nós somos de Deus; aquele que conhece a Deus ouve-nos;

aquele que não é de Deus não nos ouve. Nisto conhecemos nós o espírito da verdade e o espírito do erro.

1 João 4.1-6

Naturalmente, João enfatizou os erros dos gnósticos, principalmente o de negarem o fato de Jesus ser o Cristo. Porém, ele mostrou que esse erro pode ser cometido por qualquer um. O apóstolo o chamou de *mentira*, e quem a abraça recebe o título de *mentiroso*. *Quem é o mentiroso, senão aquele que nega que Jesus é o Cristo? É o anticristo esse mesmo que nega o Pai e o Filho* (1 Jo 2.22).

Quando João afirmou que *Jesus é o Cristo*, ele não quis dizer meramente que Jesus é o Messias pelo qual o Antigo Testamento esperava. Se Ele o fosse, dificilmente os gnósticos se oporiam ao evangelho.

João também apresentou Jesus como o Filho de Deus, bem como falou sobre conhecer o Filho no Pai e o Pai no Filho. Em outras palavras, ele professou que Cristo foi totalmente Deus — Deus encarnou como Jesus.

Os gnósticos, por outro lado, criam que o Cristo divino, concebido como um enviado por um Deus superior, veio a um homem chamado Jesus, enquanto este se batizava, e deixou-o antes de ser crucificado.

Esse tipo de pensamento não difere de algumas formas bíblicas de entendimento que opõem o que chamamos de o Jesus histórico ao Cristo da fé.

Essa confissão básica do apóstolo João também inclui tudo o que o Pai falara acerca de Jesus na Bíblia.

Calvino disse:

> Concordo com os antigos, os quais pensavam que aqui há uma referência a Cerinto e Carpócrates. Contudo, a negação a Cristo vai muito mais além, pois não basta confessar que Jesus é o Cristo, mas reconhecê-lo como o Pai nos oferece no evangelho. As duas personalidades que mencionei deram o título de Cristo ao Filho de Deus, apesar de considerarem-no um mero homem. Outros, como Ário, seguiram o mesmo raciocínio, pois o adornavam com o nome de Deus, mas não criam em Sua divindade eterna. Marciano o tinha como um fantasma. Sabélio, como o próprio Deus. Todavia, todas essas pessoas negaram o Filho de Deus, haja vista que nenhuma delas verdadeiramente reconhecia o Cristo bíblico, mas adulteravam a verdade sobre Ele, fazendo dele um ídolo, em vez de o Cristo. [...]
>
> Agora, vemos que o Cristo é negado sempre que as coisas que pertencem a Ele são tiradas dele. E como Cristo é o fim da Lei e do evangelho e tem nele mesmo todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento, Ele é também o alvo do ataque de todos os hereges. Logo, o apóstolo tem bons motivos para chamar de os maiores mentirosos os que lutam contra Cristo, pois toda a verdade nos é revelada nele. (Calvino, 1961, p. 259-260)

Confessar que Jesus é o Cristo é declarar o Cristo bíblico. Negar esse Cristo, da forma que for, é uma heresia, com terríveis consequências.

Em primeiro lugar, negar o Filho é negar o Pai. Por esse motivo, os falsos mestres fingiam estar adorando ao mesmo Deus que os cristãos. Era como se dissessem: "Só discordamos de vocês com relação ao que creem sobre Jesus". Porém, João disse que isso é impossível. Se Jesus é Deus, negar Jesus é negar Deus.

Em segundo lugar, negar o Filho é negar a presença de Deus na vida de alguém ou não ter parte com Ele. João usou a expressão *ter o Pai. Qualquer que nega o Filho também não tem o Pai; e aquele que confessa o Filho tem também o Pai* (1 Jo 2.23).

Na linguagem bíblica, isso equivale a dizer que tais pessoas não foram regeneradas e que estão sob a condenação divina. Já aqueles

que confessam Cristo encontram o Pai e são justificados por Ele.

O TESTE MORAL

O teste moral, que faz alusão a outro ponto da mesma epístola, é este:

> *E nisto sabemos que o conhecemos: se guardarmos os seus mandamentos. Aquele que diz: Eu conheço-o e não guarda os seus mandamentos é mentiroso, e nele não está a verdade. Mas qualquer que guarda a sua palavra, o amor de Deus está nele verdadeiramente aperfeiçoado; nisto conhecemos que estamos nele. Aquele que diz que está nele também deve andar como ele andou. Qualquer que comete o pecado também comete iniqüidade, porque o pecado é iniqüidade. E bem sabeis que ele se manifestou para tirar os nossos pecados; e nele não há pecado. Qualquer que permanece nele não peca; qualquer que peca não o viu nem o conheceu. Filhinhos, ninguém vos engane. Quem pratica justiça é justo, assim como ele é justo. Quem comete o pecado é do diabo, porque o diabo peca desde o princípio. Para isto o Filho de Deus se manifestou: para desfazer as obras do diabo. Qualquer que é nascido de Deus não comete pecado; porque a sua semente permanece nele; e não pode pecar, porque é nascido de Deus. Nisto são manifestos os filhos de Deus e os filhos do diabo: qualquer que não pratica a justiça e não ama a seu irmão não é de Deus.*
>
> 1 João 2.3-6; 3.4-10

Para entendermos de modo simples, aqueles que conhecerem Deus viverão de maneira cada vez mais justa. Isso não significa que não pecarão, mas que seguirão em uma direção marcada pela justiça divina. Quando isso não ocorre, esses indivíduos não são filhos de Deus.

> *Aquele que diz: Eu conheço-o e não guarda os seus mandamentos é mentiroso, e nele não está a verdade. Mas qualquer que guarda a sua palavra, o amor de Deus está nele verdadeiramente aperfeiçoado; nisto conhecemos que estamos nele.*
>
> 1 João 2.4,5

Nessa passagem, João apresentou dois tipos de homem: o que diz conhecer Deus, mas não guarda Seus mandamentos, e o que obedece a Deus por amor a Ele. João usou palavras muito ásperas para o primeiro tipo de pessoa. Ele o chamou de *mentiroso*, pois não é nem enganado por alguém nem confundido por algum fato, mas professa *nele não está a verdade*. Ele pode também estar dando-nos um conselho: que não busquemos a verdade nele. Nesse caso, a expressão se aplica aos falsos mestres (de quem os verdadeiros seguidores de Deus devem afastar-se) dos dias de João e dos nossos.

A verdade deve ser buscada não em quem tem apenas qualificações intelectuais, mas em quem mostra ter conhecimento espiritual e uma conduta justa.

O segundo tipo de homem, aquele que obedece a Deus por amor, tem o amor divino aperfeiçoado nele. Apesar de não fazer grandes afirmações de que conhece Deus — como os gnósticos faziam —, ele conhece o Senhor, segundo João.

Há alguns anos, quando a moralidade estava em seu auge, alguns teólogos se encontraram no Seminário Teológico de Princeton para discutir o assunto. A maioria se pôs a favor do mesmo; por isso, a discussão se centralizou no valor da liberdade de todas as regras e regulamentações, salvo algumas exceções.

Lá, foi decidido que a única regra aceitável seria o amor. Tudo vindo do amor seria permitido, desde que isso não machucasse pessoa alguma. Nesse debate, um padre católico não dizia uma palavra. Ao pedirem sua opinião, ele disse: "Vocês não concordam que o único

fator limitador em qualquer decisão ética é o amor? Jesus disse: *Se me amardes, guardareis os meus mandamentos* (Jo 14.15)".

Dizemos ser cristãos? *Aquele que diz que está nele também deve andar como ele andou* (1 Jo 2.6). Somos chamados a imitar a conduta do Senhor Jesus. Andar como Cristo andou é viver não por regras, mas pelo exemplo. É segui-lo, ser Seu discípulo. Um discípulo *pessoal*, *ativo* e *caro*.

Pessoal porque tal tarefa não pode ser delegada a terceiros. Devemos encontrar-nos em Cristo, como Pedro, após a ressurreição de Jesus. Observe o que ocorreu naquela ocasião:

> *Mas tudo isso vos farão por causa do meu nome, porque não conhecem aquele que me enviou. Se eu não viera, nem lhes houvera falado, não teriam pecado, mas, agora, não têm desculpa do seu pecado. Aquele que me aborrece aborrece também a meu Pai. Se eu, entre eles, não fizesse tais obras, quais nenhum outro têm feito, não teriam pecado; mas, agora, viram-nas e me aborreceram a mim e a meu Pai. Mas é para que se cumpra a palavra que está escrita na sua lei: Aborreceram-me sem causa. Mas, quando vier o Consolador, que eu da parte do Pai vos hei de enviar, aquele Espírito da verdade, que procede do Pai, testificará de mim. E vós também testificareis, pois estivestes comigo desde o princípio.*
>
> João 21.15-17

Depois que Pedro se irritou com o fato de Jesus questioná-lo três vezes, ele quis colocar o foco de Cristo sobre Seu discípulo mais amado, que, aparentemente, podia ser visto ao longe. Veja, então, o que aconteceu:

> *E Pedro, voltando-se, viu que o seguia aquele discípulo a quem Jesus amava, e que na ceia se recostara também sobre o seu peito, e que dissera: Senhor, quem é que te há de trair? Vendo Pedro a este, disse a Jesus: Senhor, e deste que será? Disse-lhe Jesus: Se eu quero que ele fique até que eu venha, que te importa a ti? Segue-me tu.*
>
> João 21.20-22

Não houve escapatória para a chamada ao discipulado pessoal de Pedro.

O discípulo que anda como Cristo andou é também *ativo*, pois o Senhor é ativo. Quem é inativo é deixado para trás.

Por último, tal discípulo é *caro*, pois o caminho em que Jesus andou, apesar de levar à vitória, primeiro leva à crucificação; ele só pode ser percorrido por aqueles que morreram para si mesmos e agora levam a cruz de Cristo para segui-lo. Esses, seja nos dias de João, seja nos de hoje, terão sempre confiança diante de Deus e certeza de que o conhecem.

C. H. Dodd, ex-professor de Novo Testamento na Universidade de Cambridge, declarou em *As epístolas Joaninas*:

> Nessa passagem, nosso autor não apenas refuta tendências perigosas na Igreja de seus dias, como discute um problema de relevância eterna, o da validade da experiência religiosa. Podemos achar que temos ciência de Deus ou união com Ele, mas como podemos saber que tal experiência corresponde à realidade? Clareza ou poder na experiência em si não garantem sua validade — assim como um sonho que pareceu algo real em uma noite de sono não passa de um sonho. Se, entretanto, aceitarmos a revelação de Deus em Cristo, deveremos, então, crer que qualquer experiência com Deus — o que é válido — tem qualidade ética definida pelo que conhecemos de Cristo, o que carrega em si uma fidelidade renovada ao Seu ensino e exemplo. O autor não quer dizer que somente aqueles que obedecem perfeitamente a Cristo e seguem Seu exemplo têm uma experiência com Deus. Isso seria afirmar uma ausência de pecado na vida do cristão em um sentido de que ele o

repudiou. Se a experiência não incluir uma mistura de afeição e vontade com relação aos princípios morais do evangelho, não se trata de uma experiência com Deus. (DODD, 1946, p. 32)

Claro que há mais a ser dito, mas não sobre o teste da experiência. O teste que prova se conhecemos ou não a Deus é o da justiça.

O TESTE SOCIAL

Em meio a Seus últimos discursos — anteriores à crucificação —, Jesus nos deu um novo mandamento: amar.

Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis. Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros.

João 13.34,35

O amor é a marca pela qual o mundo pode saber que os cristãos são verdadeiramente cristãos.

Em 1 João, o mandamento é repetido, mas com uma diferença: é pelo amor que os cristãos (assim como o mundo) saberão que são cristãos.

Mas qualquer que guarda a sua palavra, o amor de Deus está nele verdadeiramente aperfeiçoado; nisto conhecemos que estamos nele.

1 João 2.5

Quando os cristãos começarem a amar, principalmente a demonstrar amor a todos por quem Cristo morreu, poderão ter certeza de que conhecem a Deus.

João falou desse teste na seguinte passagem bíblica:

Irmãos, não vos escrevo mandamento novo, mas o mandamento antigo, que desde o princípio tivestes. Este mandamento antigo é a palavra que desde o princípio ouvistes. Outra vez vos escrevo um mandamento novo, que é verdadeiro nele e em vós; porque vão passando as trevas, e já a verdadeira luz alumia. Aquele que diz que está na luz e aborrece a seu irmão até agora está em trevas. Aquele que ama a seu irmão está na luz, e nele não há escândalo. Mas aquele que aborrece a seu irmão está em trevas, e anda em trevas, e não sabe para onde deva ir; porque as trevas lhe cegaram os olhos.

1 João 2.7-11

E o apóstolo repetiu essa ideia:

Porque a mensagem que ouvistes desde o princípio é esta: que nos amemos uns aos outros; não segundo Caim, que era do Maligno e assassinou a seu irmão; e por que o assassinou? Porque as suas obras eram más, e as de seu irmão, justas. Irmãos, não vos maravilheis se o mundo vos odeia. Nós sabemos que já passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos; aquele que não ama permanece na morte. Todo aquele que odeia a seu irmão é assassino; ora, vós sabeis que todo assassino não tem a vida eterna permanente em si. Nisto conhecemos o amor: que Cristo deu a sua vida por nós; e devemos dar nossa vida pelos irmãos. Ora, aquele que possuir recursos deste mundo, e vir a seu irmão padecer necessidade, e fechar-lhe o seu coração, como pode permanecer nele o amor de Deus? Filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas de fato e de verdade.

1 João 3.11-18 ARA

Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor procede de Deus; e todo aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Aquele que não ama não conhece a

Deus, pois Deus é amor. Nisto se manifestou o amor de Deus em nós: em haver Deus enviado o seu Filho unigênito ao mundo, para vivermos por meio dele. Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados. Amados, se Deus de tal maneira nos amou, devemos nós também amar uns aos outros. Ninguém jamais viu a Deus; se amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós, e o seu amor é, em nós, aperfeiçoado. Nisto conhecemos que permanecemos nele, e ele, em nós: em que nos deu do seu Espírito. E nós temos visto e testemunhamos que o Pai enviou o seu Filho como Salvador do mundo. Aquele que confessar que Jesus é o Filho de Deus, Deus permanece nele, e ele, em Deus. E nós conhecemos e cremos no amor que Deus tem por nós. Deus é amor, e aquele que permanece no amor permanece em Deus, e Deus, nele. Nisto é em nós aperfeiçoado o amor, para que, no Dia do Juízo, mantenhamos confiança; pois, segundo ele é, também nós somos neste mundo. No amor não existe medo; antes, o perfeito amor lança fora o medo. Ora, o medo produz tormento; logo, aquele que teme não é aperfeiçoado no amor. Nós amamos porque ele nos amou primeiro. Se alguém disser: Amo a Deus, e odiar a seu irmão, é mentiroso; pois aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê. Ora, temos, da parte dele, este mandamento: que aquele que ama a Deus ame também a seu irmão.

1 João 4.7-21 ARA

O resumo do teste de João está em 1 João 2.9,10:

Aquele que diz que está na luz e aborrece a seu irmão até agora está em trevas. Aquele que ama a seu irmão está na luz, e nele não há escândalo.

Assim como no teste moral, essa passagem contém dois grupos específicos de pessoas: o das que dizem estar na luz e aborrecem (odeiam) seu irmão e o das que mostram que estão na luz por amarem seu irmão.

O primeiro grupo está nas trevas. Com certeza, nesse ponto, João está fazendo menção dos gnósticos, que se diziam "os iluminados", mas o mesmo se dá com relação a todos que professam ter sido regenerados, embora não apresentem mudanças.

Em essência, Paulo fez a mesma declaração:

Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência; ainda que eu tenha tamanha fé, a ponto de transportar montes, se não tiver amor, nada serei.

1 Coríntios 13.2 ARA

Quanto ao segundo grupo, João disse que nele *não há escândalo* em sua conduta (1 Jo 2.10). Essa ideia pode ser aplicada àqueles que não somente andam na luz, mas também não fazem qualquer outra pessoa ser motivo de escândalo.

A ideia também pode ser aplicada àqueles que andam na luz e não tropeçam. O contexto praticamente exige essa segunda ideia, pois a questão dessas passagens não é o que acontece aos outros, mas o efeito do amor e do ódio nos próprios indivíduos.

O equivalente negativo disso ocorre em 1 João 2.11:

Mas aquele que aborrece a seu irmão está em trevas, e anda em trevas, e não sabe para onde deva ir; porque as trevas lhe cegaram os olhos.

Esse versículo apresenta o verbo *andar*, o qual pode ser aplicado à vida de amor. Ele

sugere passos práticos. O amor não é certo sentimento benigno ou um sorriso, mas uma atitude que determina o que fazemos. É impossível falar do amor cristão sem falar de ações decorrentes do mesmo, assim como não se pode falar do amor divino sem mencionar a criação, a revelação do Antigo Testamento, a vinda de Cristo, a cruz e o derramamento do Espírito Santo.

O que ocorreria se aqueles que professam a vida de Cristo amassem uns aos outros verdadeiramente? Francis Schaeffer sugeriu vários fatos. Primeiro, quando um cristão falha no amor a outro cristão e age de modo errado com relação a essa pessoa, deve ir até ela e desculpar-se. Esse gesto expressa amor e restaura a singularidade que Jesus disse que fluiria do amor cristão ao próximo. Além disso, atesta seu cristianismo diante do mundo.

Segundo, quando alguém nos machuca, devemos mostrar nosso amor, perdoando-lhe. Isso é difícil, especialmente quando esse alguém não se desculpa.

Schaeffer disse:

> Temos de reconhecer continuamente que não praticamos o perdão como deveríamos. Todavia, nossa oração é: "Perdoa as nossas dívidas e as nossas ofensas como perdoamos as dos outros!". Devemos ter um espírito perdoador antes mesmo de os outros mostrarem arrependimento por seus erros. A oração do Pai-Nosso não sugere que devemos esperar até que os outros se arrependam para perdoar-lhes. Somos chamados a ter um espírito perdoador assim que os outros nos ofendem. Podemos até dizer que o outro está errado, mas, mesmo dizendo isso, devemos liberar o perdão. (SCHAEFFER, 1970, p. 145)

João, conhecido como um dos *filhos do trovão* (Mc 3.17), já quis clamar por fogo do céu para queimar aqueles que rejeitaram Jesus.

> *E os discípulos Tiago e João, vendo isso, disseram: Senhor, queres que digamos que desça fogo do céu e os consuma, como Elias também fez?*
>
> Lucas 9.54

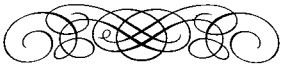
Porém, ao conhecer mais de Deus, o apóstolo clamou por amor.

Terceiro, devemos mostrar amor ainda que o preço seja caro. O amor custou ao samaritano da parábola de Cristo tempo e dinheiro (Lc 10.30-37); ao pastor custou deixar suas 99 ovelhas no aprisco para ir atrás de uma que se perdeu (Mt 18.12-14; Lc 15.4-7); e, a Maria de Betânia, *uma libra de ungüento de nardo puro, de muito preço* (Jo 12.3-8).

O amor custa caro a quem o pratica, mas o que se compra com ele é de valor ainda maior. Ele é uma prova da presença da vida de Deus a nós, cristãos, e ao mundo, que nos observa.

CAPÍTULO 9

UMA NOVA FAMÍLIA



Nas primeiras páginas de *A Place for You* [Um lugar para você], o notável psicólogo suíço Paul Tournier fala de um jovem que ele aconselhara, o qual crescera em um lar religioso, mas infeliz.

Esse rapaz vivenciou o divórcio dos pais, o que acarretou sintomas psicológicos prejudiciais, como um acentuado senso de fracasso. Primeiro, por não ter conseguido reconciliar seus pais; segundo, por não ter obtido um bom desempenho em seus estudos; e, terceiro, por não ter sido capaz de estabelecer-se e alcançar sucesso em nenhuma área da vida. Quando, então, conheceu Tournier, em uma de suas conversas, concluiu que estava sempre à procura do lugar certo.

A necessidade de um lugar certo é comum a todos.

> A criança que cresce harmonicamente em um lar saudável encontra "boas-vindas" em qualquer lugar. Uma vara atravessada entre duas cadeiras já pode ser considerada um lar. Na vida adulta, onde quer que vá, ela poderá fazer dali seu lar, sem esforço algum. Para ela, a questão não será procurar, mas escolher um lar. [...] Já quando a criança cresce em uma família que não a faz pertencer a ela, procura em todo lugar por outro lar, e nunca consegue estabelecer-se em local algum. A criança passa a carregar em si a incapacidade de pertencer a algo, a algum lugar ou a alguém. (TOURNIER, 1968, p. 12)

No nível espiritual, entretanto, o problema é detectado na alienação a Deus que sentimos como resultado da Queda e de nossos próprios pecados.

Agostinho foi feliz ao dizer:

> Tu nos formaste para Ti. [...] E nosso coração não descansará até encontrar descanço em Ti. (OATES, 1948, p. 3)

Deus lidou com esse grande problema da alienação por meio da adoção, levando certa pessoa de uma (ou nenhuma) família para a Sua família. Às vezes, a adoção divina é considerada um mero aspecto da justificação ou apenas outra maneira de dizer o que acontece na regeneração, mas a adoção divina é muito mais que esses outros atos da obra do Senhor.

John Murray distinguiu a adoção da justificação e da regeneração, quando disse:

> A justificação divina significa nossa aceitação por Deus como justos e a concessão da vida eterna. A regeneração é a renovação de nosso coração diante de Deus. Contudo, essas bênçãos em si, por mais preciosas que sejam, não indicam o que é conferido no ato da adoção. Por meio da adoção, os redimidos se tornam filhos do Todo-poderoso, com direito a todos

os privilégios da família de Deus. (MURRAY, 1955, p. 132)

Somente a adoção divina sugere o novo relacionamento familiar, o qual obtemos por Cristo, e aponta para os privilégios desse relacionamento.

> *Porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus. Porque não recebestes o espírito de escravidão, para, outra vez, estardes em temor, mas recebestes o espírito de adoção de filhos, pelo qual clamamos: Aba, Pai. O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus. E, se nós somos filhos, somos, logo, herdeiros também, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo; se é certo que com ele padecemos, para que também com ele sejamos glorificados.*
>
> Romanos 8.14-17

Essa passagem fala da adoção divina como uma obra separada do Espírito de Deus, por meio da qual: (1) somos libertos da escravidão do pecado e do medo; (2) temos certeza de nosso relacionamento com Deus; e (3) tornamo-nos herdeiros de Deus com Cristo.

Murray também afirmou:

1. Apesar de a adoção divina ser algo distinto, ela nunca se dará separada da justificação e da regeneração. Quem for justificado será sempre considerado filho de Deus. E todos que receberam o direito de tornarem-se filhos de Deus *não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus* (Jo 1.13).
2. A adoção divina é, assim como a justificação, um ato judicial. Em outras palavras, é a concessão de um *status*, não a geração em nós de uma nova natureza ou personalidade. Diz respeito a um relacionamento, e não a uma atitude ou disposição que não nos possibilita reconhecer esse relacionamento e cultivá-lo.
3. Quando Deus nos adota, recebemos o Espírito de adoção por meio do qual podemos reconhecer nossa família e exercitar os privilégios de pertencermos a ela. *E, porque sois filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai* (Gl 4.6). Compare com Romanos 8.15,16.
   O *espírito de adoção* (Rm 8.15) é a consequência; ele, em si, não constitui a adoção divina. Há uma relação de muita proximidade entre a adoção e a regeneração. (MURRAY, 1955, p. 132-133)

A relação é explicada pela maneira como, no passado, um pai adotava seu próprio filho oficialmente como seu representante legal e herdeiro. Esse era um momento muito importante na vida de um judeu, grego ou romano. Antes, o filho era filho por meio de seu nascimento. Depois, ele se tornava filho legal, passando da dependência de seu responsável para a idade adulta.

Apesar de, na vida cristã, a regeneração e a adoção acontecerem simultaneamente, a adoção enfatiza o novo *status* de cristão, enquanto a regeneração, o da novidade de vida.

NOVOS RELACIONAMENTOS

Talvez eu não me tenha expressado bem utilizando o termo *novo status*. A adoção envolve, na verdade, *novos relacionamentos*, tanto com Deus como com os irmãos na fé.

O novo relacionamento com o Altíssimo não se dá automaticamente. Tendo nos justificado, Ele poderia ter-nos deixado com um *status* bem inferior e com bem menos privilégios. Contudo, em vez disso, adotou-nos em Sua própria família, dando-nos o *status* e os privilégios de filhos e filhas dele. A bondade

de Deus foi tão grande com esse ato de adoção que somos tentados a dispensá-lo. Por isso, o Todo-poderoso buscou selar essas verdades em nosso coração.

Como disse Paulo:

> *Mas, como está escrito: As coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem são as que Deus preparou para os que o amam. Mas Deus no-las revelou pelo seu Espírito; porque o Espírito penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus.*
>
> 1 Coríntios 2.9,10

Há certo sentido nos ditos populares "Deus é Pai" e "Eu também sou filho de Deus", pois Ele criou todas as coisas e é Ele quem sustenta nossa vida dia a dia. *Porque nele vivemos, e nos movemos, e existimos, como também alguns dos vossos poetas disseram: Pois somos também sua geração* (At 17.28).

Por essa razão, somos chamados de *geração de Deus* (At 17.29). Contudo, Jesus declarou que alguns que se consideravam filhos de Deus eram, na verdade, filhos do diabo.

> *E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará. Responderam-lhe: Somos descendência de Abraão, e nunca servimos a ninguém; como dizes tu: Sereis livres? Bem sei que sois descendência de Abraão; contudo, procurais matar-me, porque a minha palavra não entra em vós. Responderam e disseram-lhe: Nosso pai é Abraão. Jesus disse-lhes: Se fôsseis filhos de Abraão, faríeis as obras de Abraão. Disse-lhes, pois, Jesus: Se Deus fosse o vosso Pai, certamente, me amaríeis, pois que eu saí e vim de Deus; não vim de mim mesmo, mas ele me enviou. Por que não entendeis a minha linguagem? Por não poderdes ouvir a minha palavra. Vós tendes por pai ao diabo e quereis satisfazer os desejos de vosso pai; ele foi homicida desde o princípio e não se firmou na verdade, porque não há verdade nele; quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira.*
>
> João 8.32,33,37,39,42-44

Nesse diálogo com os judeus, Jesus pôs um fim à errônea doutrina de que Deus é Pai de todos e de que todos são Seus filhos.

Todavia, não é apenas um novo relacionamento (com Deus) o que nós, cristãos, ganhamos com a adoção divina. Também adquirimos um relacionamento com outras pessoas (nossos irmãos e irmãs em Cristo), o que requer que as amemos e que, com elas, trabalhemos, pois isso condiz com nossos novos laços de família.

Antes, não pertencíamos à família de Deus. Ao contrário, cada um de nós vivia sua própria vida, opondo-se e, às vezes, mostrando hostilidade aos outros. Agora, somos diferentes. *Assim que já não sois estrangeiros, nem forasteiros, mas concidadãos dos Santos e da família de Deus* (Ef 2.19).

As atitudes que devem fluir desses novos relacionamentos nem sempre se dão natural ou facilmente. Justamente por esse motivo, precisamos tomar posse dessa realidade e esforçar-nos para termos bons relacionamentos.

John White assim descreveu essa tarefa:

> Vocês foram purificados pelo mesmo sangue e regenerados pelo mesmo Espírito. São cidadãos da mesma cidade, servos do mesmo Mestre, leitores das mesmas Escrituras e adoradores do mesmo Deus. A mesma presença habita silenciosamente em vocês. Logo, vocês têm compromissos uns com os outros. Vocês são irmãos em Cristo. Gostando ou não, vocês pertencem a Ele. Vocês têm responsabilidades com relação um ao outro que devem ser cumpridas com amor. Enquanto vocês morarem

> neste mundo, serão devedores uns dos outros. Seus irmãos podem ter feito muito ou pouco por vocês, mas Cristo fez tudo por vocês. E Ele ordena que essa eterna dívida de vocês seja transferida a seus novos irmãos. (WHITE, 1976, p. 129-130)

Fazer parte da família de Deus não significa que seremos insensíveis às falhas humanas. Na verdade, deveremos ser sensíveis a elas se quisermos eliminá-las e melhorar a qualidade de nossos novos relacionamentos familiares. Não poderemos, entretanto, ser ultrassensíveis às faltas de nossos irmãos e irmãs em Cristo; tampouco deveremos criticá-los diretamente. *Oh! Quão bom e quão suave é que os irmãos vivam em união!* (Sl 133.1).

Devemos ser comprometidos uns com os outros, com a devida lealdade familiar, esforçando-nos para que ajudemos uns aos outros a levar uma vida cristã. Temos também de orar uns pelos outros e servir uns aos outros. *Orai uns pelos outros* (Tg 5.16b). *Servi-vos uns aos outros pela caridade* (Gl 5.13b).

PRIVILÉGIOS DE FAMÍLIA

Nossos novos relacionamentos nos dão novos privilégios. Alguns destes agora, nesta vida, e outros depois, no céu. Os do céu são descritos na Bíblia como nossa herança. Na Sagrada Escritura não é dito exatamente que privilégios serão os vindouros, apenas que envolvem vida e bênçãos celestiais. Nossa herança é definida como *riquezas da glória* (Ef 1.18), *galardão* pelo serviço a Cristo (Cl 3.24) e *herança eterna* (Hb 9.15).

Pedro declarou o seguinte:

> *Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua grande misericórdia, nos gerou de novo para uma viva esperança, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança incorruptível, incontaminável e que se não pode murchar, guardada nos céus para vós.*
> 1 Pedro 1.3,4

E Paulo descreveu o Espírito Santo como *o penhor da nossa herança, para redenção da possessão de Deus* (Ef 1.14).

A oração é o maior privilégio da adoção divina que podemos desfrutar agora. Por outro lado, ela é descrita como uma consequência de nossa justificação.

> *Sendo, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo; pelo qual também temos entrada pela fé a esta graça, na qual estamos firmes; e nos gloriamos na esperança da glória de Deus.*
> Romanos 5.1,2

O termo *entrada*, nesse caso, significa acesso a Deus e baseia-se em nossa adoção. Em função dela, podemos aproximar-nos do Altíssimo como um filho pode aproximar-se de seu pai.

> *Porque não recebestes o espírito de escravidão, para, outra vez, estardes em temor, mas recebestes o espírito de adoção de filhos, pelo qual clamamos: Aba, Pai. O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus.*
> Romanos 8.15,16

Somente pelo testemunho do Espírito Santo em nós podemos ter certeza de que Deus é nosso Pai e de que Ele realmente ouve nossas orações.

Podemos chamar o nosso Deus de *Pai*, pois Jesus disse: *Portanto, vós orareis assim: Pai nosso, que estás nos céus* (Mt 6.9a).

Nenhum judeu havia chamado Deus de *Pai nosso* no Antigo Testamento. De fato, esse modo de orar era inédito, original para a época de Cristo. Isso foi documentado pelo estudioso alemão Ernst Lohmeyer no livro chamado

Pai-nosso, e pelo contemporâneo estudioso da Bíblia Joaquim Jeremias em um ensaio intitulado *Aba* e um livreto chamado *A oração do Pai-nosso*.

De acordo com esses estudiosos, três coisas são indiscutíveis: (1) Jesus foi o primeiro a referir-se a Deus assim; (2) Jesus sempre orou tratando Deus dessa forma; e (3) Jesus autorizou Seus discípulos a tratarem Deus do mesmo modo.

É fato que o termo *Pai* para designar Deus é tão antigo quanto a religião. Homero escreveu acerca de um "Pai-Zeus que governa sobre os deuses e os mortais". Aristóteles disse que Homero estava certo em dizer que o governo do pai sobre seus filhos é como o do rei sobre seus súditos.

Nesse contexto, a palavra *Pai* significa Senhor. É interessante notar, no entanto, que esse termo é usado aqui como impessoal. No pensamento grego, Deus era chamado de Pai no mesmo sentido que um rei o era.

O Antigo Testamento usa a palavra *Pai* como uma designação à relação entre Deus e Israel, mas, ainda assim, o uso é impessoal e não é frequente. Na verdade, ocorre 14 vezes em todo o Antigo Testamento. Israel é chamado assim pelo Senhor: *meu filho, meu primogênito* (Êx 4.22).

Davi declarou: *Como um pai se compadece de seus filhos, assim o SENHOR se compadece daqueles que o temem* (Sl 103.13).

Isaías disse: *Mas, agora, ó SENHOR, tu és o nosso Pai; nós, o barro, e tu, o nosso oleiro; e todos nós, obra das tuas mãos* (Is 64.8).

Porém, em nenhuma dessas passagens um israelita chama Deus de Pai. A maioria delas diz que Israel não veio a ter o *status* de família.

Jeremias afirmou:

> *Mas eu dizia: Como te porei entre os filhos e te darei a terra desejável, a excelente herança dos exércitos das nações? E eu disse: Pai me chamarás e de mim te não desviarás. Deveras, como a mulher se aparta aleivosamente do seu companheiro, assim aleivosamente te houveste comigo, ó casa de Israel, diz o SENHOR.*
>
> Jeremias 3.19,20

No tempo de Jesus, a distância entre as pessoas e o Altíssimo parecia ser grande. Os nomes de Deus eram constantemente citados em discursos públicos e orações, mas essa tendência foi completamente derrubada por Jesus, que sempre chamou Deus de *Pai*, e esse fato deve ter impressionado de maneira extraordinária Seus discípulos.

Os quatro Evangelhos relatam que Cristo chamou Deus de Pai até mesmo em Suas orações.

> *Naquele tempo, respondendo Jesus, disse: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, que ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos.*
>
> Mateus 11.25

> *E, indo um pouco adiante, prostrou-se sobre o seu rosto, orando e dizendo: Meu Pai, se é possível, passa de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres. E, indo segunda vez, orou, dizendo: Meu Pai, se este cálice não pode passar de mim sem eu o beber, faça-se a tua vontade.*
>
> Mateus 26.39,42

> *E disse: Aba, Pai, todas as coisas te são possíveis; afasta de mim este cálice; não seja, porém, o que eu quero, mas o que tu queres.*
>
> Marcos 14.36

> *E dizia Jesus: Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem. E, repartindo as suas vestes, lançaram sortes.*
>
> Lucas 23.34

Tiraram, pois, a pedra. E Jesus, levantando os olhos para o céu, disse: Pai, graças te dou, por me haveres ouvido.

João 11.41

Agora, a minha alma está perturbada; e que direi eu? Pai, salva-me desta hora; mas para isso vim a esta hora.

João 12.27

Jesus falou essas coisas e, levantando os olhos ao céu, disse: Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que também o teu Filho te glorifique a ti, e, agora, glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse. E eu já não estou mais no mundo; mas eles estão no mundo, e eu vou para ti. Pai santo, guarda em teu nome aqueles que me deste, para que sejam um, assim como nós. Para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu, em ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste. Pai, aqueles que me deste quero que, onde eu estiver, também eles estejam comigo, para que vejam a minha glória que me deste; porque tu me hás amado antes da criação do mundo. Pai justo, o mundo não te conheceu; mas eu te conheci, e estes conheceram que tu me enviaste a mim.

João 17.1,5,11,21,24,25

A única exceção tem um porquê: é o clamor da cruz. *Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?* (Mt 27.46b).

Essa oração adveio dos lábios de Cristo no momento em que Ele foi feito pecado pela humanidade e em que o relacionamento que tinha com Seu Pai parece ter sido temporariamente quebrado. *Àquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus* (2 Co 5.21).

Em todas as outras vezes, Jesus corajosamente assumiu com Deus um relacionamento que muitos achavam desrespeitoso ou blasfemo.

Isso é muito importante para nossas orações: Cristo era o Filho de Deus em um sentido único, assim como Deus era Seu Pai também em um sentido único. Ele orava a Deus como Seu Filho único. Agora, revela que todo aquele que nele crê tem essa mesma relação com o Senhor — todo aquele cujos pecados foram perdoados por Seu sacrifício vicário. Todo o que nele crê pode ir a Deus como Seu filho.

Além disso, quando chamou Deus de Pai, Jesus usou a palavra aramaica *aba*. Isso foi tão impactante para Seus discípulos que eles fizeram menção do mesmo vocábulo, mesmo escrevendo em grego.

Marcos o utilizou em seu relato da oração de Cristo no Getsêmani: *E disse: Aba, Pai, todas as coisas te são possíveis; afasta de mim este cálice; não seja, porém, o que eu quero, mas o que tu queres* (Mc 14.36).

E Paulo empregou a mesma palavra nas passagens a que nos referimos:

Porque não recebestes o espírito de escravidão, para, outra vez, estardes em temor, mas recebestes o espírito de adoção de filhos, pelo qual clamamos: Aba, Pai.

Romanos 8.15

E, porque sois filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai.

Gálatas 4.6

O que *aba* significa exatamente? Crisóstomo, Teodoro de Mopsuéstia e Teodoreto de Ciro, cristãos da Igreja primitiva vindos de Antioquia (onde o aramaico era a primeira língua), testificam unânimemente que *aba* era como uma criança chamava seu pai (JEREMIAS, 1964, p. 19).

O Talmude é outra testemunha, pois afirma que em geral *aba* e *ima* (papai e mamãe, respectivamente) eram as primeiras palavras aprendidas pelas crianças. Isso é o que *aba* quer dizer: *papai.*

No pensamento judaico, uma oração que chama Deus de papai não somente seria imprópria, mas também o pior dos desrespeitos. Contudo, era como Jesus tratava Deus. Quando Cristo instruiu Seus discípulos a fazerem o mesmo, estava propondo algo inédito.

Confiança em nosso Pai

Isso nos dá certeza diante de Deus. Ao aproximarmo-nos do Altíssimo, sendo ensinados e levados a fazê-lo pelo Seu próprio Espírito, sabemos que estamos em um relacionamento seguro.

Deus é nosso Pai? Em caso afirmativo, Ele nos ajudará em nossa caminhada, mostrando-nos como andar espiritualmente e levantando-nos quando cairmos.

> *Todavia, eu ensinei a andar a Efraim; tomei-os pelos seus braços, mas não conheceram que eu os curava. Atraí-os com cordas humanas, com cordas de amor; e fui para eles como os que tiram o jugo de sobre as suas queixadas; e lhes dei mantimento. Como te deixaria, ó Efraim? Como te entregaria, ó Israel? Como te faria como Admá? Pôr-te-ia como Zeboim? Está mudado em mim o meu coração, todos os meus pesares juntamente estão acesos.*
>
> Oséias 11.3,4,8

Um Deus assim nos livra de cairmos e apresenta-nos *irrepreensíveis, com alegria, perante a sua glória* (Jd 1.24).

Se Deus for nosso Pai, cuidará de nós e nos abençoará abundantemente, pois assim como a lei dos Estados Unidos da América diz que os pais devem cuidar de seus filhos, a Lei de Deus também declara o mesmo.

> *Eis aqui estou pronto para, pela terceira vez, ir ter convosco e não vos serei pesado; pois que não busco o que é vosso, mas, sim, a vós; porque não devem os filhos entesourar para os pais, mas os pais, para os filhos.*
>
> 2 Coríntios 12.14

Isso é verdade tanto no plano material como no espiritual.

Jesus disse:

> *Por isso, vos digo: não andeis cuidadosos quanto à vossa vida, pelo que haveis de comer ou pelo que haveis de beber; nem quanto ao vosso corpo, pelo que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o mantimento, e o corpo, mais do que a vestimenta?*
>
> Mateus 6.25

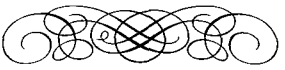
Deus, sendo nosso Pai, irá adiante de nós, apontando o caminho para a vida.

Paulo fez essa declaração ao afirmar: *Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados* (Ef 5.1).

Deus, como nosso Pai, garante-nos que pertencemos a Ele eternamente e que, enquanto formos guiados, ensinados e instruídos para as tarefas da vida, nada interferirá em Seu propósito para nós em Cristo. Devemos, portanto, anelar por vê-lo e ser como Ele, pois o veremos como Ele é.

CAPÍTULO 10

O CAMINHO QUE LEVA PARA O ALTO



Um dos primeiros sinais da obra salvadora de Deus na vida de um indivíduo é a insatisfação com o pecado e a busca pela santidade. Contudo, nem a insatisfação nem a busca se assemelham à santidade em si, a qual é o alvo que devemos perseguir.

Se não entendermos a santidade bíblica, poderemos imaginar que atingimos a perfeição, tornando-nos, assim, complacentes com a vida cristã. Quando a compreendemos, encontramo-nos forçados a ter de depender do poder do Espírito Santo em nós.

A *santificação*, palavra apropriada para esse aspecto da obra do Espírito no cristão, descreve duas áreas de crescimento: (1) a separação para Deus e Seus propósitos, pois o significado de santidade sugere uma separação para Deus; e (2) a conduta que agrada a Ele, que é a que imita a de Jesus. Com o tempo, passamos a pensar e agir como Cristo pensaria e agiria.

Portanto, o alvo da santidade tem seu padrão moral em conformidade com a vontade e a mentalidade de Deus. Santificação é um desejo de crescer no caráter de Cristo.

PERFEITOS, MAS SENDO APERFEIÇOADOS

Mesmo tendo sido regenerados e justificados aos olhos de Deus, continuamos sendo pecadores. Contudo, apesar de justificados diante do Senhor, estamos longe de sermos perfeitos em nossos pensamentos e nossa conduta. É aí que entra a santificação. Paulo era ciente disso quando fez a seguinte declaração por escrito aos filipenses:

> *Não que já a tenha alcançado ou que seja perfeito; mas prossigo para alcançar aquilo para o que fui também preso por Cristo Jesus.*
>
> Filipenses 3.12

Três versículos depois, ele disse: *Pelo que todos quantos já somos perfeitos sintamos isto mesmo* (Fp 3.15a).

Apesar de Paulo saber que seu histórico já havia sido esquecido por Deus pela obra de Cristo e que ele já havia alcançado certa maturidade espiritual, o apóstolo também era ciente da necessidade de crescer em santidade e amor para atingir a estatura de Cristo.

Todo cristão passa por essa experiência. Quando cremos em Jesus como nosso Salvador, a maioria de nós se alegra e dá graças a Deus pela salvação. Sentimos que tudo mudou. Somos libertos do pecado e feitos novas criaturas em Cristo. Todavia, ainda temos nossas inclinações carnais, precisando melhorar nosso caráter e nossa conduta. Antes, tínhamos maus hábitos. Agora, somos salvos. Porém, muitos desses maus costumes permanecem por um tempo, enquanto somos tratados por Deus.

Podemos, então, duvidar da realidade da salvação? Não, pois o próprio fato de sermos agora cientes dessas imperfeições comprova que a obra transformadora de Deus já se instalou. Em vez de duvidar, devemos perceber que entramos em uma nova vida, que em muito precisa ser mudada. À medida que Deus opera, ocorre uma crescente insatisfação com o pecado e uma crescente fome pela justiça divina.

A santificação é um processo contínuo. No entanto, isso não significa que é menos importante ou dispensável. É tão importante e necessária na salvação quanto a regeneração, a justificação e a adoção.

John Murray enfatizou a importância da santificação com três declarações: (1) todo pecado no cristão contradiz a santidade de Deus; (2) a presença do pecado na vida do cristão envolve conflito em seu coração; e (3) apesar de o pecado ser passível ao cristão salvo, ele não o domina (Murray, 1955, p. 144-145).

A primeira declaração se baseia nas seguintes passagens:

> *Mas, como é santo aquele que vos chamou, sede vós também santos em toda a vossa maneira de viver, porquanto escrito está: Sede santos, porque eu sou santo.*
>
> 1 Pedro 1.15,16

> *Porque tudo o que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não é do Pai, mas do mundo.*
>
> 1 João 2.16

> *Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifesto o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque assim como é o veremos. E qualquer que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também ele é puro.*
>
> 1 João 3.2,3

Sendo filhos de Deus, devemos ser como Ele em santidade, assim como em outros aspectos de Seu caráter.

O texto de Romanos 7.15,21-23 é um exemplo clássico do conflito existente na vida do cristão quando o pecado está presente (a segunda declaração de Murray).

> *Porque o que faço, não o aprovo, pois o que quero, isso não faço; mas o que aborreço, isso faço. Acho, então, esta lei em mim: que, quando quero fazer o bem, o mal está comigo. Porque, segundo o homem interior, tenho prazer na lei de Deus. Mas vejo nos meus membros outra lei que batalha contra a lei do meu entendimento e me prende debaixo da lei do pecado que está nos meus membros* (Rm 7.15,21-23).

É inútil afirmar que esse conflito não é normal. Quando há pecado na vida de quem tem o Espírito de Deus, há uma contradição no coração da pessoa. Com efeito, quanto mais santificada a pessoa for, mais conformada estará à imagem de seu Salvador e mais deverá afastar-se do que não for santo. Quanto mais profunda a apreensão da majestade de Deus, maior a intensidade de seu amor por Deus, mais persistente o seu desejo pelo chamado de Deus em Cristo Jesus, mais consciente ela será da gravidade do pecado que permanece e mais aguda será sua repulsa pelo pecado. Quanto mais próxima ela estiver do Deus santo, mais pesará sua condição de pecadora, e dirá: *Miserável homem que eu sou!* (Rm 7.24). Não foi esse o efeito em todo o povo de Deus em Isaías 6.5, ao aproximar-se da revelação da santidade de Deus? *Então, disse eu: ai de mim, que vou perecendo! Porque eu sou um homem de lábios impuros e habito no meio de um povo de impuros lábios; e os meus olhos viram o rei, o SENHOR dos Exércitos!* Como disse Jó, *com o ouvir dos meus ouvidos ouvi, mas agora te vêem os meus olhos. Por isso, me abomino e me arrependo no pó e na cinza* (Jó 42.5,6). (Murray, 1955, p. 145)

O terceiro ponto de Murray é ensinado em Romanos 8.2-4:

> *Porque a lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte. Porquanto, o que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne, Deus, enviando o seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne, para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito.*

A santificação é importante sob a perspectiva de nossa própria realização como cristãos. Porém, sua importância se evidencia ainda mais quando vista sob essas três declarações de Murray. Se fôssemos dizer que se tornar mais santo é desnecessário e que permaneceríamos no pecado, estaríamos declarando que Deus não é santo, que o pecado não envolve uma contradição e um conflito em nós e que o Altíssimo não tem vitória alguma para nós. Assim, estaríamos negando as Escrituras e chamando Deus de mentiroso.

Na verdade, devemos deixar o pecado e buscar a ajuda, a força e o encorajamento de Deus para levarmos a vida de santidade de que precisamos desesperadamente.

O que estou dizendo pode suscitar uma pergunta bem complexa: Quem realiza a santificação? Esse é um trabalho para o Espírito Santo.

Lemos em 1 Tessalonicenses 5.23:

> *E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso espírito, e alma, e corpo sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.*

E em 2 Coríntios 3.18:

> *Mas todos nós, com cara descoberta, refletindo, como um espelho, a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória, na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor.*

Essas passagens falam de esvaziarmo-nos e deixarmos Deus realizar a obra da santificação em nós.

Todavia, existem outras passagens que falam do *nosso* papel na santificação, como: *Digo, porém: Andai em Espírito e não cumprireis a concupiscência da carne* (Gl 5.16).

> *Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados; revesti-vos de toda a armadura de Deus, para que possais estar firmes contra as astutas ciladas do diabo.*
>
> Efésios 5.1; 6.11

Essas passagens tratam da nossa obrigação de usar esses "meios da graça divina" que nos são disponíveis.

Devemos, então, esvaziar-nos no sentido de deixar de lado o estudo da Bíblia, a oração, a comunhão com outros cristãos e a adoração a Deus, para crescer na vida cristã? De maneira nenhuma! Assim, iríamos estagnar na vida cristã e distanciar-nos do evangelho.

Também estaremos errados se pensarmos que fazer uso desses meios nos permite alcançar nossa própria santificação automaticamente. O entendimento correto seria uma combinação dos dois: Deus operando em nós sendo diligentes e obedientes.

Se já houve um momento de parar e apenas se alegrar nas maravilhas do que Deus faz em Cristo, ou seja, assistir passivamente à ação divina, este foi após o verdadeiro hino de adoração a Jesus encontrado em Filipenses 2.5-11.

> *De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus. Mas*

aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte e morte de cruz. Pelo que também Deus o exaltou soberanamente e lhe deu um nome que é sobre todo o nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai.

Contudo, Paulo não nos permite isso, haja vista o que declarou:

De sorte que, meus amados, assim como sempre obedecestes, não só na minha presença, mas muito mais agora na minha ausência, assim também operai a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade.

Filipenses 2.12,13

O apóstolo não disse: "Trabalhem para a sua própria salvação!". Entretanto, é como se dissesse: "Como vocês são salvos, Deus já entrou em sua vida na pessoa e no poder de Seu Espírito, e está atuando em vocês, transformando-os à imagem do Senhor Jesus Cristo. Vocês devem, agora, trabalhar com afinco para expressar a plenitude dessa grande realidade em sua conduta. Dessa forma, Deus operará".

Pedro afirmou o mesmo:

Visto como o seu divino poder nos deu tudo o que diz respeito à vida e piedade, pelo conhecimento daquele que nos chamou por sua glória e virtude, e vós também, pondo nisto mesmo toda a diligência, acrescentai à vossa fé a virtude, e à virtude, a ciência, e à ciência, a temperança, e à temperança, a paciência, e à paciência, a piedade, e à piedade, o amor fraternal, e ao amor fraternal, a caridade.

2 Pedro 1.3,5-7

John White disse:

> Que ninguém se engane: sem o Espírito de Deus em nós, nossos esforços são em vão. Nada bom pode vir da corrupção e da pecaminosidade de nosso coração. Todavia, fomos redimidos, santificados e separados para o uso de Deus. Que concordemos, então, com Deus nisso [...]. Que assumamos toda a armadura de Deus e declaremos, por meio de força miraculosa, guerra a todo o mal que está em nós e à nossa volta. (White, 1976, p. 194)

Isso não é uma opção. Somos comissionados por Deus, e é quando obedecemos a Ele que ficamos mais cientes do poder do Espírito Santo que está em nós. Não podemos esperar crescer espiritualmente, se não gozarmos da comida e da bebida que o Altíssimo coloca à nossa disposição.

Meios para alcançar as bênçãos de Deus

A próxima parte deste livro discutirá os principais meios pelos quais podemos alcançar as bênçãos de Deus: a oração, o estudo da Bíblia e o serviço cristão. Todavia, existem também outros meios, pelo menos sete, e vale a pena considerá-los:

1. *Confiança.* Já tocamos neste assunto no capítulo sobre como podemos saber se fomos justificados. Ela é importante, pois pode ajudar-nos a crescer na vida cristã.

Lutero discutiu esse tema da seguinte forma:

> Um coração duvidoso, que não crê firmemente que receberá algo, não o receberá, tendo em vista que Deus não pode dar coisa alguma nesse

caso. Tal coração é como um vaso que um homem segura movendo-o de um lado para o outro. É impossível derramar algo nesse vaso, por mais que a pessoa queira. Deus quer dar-nos o que desejamos, mas lá estamos, como um pedinte insensato, movendo nosso chapéu para cá e para lá, e querendo que alguma coisa seja colocada nele. (PLASS, 1959, p. 429)

Confiar é o item primordial na santificação, pois se trata de tomar posse da Palavra de Deus e de saber entender que Ele já começou a obra da salvação em nós. Crendo no Senhor até aqui, podemos crer nele em outras questões. Se estivermos confiantes de que, verdadeiramente, começamos nossa jornada, poderemos lidar com ela como deveríamos.

2. *Conhecimento*. Saber de tudo não é essencial para a santificação. Saber o mínimo, entretanto, ajuda.

Certo escritor disse: "Assim como a confiança é um fundamento prático [...], o conhecimento de nossa posição em Cristo é a estrada que leva à santidade" (BARNHOUSE, 1951, p. 37).

O que os cristãos devem conhecer para crescer na vida cristã? A pessoa do Espírito Santo e Sua obra; a iniciativa de Deus de conduzir-nos à fé em Cristo; o ministério do Espírito de unir-nos a Cristo, do qual vem nosso novo *status* diante de Deus; nosso acesso ao Pai por meio da oração; e nossa segurança em Cristo (veja os primeiros capítulos deste livro).

Se você conhecer seu novo *status*, poderá tomar posse de certos privilégios. Se souber que o Altíssimo ouve suas orações, poderá ficar na dependência do Espírito Santo para orar e ter suas orações interpretadas. Se tiver segurança em Cristo, poderá até tropeçar ou cair, mas saberá que nada arrebatará você da mão de Jesus.

3. *Estudo da Bíblia*. A Sagrada Escritura é uma fonte de crescimento na vida cristã. Ela proporciona confiança e conhecimento. Contudo, esse meio de receber bênçãos é mais que isso. Pelo estudo bíblico, buscamos conhecer Deus pessoalmente. Na Bíblia, Ele revela a si próprio e a Sua vontade para nós.

Como disse Jesus em oração: *Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade* (Jo 17.17).

Davi escreveu:

> *Bem-aventurado o varão que não anda segundo o conselho dos ímpios, nem se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores. Antes, tem o seu prazer na lei do SENHOR, e na sua lei medita de dia e de noite.*
>
> Salmo 1.1,2

O salmista meditava na Lei de Deus *de dia e de noite*? Ele precisava fazer isso, afinal tinha imensas responsabilidades junto à nação (como segurança, administração, justiça etc.). Por essa razão, era levado a meditar na Lei de Deus constantemente.

Quem agir da mesma forma *será como a árvore plantada junto a ribeiros de águas, a qual dá o seu fruto na estação própria, e cujas folhas não caem, e tudo quanto fizer prosperará* (Sl 1.3).

Se alguém quiser realmente conhecer Deus e a vontade dele para sua vida, o caminho principal deverá ser o estudo da Palavra.

4. *Oração e adoração*. O estudo da Bíblia é a maneira pela qual Deus fala a nós. Para haver um diálogo com Ele, portanto, precisamos falar com Ele. É aí que entram a oração e a adoração.

Diferentes entre si, a adoração e a oração estão intimamente ligadas. Orar é falar com o Altíssimo por meio da adoração, da confissão, da ação de graças ou da intercessão. A

adoração é um ato de louvor. Pode dar-se por meio de canções e/ou da exposição da Palavra de Deus. Por conseguinte, a adoração inclui oração e meditação.

Tanto a oração como a adoração se baseiam em nosso conhecimento de Deus por meio das Escrituras. A adoração, para ser *em espírito e em verdade*, como Jesus disse (Jo 4.24), deve fundamentar-se nas verdades concernentes ao Senhor, as quais são reveladas na Bíblia.

Ambas são, essencialmente, um encontro com Deus, não um mero ato religioso.

Reuben A. Torrey falou a respeito da dificuldade que teve em relação à oração e sobre como isso mudou.

> Um dia, percebi o que verdadeiramente a oração significa. A oração é como uma audiência com Deus. É entrar em Sua presença e pedir e receber coisas dele. A percepção desse fato transformou minha vida de oração. Antes, minha oração era como um dever, muitas vezes, fastidioso. Agora, um dos meus mais estimados privilégios. Antes, meu pensamento era: "Quanto tempo devo passar orando?". Agora: "Quanto tempo posso passar orando sem prejudicar outros privilégios e deveres?". (Torrey, 1955, p. 77)

O mesmo pode ser dito da adoração. Quanto tempo devo passar adorando a Deus sem prejudicar os outros deveres que Ele me concedeu?

5. *Comunhão*. Por meio desse gesto, expressamos o novo relacionamento com outros cristãos, que discutimos no capítulo 9. Por vezes, os cristãos pensam que o importante é o relacionamento com Deus, não com os homens.

Pura ilusão. Todos nós devemos reconhecer nossa necessidade dos outros, bem como os dons que eles têm. Além disso, precisamos ser gratos pela comunhão que temos com eles na Igreja.

Quando a Igreja do primeiro século se reunia em Jerusalém, seus membros *perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações* (At 2.42). A comunhão está em igualdade com outro meio de receber as bênçãos divinas.

6. *Serviço*. Para que a vida cristã não seja egoísta nem introvertida, deve haver serviço a Deus e aos outros, por meio do evangelismo, da generosidade e de outros atos de compaixão.

O livro de Atos trata disso explicitamente:

> *Todos os que criam estavam juntos e tinham tudo em comum. Vendiam suas propriedades e fazendas e repartiam com todos, segundo cada um tinha necessidade.*
> Atos 2.44,45

Isso não significa que eles vendiam tudo o que tinham, muito menos que todos os cristãos devem fazê-lo. Como o texto diz que aqueles irmãos partiam o pão em casa (At 2.46), provavelmente alguns não vendiam suas propriedades. Isso quer dizer que eram extremamente generosos com o que possuíam, que se preocupavam com as necessidades uns dos outros.

Hoje, nosso papel deve ser compartilhar nossos bens materiais, assim como nosso tempo, encorajando e ensinando os outros, evangelizando ou contribuindo com nossos talentos ou habilidades para o crescimento da Igreja de Cristo.

7. *O retorno de Cristo*. Um tipo de encorajamento e crescimento na vida cristã é o retorno de Cristo, nossa *bem-aventurada esperança* (Tt 2.13).

> *Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifesto o que havemos de*

ser. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque assim como é o veremos. E qualquer que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também ele é puro.

1 João 3.2,3

Se somos cristãos, sabemos que Deus continuará Sua obra conosco até o dia em que formos como Jesus (Fp 1.6), por meio da morte ou da Sua segunda vinda. Sabemos que seremos como Cristo: puros, aperfeiçoados no amor e virtuosos.

João afirmou que, se crermos nisso, tentaremos ser como Ele o máximo que pudermos. Isso deve afetar todos os aspectos de nossa vida pessoal: nossas orações, nossas escolhas profissionais, nossa ética, nosso uso do tempo livre e nossas preocupações sociais.

O grande reformador social inglês Lord Shaftesbury, um cristão maduro, disse perto do fim de sua vida: "Não creio que, nos últimos 40 anos, vivi ciente de que não era influenciado pelo pensamento do retorno de nosso Senhor por sequer uma hora". Nesse caso, a expectativa de encontrar-se com o Senhor face a face foi uma das maiores motivações por trás de seus programas sociais.

Como podemos purificar-nos? Não o podemos. No entanto, Deus o fará, se usarmos esses meios para obter Suas bênçãos.

O poeta inglês Robert Herrick escreveu o seguinte sobre nossa purificação:

Senhor, confesso que só Tu podes
purificar este coração,
Os oceanos podem ser a água, e a terra, o sabão,
contudo, se Teu sangue não me lavar, esperança
não haverá.

Não sendo pela graça de Deus, não há esperança para ninguém. Porém, Ele nos concede os meios que nos possibilitam crescer na graça, no amor e no conhecimento do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Parte 3

A vida do cristão

Então, disse Jesus aos seus discípulos: Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz e siga-me.

Mateus 16.24

Estai, pois, firmes na liberdade com que Cristo nos libertou e não torneis a meter-vos debaixo do jugo da servidão.

Gálatas 5.1

E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.

Romanos 12.2

Não estejais inquietos por coisa alguma; antes, as vossas petições sejam em tudo conhecidas diante de Deus, pela oração e súplicas, com ação de graças. E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e os vossos sentimentos em Cristo Jesus.

Filipenses 4.6,7

Bem-aventurado o varão que não anda segundo o conselho dos ímpios, nem se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores. Antes, tem o seu prazer na lei do SENHOR, e na sua lei medita de dia e de noite.

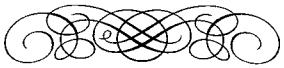
Salmo 1.1,2

Porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas.

Efésios 2.10

CAPÍTULO 11

ABRACE A CRUZ



Se os executivos da Avenida Madison, em Manhattan, Nova Iorque, Estados Unidos, estivessem interessados em atrair pessoas para a vida cristã, enfatizariam seus aspectos positivos e gratificantes. Falariam do cristianismo como uma forma de plenitude de vida e felicidade.

Isso porque nós, que vivemos no Ocidente, infelizmente somos tão condicionados a esse tipo de pensamento (mais especificamente a esse modelo de evangelismo cristão ou *marketing* cristão) que nos chocamos quando aprendemos que o maior princípio do cristianismo é negativo[1]. Não é do tipo: "Venha a Cristo, e todos os seus problemas desaparecerão!", mas, como o próprio Senhor declarou:

> *Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz e siga-me; porque aquele que quiser salvar a sua vida perdê-la-á, e quem perder a sua vida por amor de mim achá-la-á. Pois que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua alma? Ou que dará o homem em recompensa da sua alma?*
>
> Mateus 16.24-26

Se eu estivesse escrevendo acerca do cristianismo da maneira como nossa cultura o vê, comporia um poema exatamente como este, encontrado na parede de uma sala de espera no *campus* de uma universidade cristã:

> Que os anos de tua vida sejam agradáveis.
> Que teus lindos sonhos se realizem.
> E que, em tudo o que planejas e praticas,
> Bênçãos venham sobre ti.
> Que tua vida tenha muito sucesso
> E que traga muitas surpresas positivas!
> Que a memória de dias alegres
> Apenas prove que mais dias assim virão. (*Autor desconhecido*)

Contudo, se formos honestos com a Palavra de Deus, falaremos como Jesus:

> *Se alguém vier a mim e não aborrecer a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs, e ainda também a sua própria vida, não pode ser meu discípulo. E qualquer que não levar a sua cruz e não vier após mim não pode ser meu discípulo. Assim, pois, qualquer de vós que não renuncia a tudo quanto tem não pode ser meu discípulo.*
>
> Lucas 14.26,27,33

> *Na verdade, na verdade vos digo que, se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, dá muito fruto. Quem ama a sua vida perdê-la-á, e quem, neste mundo, aborrece a sua vida, guardá-la-á para a vida eterna.*
>
> João 12.24,25

Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos céus; bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados; bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra; bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o Reino dos céus; bem-aventurados sois vós quando vos injuriarem, e perseguirem, e, mentindo, disserem todo o mal contra vós, por minha causa.

Mateus 5.3-5,10,11

Não há como negar a presença de hipérbole semítica nas passagens bíblicas anteriores. Aquele que nos mandou amar uns aos outros não está defendendo o cultivo de uma animosidade literal para com os membros de nossa própria família apenas.

Em verdade vos digo que ninguém há, que tenha deixado casa, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou mulher, ou filhos, ou campos, por amor de mim e do evangelho, que não receba cem vezes tanto, já neste tempo, em casas, e irmãos, e irmãs, e mães, e filhos, e campos, com perseguições, e, no século futuro, a vida eterna.

Marcos 10.29,30

Finalmente algo positivo sobre o evangelho! No entanto, repare o final do último versículo, que fala de recompensas, mas *com perseguições*!

A questão não é lutar até a morte ou renunciar a tudo. Ao contrário, morrer e renunciar a todas as coisas é o princípio da vida com Deus!

Em Romanos 12.1, Paulo aludiu a essa verdade ao apresentar o autossacrifício como o princípio da vida cristã em seu tratamento mais formal:

Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis o vosso corpo em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional.

Sobre esse assunto, Calvino – em seus comentários acerca de Romanos 12.1,2 – fez um dos apelos mais fortes em *As Institutas*:

> Portanto, se não somos de nós mesmos (1 Co 6.19), mas do Senhor, fica claro qual erro devemos evitar e para onde devemos direcionar todos os atos de nossa vida. Não somos de nós mesmos. Que nem nossa razão nem nossa vontade interfiram em nossos planos ou nossas ações! Não somos de nós mesmos. Que não busquemos o que convém à nossa carne! Não somos de nós mesmos. Na medida do possível, que nos esqueçamos de nós mesmos e de tudo o que for nosso! Somos de Deus. Por conseguinte, vivamos e morramos para Ele! Somos de Deus. Que Sua sabedoria e vontade governem nossas ações! Somos de Deus. Que todas as áreas de nossa vida se empenhem em buscá-lo (Rm 14.8)! Como é feliz a pessoa que, ao saber que não pertence a si mesma, submete-se à vontade de Deus! O fim de quem busca seus próprios interesses é a destruição; já o de quem busca os de Deus, a salvação. (CALVINO, 1960, p. 690)

A ideia da morte em Jesus é repetida em outras passagens nos Evangelhos[2]. Logo, vale considerar suas três etapas [da nossa mortificação]: (1) devemos negar a nós mesmos; (2) precisamos levar a cruz de Cristo; e (3) temos de seguir Jesus.

NEGANDO A NÓS MESMOS

A abnegação – ou renúncia – do próprio ego não pode ser considerada algo difícil para o cristão entender, pois isso é o que significa ser cristão. Ser de Cristo significa agradar a Deus, não mediante os nossos próprios méritos ou esforços, mas aceitando, pela fé, o que o Altíssimo fez por intermédio de Jesus para nos salvar.

Ninguém pode salvar a si mesmo. Por isso, devemos rejeitar nossos próprios esforços e receber a salvação divina gratuitamente.

A vida cristã é, portanto, somente uma questão de confiar no Caminho que já havíamos iniciado. Porém, isso não é fácil. Esse princípio é tão desfavorável que o cristão sempre tende a viver por seus próprios padrões humanos, tendo em vista nossa natureza e a cultura em que estamos inseridos.

> Sempre fomos cercados por pessoas que não dizem *não* a coisa alguma, vivemos num mundo onde tudo é julgado pelo tamanho, pela grandeza e/ou pelo sucesso. Agora, de repente, aprendemos que, na vida cristã, deve existir o *não às coisas* e o *não a si mesmo*? Complicado! Se isso não estiver soando difícil, é capaz de você não estar entendendo a questão. (Schaeffer, 1971, p. 19)

Experimentar a morte e a renúncia implica estarmos dispostos a dizer *não* a qualquer coisa que for contrária à vontade divina para nós, ou seja, a *tudo o que for contrário à Bíblia.*

Jesus nos livrou da condenação na Lei de Deus. Agora, não é mais um conjunto de regras que pode justificar-nos. Contudo, devemos, ainda assim, obedecer às Escrituras, pois elas revelam a natureza do Altíssimo e mostram-nos coisas em nossa vida às quais, por meio do poder divino em nós, devemos dizer *não* para continuarmos em Cristo.

O primeiro dos Dez Mandamentos é um exemplo do que é dizer *não* a tudo aquilo que possa tirar Deus de Seu devido lugar em nosso viver: *Não terás outros deuses diante de mim* (Dt 5.7).

Esses *outros deuses* podem ser tanto um ídolo como o dinheiro. Recursos financeiros, pessoas ou coisas, nada pode tomar o lugar de Deus em nossa vida.

De fato, é possível ser rico e seguir Jesus. O problema é quando o dinheiro se torna um deus. Então, temos de dizer *não* ao amor a ele. Na realidade, devemos renunciar a tudo aquilo que estiver entre Cristo e nós, seja alguma outra pessoa (o cônjuge, os filhos), um negócio, uma ambição, a fama, o poder.

Caso você queira conferir se há algo tomando o lugar que deveria ser de Deus em seu coração, observe os demais mandamentos a seguir.

Em Deuteronômio 5.17, lemos: *Não matarás.* Devemos dizer *não* a qualquer desejo de matar ou de acabar com a reputação de alguém.

Em Deuteronômio 5.18, está escrito: *Não adulterarás.* Temos de dizer *não* a todo desejo de possuir o cônjuge alheio.

Em Deuteronômio 5.19, é dito: *E não furtarás.* É preciso que digamos *não* a qualquer anseio de possuir um bem de alguém.

Se não dissermos *não* a essas vontades pecaminosas, não poderemos afirmar que estamos vivendo a *novidade de vida* em Cristo.

> *De sorte que fomos sepultados com ele pelo batismo na morte; para que, como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida.*
>
> Romanos 6.4

Para experimentarmos a mortificação e a renúncia, deveremos também dizer *não* a tudo o que não for da vontade de Deus para nós. Isso vai além do que falamos quando tratamos da Lei. Nem tudo permitido na Palavra do Senhor é da Sua vontade para o nosso viver.

Por exemplo, não há coisa alguma errada com o casamento. Na verdade, o casamento foi algo estabelecido por Deus e tem a Sua bênção. Contudo, pode não ser da vontade divina para você casar com determinada pessoa em particular. Nesse caso, é preciso dizer *não* a isso consciente e deliberadamente. O mesmo se dá quanto a uma profissão, à nossa

ideia acerca de nós mesmos etc. É difícil? Sim, até mesmo para a pessoa mais santa.

Atente para a luta pela qual passou Agostinho:

> A nova vontade que havia brotado em mim e me feito desejar a liberdade para adorar e regozijar-me em Ti, Senhor, a única alegria verdadeira, ainda não era forte o bastante para tomar o lugar da antiga vontade, que se enraizara com o tempo. Logo, houve em mim um conflito de vontades — uma carnal e uma espiritual —, que partiu meu coração em pedaços.
> Por experiência própria, sei exatamente o que Paulo quis dizer com *a carne cobiça contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne* (Gl 5.17). Felizmente, eu estava mais no Espírito que na carne. Quando fazia coisas que eu sabia serem erradas, eu não agia segundo a minha vontade. Assim, por vezes, eu me encontrava em um lugar onde não gostaria de estar. Mas eu costumava desculpar-me dizendo que não sabia, ao certo, o que era a verdade e o que não era. Então, continuava seguindo os caminhos do mundo, em vez de servir-te.
> Agora, entretanto, eu estava certo quanto à verdade, mas, apesar disso, recusava-me a servir-te. Eu tinha mais medo de livrar-me de minhas frustrações do que de frustrar-me! Por conseguinte, apesar de pressionado pelas opressões do mundo, eu não me preocupava.
> Quando pensava em Ti, procurava não ver o quão real Tu és. Eu ficava sem ação quando Tu me dizias: *Desperta, ó tu que dormes, e levanta-te dentre os mortos, e Cristo te esclarecerá* (Ef 5.14). Tu usavas todos os meios para me transmitir a verdade das Tuas palavras! Às vezes, eu me sentia tão culpado que não podia responder outra coisa, senão: "Sim, Senhor, já vou! Não precisas insistir!". Todavia, esse *já* não era bem um *já*, mas um *quando der*.
> Em meu interior, eu tinha prazer na Tua Lei, mas percebia que havia em mim outra lei, que lutava contra aquela que eu aprovava e que fazia de mim um prisioneiro. Esta era é a *lei do pecado*, manifestada na força do hábito, pela qual a mente é levada e feita cativa de tudo longe de nossa vontade própria — merecidamente, é claro, caí no hábito por conta própria. Como eu poderia libertar-me dessa condição? Só Tu, meu Deus, por meio de Jesus Cristo, o meu Senhor, poderia ter me libertado. (WIRT, 1971, p. 108,109)

Essas palavras de Agostinho revelam o conflito de desejos que há no interior do cristão, bem como a dificuldade que é render-se à vontade divina. Por outro lado, nelas há uma declaração da bênção de negar a si mesmo em nome de Cristo.

Como propôs Thomas à Kempis, em *Imitation of Christ* [Imitando Cristo], devemos orar:

> Ó Senhor, conheces o melhor. Portanto, faze como quiseres. Dá-me o que quiseres, o quanto quiseres e quando quiseres. Age de maneira que Teu nome seja honrado. Põe-me onde quiseres e lida comigo da maneira que bem entenderes. [...] O que poderá ser ruim para mim, se Tu estiveres presente? É melhor ser pobre e ter a Ti que ser rico sem ter a Ti. É melhor ser um peregrino contigo que possuir o céu sem Ti. Onde estiveres, ali estará o céu. Onde não estiveres, ali estarão a morte e o inferno. (KEMPIS, 1958, p. 125,213)

Como, então, saber se estamos dizendo *não* a tudo o que não for da vontade de Deus para nós? Quando não estivermos mais reclamando. Se agirmos como os israelitas, que murmuraram no deserto, não estaremos devidamente dando as costas ao Egito. Estamos prontos [para fazer a vontade de Deus] quando paramos de fazer queixas.

LEVANDO A CRUZ DE CRISTO

A segunda expressão do princípio de mortificação e da renúncia é a própria morte em

si; aquela a que Jesus se referiu ao dizer que devemos tomar nossa cruz para servi-lo. Para entendermos isso, precisamos, primeiro, observar o sentido desse *tomarmos a nossa cruz* (Mt 10.38).

Hoje, quando as pessoas falam de levar ou suportar sua cruz, o que têm em mente é algum tipo de problema, como, por exemplo, certa doença, algum vício do cônjuge, um local de trabalho não muito agradável etc. No entanto, isso não é o que Cristo quer dizer com tomarmos a nossa cruz.

Na época de Jesus, a cruz simbolizava a morte porque era um meio de execução. Logo, o que Ele estava dizendo é que deveríamos morrer para nós mesmos. Trata-se de algo mais forte que uma simples renúncia. Ele falou que devemos renunciar ao nosso eu voluntária e continuamente.

Tomarmos a nossa cruz seria algo mais forte que uma simples renúncia, haja vista que é possível negarmos a nós mesmos diversas vontades, sem, contudo, renunciarmos ao nosso eu.

É possível estar entre a indecisão de Agostinho e a entrega total de Kempis. Com frequência, fazemos como Jacó (Gn 32). Ele regressou à Terra Prometida após 20 anos trabalhando para seu tio Labão. Jacó havia enganado seu irmão Esaú. Assim, teve de fugir para a casa de seu tio, situada no outro lado do deserto, porque Esaú havia jurado matá-lo. Por isso, grande era o temor de Jacó. No entanto, depois de duas décadas, este acabou esquecendo-se de tal ameaça.

Vinte anos depois, ao aproximar-se cada vez mais da terra de onde fugira e em que Esaú ainda habitava, Jacó foi, de novo, tomado de pavor. Naquele momento, começou a lembrar-se das ameaças feitas por seu irmão. Cada passo que dava na direção deste tornava-se mais e mais árduo.

Ao chegar ao vau de Jaboque, Jacó olhou para o lugar onde sabia que Esaú vivia. Creio que, naquele instante, se Jacó pudesse ir embora, ele o faria. Contudo, a situação estava tão difícil com Labão que, àquela altura, recuar era algo fora de cogitação. Agora, Jacó só poderia seguir adiante. Sendo assim, disse a seus servos que fossem bem à frente dele, a fim de descobrirem que reação Esaú poderia esboçar.

Logo aqueles mensageiros se depararam com Esaú seguido por 400 homens. Então, voltaram dizendo a Jacó: *Fomos a teu irmão Esaú; e também ele vem a encontrar-te, e quatrocentos varões com ele* (Gn 32.6).

Se Jacó já tinha motivos para temer, agora, então, com essa notícia, sua situação piorava ainda mais. O que deveria fazer? Jacó olhou à sua volta e, engenhosamente, decidiu presentear o irmão com seus bens.

Acreditando que, de alguma forma, poderia quebrantar o coração de Esaú, Jacó enviou ao irmão um rebanho de 200 cabras, 20 bodes, 200 ovelhas, 20 carneiros, 30 camelas, 40 vacas, 10 novilhos, 20 jumentas e 10 jumentinhos (Gn 32.14,15) pela mão de três servos, recomendando-lhes: "Quando Esaú vir vocês e lhes perguntar: 'De quem vocês são servos? Aonde estão indo? Quem é o dono desses animais?', digam: 'Pertencem a teu servo Jacó. São um presente dele para ti, senhor Esaú. Jacó vem logo atrás de nós!'" (cf. Gn 32.17-20).

[Ao repartir o rebanho em três grupos e enviá-lo pela mão de três servos] É provável que Jacó tenha pensado: "Se Esaú não ficar satisfeito com o primeiro presente, é melhor que eu lhe dê também outros animais!". Assim, todos os bens de Jacó foram oferecidos ao seu irmão na forma de uma extensa passeata.

Ao encontrarem Esaú, os servos de Jacó deviam apenas dizer: "Isto é um presente do teu servo Jacó para ti, senhor Esaú!".

Em certo momento, Jacó se viu sem bem algum. Ao perceber que lhe restavam, ainda, suas esposas e seus filhos, deve ter pensado: "Também terei de dá-los a Esaú?". [Temendo

perder toda a família, Jacó] enviou na frente Léia, a esposa por quem tinha menor apreço, e os filhos que teve com ela. Já Raquel, aquela de quem mais gostava, foi enviada depois com os dois filhos do casal. Por último, atrás de todos eles, iria Jacó.

Isso remete ao que fazemos quando o Altíssimo se aproxima de nós, e nós o tememos. Então, pensamos: "Para acalmá-lo, darei a Ele meu dinheiro!". Porém, embora não entendamos o porquê disso, Deus parece não se satisfazer apenas com nossos recursos financeiros. Propomos: "Darei a Ele o meu tempo! Vou servi-lo na igreja! Lecionarei na escola bíblica dominical". Além disso, entregamos a Ele a nossa família, mas não o nosso próprio ser. Então, quando nos encontramos nus perante os Seus olhos, o Senhor envia o Seu anjo, a fim de que "lute" conosco e, com isso, aprendamos a submeter-nos a Ele.

O único problema dessa ilustração é que, nesse caso, morrer para si mesmo e levar a cruz parece um simples ato de rendição, quando, na verdade, trata-se de todo um processo de obediência e disciplina diária, durante o qual pode haver momentos de crise e de decisões importantes. Entretanto, a batalha não é ganha nesse ponto, uma vez que nossas escolhas devem ser seguidas de decisões diárias pelo *não* à nossa própria vontade e o *sim* à de Deus.

Isso é indicado pelo texto original grego em Mateus 16.24, que faz uso do verbo no tempo presente. Uma melhor tradução da passagem bíblica seria: "[Sempre] tome sobre si a sua cruz e siga-me".

O DISCIPULADO DIÁRIO

Esse assunto leva-nos ao próximo ponto: o discipulado. Quando Jesus falou que deveríamos renunciar a nós mesmos e tomar a nossa própria cruz, Ele, obviamente, não afirmou que deveríamos ser crucificados no sentido literal. O que está em jogo nessas duas ordenanças [tomar a cruz e segui-lo] são os princípios norteadores do discipulado da vida cristã, que precisam ser adotados durante todo o nosso viver.

Mas, em termos práticos, como renunciar a nossos planos e interesses? Há somente uma forma de isso acontecer: seguindo Cristo, fixando nosso olhar nele, que é o maior exemplo de renúncia. O Mestre disse *não* inclusive à Sua glória celestial para se tornar um homem de carne e osso e morrer para nos salvar (Fp 2.5-11).

O autor de Hebreus, logo após redigir aquele maravilhoso texto sobre os heróis da fé, escreveu:

> *Portanto, nós também, pois, que estamos rodeados de uma tão grande nuvem de testemunhas, deixemos todo embaraço e o pecado que tão de perto nos rodeia e corramos, com paciência, a carreira que nos está proposta, olhando para Jesus, autor e consumador da fé, o qual, pelo gozo que lhe estava proposto, suportou a cruz, desprezando a afronta, e assentou-se à destra do trono de Deus.*
>
> Hebreus 12.1,2

Jesus também nos transmitiu esse ensinamento. Nota-se isso quando estudamos minuciosamente as passagens acerca da morte e renúncia em que Ele tratava de si mesmo, de Seu sofrimento e de Sua morte de cruz. Marcos 10 é o exemplo mais claro disso. Nele Jesus ensina sobre o discipulado, indicando que Seus discípulos deviam: (1) apegar-se à revelação das Escrituras (v. 1-12); (2) aproximar-se de Deus com a fé simples de uma criança (v. 13-16); e (3) saber que bens frequentemente formam uma verdadeira barreira para o discipulado (v. 17-31). Nesta última passagem, Ele introduziu a questão da perda da família e de bens, que pode ocorrer quando seguimos Jesus e Seu evangelho. Eis a passagem subsequente:

> *E iam no caminho, subindo para Jerusalém; e Jesus ia adiante deles. E eles*

maravilhavam-se e seguiam-no atemorizados. E, tornando a tomar consigo os doze, começou a dizer-lhes as coisas que lhe deviam sobrevir, dizendo: Eis que nós subimos a Jerusalém, e o Filho do Homem será entregue aos príncipes dos sacerdotes e aos escribas, e o condenarão à morte, e o entregarão aos gentios, e o escarnecerão, e açoitarão, e cuspirão nele, e o matarão; mas, ao terceiro dia, ressuscitará.

Marcos 10.32-34

Com essa instrução, Jesus pediu a devoção completa de Seus seguidores. Seus seguidores devem renunciar a tudo pela causa do evangelho. Porém, Cristo não pediu algo que Ele mesmo não faria, mas Ele próprio deu o exemplo do que deveria ser feito com a vida.

O Mestre também falou acerca de Sua ressurreição e ensinou que o caminho para a morte e a renúncia, apesar de doloroso, leva a uma vida abundante. Sobre essa questão, Paulo escreveu:

Porque, se fomos plantados juntamente com ele na semelhança da sua morte, também o seremos na da sua ressurreição.

Romanos 6.5

Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou e se entregou a si mesmo por mim.

Gálatas 2.20

Na ordem bíblica, a morte é sempre seguida de vida; e é para conquistar essa vida que devemos estar dispostos a morrer [para nós mesmos e nossa vontade]. É quando deixamos de viver para nós mesmos e abrimos mão daquilo que achamos precioso e indispensável a nós que encontramos a verdadeira felicidade: a de adotar a vida cristã, livre de qualquer obsessão que outrora costumava aprisionar-nos de alguma forma.

Essa é a maior diferença entre uma vida cristã feliz e vitoriosa e uma infeliz e fracassada: a morte e a ressurreição. Cristãos infelizes podem ter morrido e renascido em Cristo, tornando-se, assim, novas criaturas em Jesus. No entanto, certamente nunca experimentaram a vida abundante que Ele nos disponibiliza. Cristãos felizes são os que encontraram satisfação em tudo o que Deus lhes dá e que disseram *não* a tudo o que pudesse afastá-los de uma nova vida abençoada na presença de Deus.

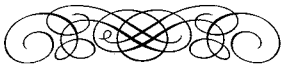
Notas

1 O autor fala de marketing negativo referindo-se ao convite de Jesus: *Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz e siga-me.*

2 Sobre essa ideia, veja Mateus 10.34-39; Marcos 8.34-38; 10.21,29-31; Lucas 9.23-25; 14.26,27,33; João 12.24-26. Outros escritores do Novo Testamento também evocam essa ideia em seus escritos, como Paulo em Romanos 6.3-11; Gálatas 2.20; 6.14 e o autor de Hebreus, em Hebreus 12.1,2.

CAPÍTULO 12

LIBERDADE, LIBERDADE!



No último capítulo, vimos o aparente paradoxo no âmago da vida cristã: morrer para si mesmo, para viver para o Altíssimo. Pois bem, existe também outra aparente contradição: devemos tornar-nos servos de Cristo, a fim de sermos verdadeiramente livres.

Contudo, não há paradoxos nas Escrituras. Ainda que a doutrina da Trindade seja considerada paradoxal, ela não o é. Deus, sendo um, manifesta-se em três pessoas distintas. Da mesma forma, quando falamos que precisamos ser servos de Jesus para sermos livres, isso quer dizer que podemos ser servos em um sentido e livres em outro; livres para sermos tudo o que Deus quer que sejamos.

A liberdade cristã é como a desfrutada por alguém em relação a seu cônjuge. Apesar de serem duas pessoas distintas, os cônjuges estão ligados um ao outro, são um casal, e como tal nenhum dos dois é livre para ter relações amorosas com qualquer outra pessoa, a não ser um com o outro. Ambos estão livres do medo da rejeição em função de seu compromisso pessoal um com o outro. E, é claro, continuam livres para amar os outros com qualquer outro tipo de amor [que não seja o conjugal], como o fraternal, por exemplo.

A BUSCA DA LIBERDADE

A chave para a liberdade é sermos o que fomos criados para ser: servos obedientes ao Altíssimo e gratos a Ele. A dificuldade que muitos enfrentam é o fato de quererem ser o que não são e o que nunca poderão ser. Quem deseja isso está condenado à frustração.

A liberdade pode ser definida como "a habilidade da realização do maior objetivo de alguém" (NICOLE, 1976, p. 23). Hoje, pelo menos em nossa cultura, a liberdade é tida como autonomia. Todavia, ninguém pode ter uma autonomia total, pois vivemos em um universo criado e mantido por um Deus soberano.

1. *A busca pelo enriquecimento* pode ser uma tentativa de alcançar a liberdade fora dos padrões de Deus ou, até mesmo, dentro, quando se espera dele riqueza. Essa busca, a qual é provavelmente o maior objetivo no Ocidente, está tornando-se uma realidade cada vez mais comum também no Oriente.

A maioria das pessoas que buscam enriquecimento negaria que seu interesse é apenas o dinheiro ou que ela é materialista, se questionada. No entanto, grande parte delas considera a autonomia financeira a verdadeira liberdade. Por sinal, muitos buscam essa autonomia para irem aonde querem e realizarem seus desejos quando tiverem vontade. Ninguém quer ater-se à rotina de um emprego ou de uma determinada causa por motivos financeiros.

Os cristãos não têm nada contra quem luta por boas condições de vida; afinal, a miséria

não é boa para ninguém. Mas engana-se quem pensa que muito dinheiro traz liberdade, pois essa é uma questão de mente e de alma. A riqueza pode, quando muito, mudar para melhor nosso estilo de vida. Entretanto, muitas vezes, a riqueza é justamente o fator que aprisiona as pessoas, principalmente quando lhes proporciona o medo de serem roubadas.

2. *A busca pelo descompromisso* é outra tentativa de encontrar a liberdade fora dos padrões divinos. Muitos casais vivem juntos sem serem casados, pois querem continuar sendo "livres" para poderem separar-se quando bem entenderem.

Já li, em um adesivo automotivo, a seguinte frase: "Ser feliz é ser solteiro". Nos Estados Unidos, muitos chegam ao ponto de declarar, em entrevistas de emprego, que não ficarão na empresa por mais tempo que o período probatório para não ficarem presos a ela.

A questão é que a liberdade só é liberdade quando posta em prática. Quem não se compromete não faz, na verdade, coisa alguma. O comprometimento com alguém ou alguma coisa é o que *traz* liberdade.

No cristianismo, um compromisso com Cristo traz, por exemplo, libertação do pecado, da alienação, da culpa, da vaidade e da morte, por meio da ressurreição. Mas atenção: os cristãos não são livres para pecar, e sim para servir a Deus. Não são livres para odiar, mas para amar. Os cristãos são livres para seguirem o caminho que Deus tem para eles.

3. *A rejeição do passado* é outra tentativa de buscar a liberdade. Hoje em dia, os padrões morais, bem como quaisquer outros modelos do passado, estão sendo rejeitados simplesmente por serem considerados obsoletos. Em outras palavras, tudo o que for novo está sendo considerado melhor que tudo o que for antigo. Isso se dá porque ninguém mais quer prender-se por qualquer coisa que os outros fizeram ou assumiram no passado, principalmente quando se trata de ética.

Contudo, a lei não é anulada pelo simples fato de discordarmos dela. Tampouco nossa consciência. Isso só seria possível se fôssemos nosso próprio criador, ou seja, autônomos e responsáveis apenas por nós mesmos. Porém, não somos nossos próprios criadores nem autônomos ou totalmente independentes.

Todos nós temos de prestar contas a alguém — nossos pais, nosso chefe, nossos líderes, nosso governo, a Deus etc. Logo, a solução não está na rejeição do passado e de seus padrões, mas na liberdade da mente e num propósito que nos permita reter o que o passado tem de melhor, adaptando-o à conduta que devemos ter diante do Senhor e dos homens.

4. *A rejeição de toda autoridade* é outra grande tentativa, nos dias atuais, de buscar a liberdade fora dos padrões divinos. Fundamentalmente, isso é uma rejeição a Deus, pois as autoridades humanas vêm dele (Rm 13.1,2).

Muitos buscam ser sua própria autoridade. A filosofia de Friedrich Wilhelm Nietzsche[1], por exemplo, prega a total autonomia do indivíduo. Todavia, a insanidade desse filósofo, no fim da sua vida, testemunhou a futilidade de sua ideologia.

Qualquer tentativa de estabelecer uma liberdade fora dos padrões divinos está fadada ao fracasso, haja vista que fica dependente da capacidade humana, a qual não é suficiente.

Reinhold Niebuhr, num ensaio intitulado *A individualidade cultural na modernidade* [no livro *A natureza e o destino do homem*], analisou esse fracasso expondo a destruição da liberdade individual – que diz advir do cristianismo – por meio de três filosofias: o naturalismo, o idealismo e o romantismo.

Para esse autor, o naturalismo fracassou na liberdade individual, pois inferiorizou o ser humano, equiparando-o a uma máquina.

O idealismo, por sua vez, apesar de apontar para a capacidade superior, espiritual e racional do homem, encontrou-a apenas em um "espírito" ou "eu universal", em que a pessoa se perde. No romantismo, o eu é tudo. Entretanto, no fim das contas, poucos como Nietzsche foram forçados a voltar atrás e a deixar a pretensão da autoglorificação individual.

Niebuhr resumiu essas vãs tentativas para estabelecer a liberdade fora dos padrões divinos da seguinte forma:

> O fato é que os valores universais da história – tanto os parciais e únicos como os supostamente universais – podem ser apreciados ou julgados em termos de fé religiosa, o que revela que o centro e a fonte da vida são históricos, mas vão muito além da história. Esse é o Deus que é tanto o Criador como o Juiz revelado na Bíblia. [...] Sem as pressuposições da fé cristã, o indivíduo ou é nada, ou torna-se tudo. Na fé cristã, a insignificância do ser humano como criatura, inserida em um tempo e um espaço, passa a ter significância por meio da misericórdia e do poder do Deus que sustenta a vida humana. Contudo, sua relevância como um espírito livre é tida como subordinada à soberania divina. A inclinação humana para abusar de sua liberdade, superestimar seu poder e sua importância e tornar-se "tudo" é entendida como o pecado original. Em função do envolvimento do homem com esse tipo de pecado, seu destino é ter seu primeiro encontro pessoal com Deus como Juiz, que humilhará o orgulhoso e reduzirá sua vaidade a nada. (NIEBUHR, 1949, p. 91,92)

TRÊS LIBERDADES

O que Deus diz sobre liberdade? Que, se não for por intermédio da graça divina revelada em Cristo Jesus, não podemos ser livres.

O próprio Cristo disse: *Todo aquele que comete pecado é servo do pecado* (Jo 8.34b). A liberdade se dá pela obediência às Leis de Deus. Infelizmente, desobedecemos a elas. Na verdade, perdemos nossa capacidade de obedecermos-lhes; assim, perdemos nossa liberdade.

> Desde a queda de Adão e Eva no paraíso, toda a humanidade foi acometida de uma terrível rebeldia, corrupção e escravidão. Isso quer dizer que, mesmo por vezes desejando agir corretamente, somos constantemente prejudicados. Então, dizemos a nós mesmos: *Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?* (Rm 7.24). "Como conquistar minha libertação? Sem liberdade, meu destino é a morte!" (NICOLE, 1976, p. 27,28)

O evangelho da graça divina em Jesus Cristo diz que podemos ser libertos a fim de cumprirmos o destino para o qual Deus criou cada um de nós.

Primeiro, o evangelho nos livra da condenação eterna por meio da Lei de Deus, dando-nos, assim, *liberdade de consciência* (CALVINO, 1960, p. 310). A liberdade deve começar a partir daí. Qualquer outro tipo de liberdade é vão se não formos libertos dessa condenação. Essa liberdade pode ser obtida por meio da fé em Cristo Jesus, que morreu em nosso lugar e, dessa forma, sofreu a condenação que merecíamos.

Ao olharmos para nós mesmos, devemos admitir, como no artigo IV da Confissão da *Evangelical Free Church* [Igreja evangélica livre] de Genebra, Suíça, em 1848: "Todo homem nasce pecador, incapaz de fazer o bem aos olhos de Deus, inclinado para o mal, e é digno de condenação e morte, se julgado justamente".

Todavia, ao olharmos para Cristo, vemos nossa libertação da sentença que merecemos, pois Ele morreu pelo perdão dos nossos pecados, pagando toda a pena exigida pela Lei divina para punir nossas transgressões. Assim, deu-nos condições de pertencermos ao Altíssimo, como se nunca nos houvéssemos envolvido com o pecado.

A Lei de Deus não mais é uma ameaça a nós. É fato que, eventualmente, infringimo-la, mas Jesus já reverteu essa situação. Agora, podemos entrar na presença do Todo-poderoso sem culpa alguma.

Essa liberdade impressionou muito o apóstolo Paulo. Antes de Cristo em sua vida, Paulo acreditava obedecer piamente à Lei de Deus, que era muito dura de ser cumprida (Fp 3.6), mas, aos olhos de Deus, o apóstolo não era justo, como achava ser (At 26.14). O que fazer? Foi por meio do evangelho de Cristo que Paulo descobriu um meio de alcançar a justiça divina que não advinha do cumprimento da Lei, conforme ele aponta em Romanos 8.1-4:

> *Portanto, agora, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o espírito. Porque a lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte. Porquanto, o que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne, Deus, enviando o seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne, para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito.*

Da mesma forma, em Gálatas 5.1, após uma tremenda defesa da justificação pela fé, Paulo aconselha: *Estai, pois, firmes na liberdade com que Cristo nos libertou e não torneis a meter-vos debaixo do jugo da servidão.*

Ambas as passagens bíblicas levam à *liberdade de obediência*. Cada uma é parte de um argumento que trata não somente da libertação da condenação segundo a Lei, mas também de outro tipo de liberdade. Romanos 8 sucede um capítulo que relata detalhadamente a luta pessoal de Paulo ao deparar-se com os desejos de sua nova natureza e os desejos pecaminosos de sua velha natureza.

A passagem de Gálatas 5 leva a uma discussão da vida do Espírito, que resulta da justificação. Sendo libertos da condenação pela Lei e tendo agora uma nova natureza, os cristãos são libertos de seus antigos desejos e rebeldias. Então, podem obedecer só a Deus.

Quando Jesus falou aos judeus sobre a fonte e a natureza de Seus ensinos, muitos creram nele, mas de maneira vaga. Ao constatar isso, Cristo os encorajou a permanecerem com Ele para continuarem aprendendo dele, dizendo: *Se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente, sereis meus discípulos e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará* (Jo 8.31b,32).

Essa declaração enfureceu alguns ouvintes – talvez, incrédulos –, apesar de o texto não dizer isso de maneira clara. Por essa razão, eles responderam: *Somos descendência de Abraão, e nunca servimos a ninguém; como dizes tu: Sereis livres?* (Jo 8.33).

Como podemos constatar, isso lhes parecia ridículo. Por anos, os judeus foram escravos no Egito. Durante o período dos juízes, houve, pelo menos, sete ocasiões em que a nação esteve sob o domínio de estrangeiros. Só o cativeiro babilônico durou 70 anos. Durante esse diálogo com Jesus, sob os olhos dos soldados romanos, os judeus levavam em seus bolsos moedas que exibiam o governante romano da Palestina. E foi justamente a percepção de todo esse contexto que os fez sensíveis ao tema da liberdade.

Jesus não tentou mostrar quão iludidos eles estavam em suas próprias ideias acerca da liberdade política. Em vez disso, Cristo respondeu:

> *Em verdade, em verdade vos digo que todo aquele que comete pecado é servo do pecado. Ora, o servo não fica para sempre em casa; o Filho fica para sempre. Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente, sereis livres.*
>
> João 8.34,36

A liberdade decorre da nova natureza interior de quem está em Cristo. Consequentemente, agora este deseja fazer o que agrada a Deus – não por força da Lei, mas pelo simples desejo de agradar ao Altíssimo. Porventura, a Lei perdeu seu valor? Muito pelo contrário, ela nos mostra o que agrada ao Senhor.

A importância explica diversos questionamentos, como, por exemplo: o que fazer aos domingos, quais profissões são as mais indicadas para um cristão, fumar ou não fumar, consumir bebidas alcoólicas ou não, jogar ou não, assistir a determinado filme ou não, etc. Porém, a Bíblia não tem resposta a todas essas perguntas específicas. Se buscarmos esclarecimentos para cada questionamento que tivermos, perderemos a liberdade à que Jesus nos concede direito.

Como observou Calvino:

> Com efeito, quando as consciências uma vez se enrodilham em laço, entram em um longo e inextricável labirinto de onde já não é fácil mostrar a saída.
> Se alguém começa a duvidar se porventura lhe é lícito usar linho nos lençóis, camisas, lenços, guardanapos, depois não estará seguro se pode usar cânhamo, e, por fim, começará inclusive a duvidar se é lícito usar estopa — pois consigo revolverá se porventura pode jantar sem guardanapos ou se pode prescindir de lenços.
> Se a alguém parecer ilícito alimento um pouco mais refinado, por fim, nem pão ordinário e iguarias comuns comerá tranquilo diante de Deus, enquanto vem à mente que pode sustentar o corpo com víveres ainda mais baratos.
> Se nutre escrúpulos de beber vinho mais suave, nem vinho estragado beberá com boa paz de consciência e, por fim, nem ousará tocar em água mais doce e mais limpa que outras. Finalmente, chegará a tal ponto que, como se diz, julgará ser ilícito caminhar por sobre uma palha atravessada no caminho. (CALVINO, 1960, p. 839)

A terceira área da liberdade cristã tem relação com as outras duas: a *liberdade de conhecimento*.

Por meio do (re)conhecimento de nosso pecado e do (re)conhecimento da pessoa de Deus e do que fez em Cristo para a nossa salvação, somos salvos da condenação pela Lei e iniciados na vida cristã.

Tendo conhecido o Altíssimo da maneira como Ele se revela em Jesus, surte em nós o desejo de continuarmos aprendendo sobre Ele. Além disso, damos início a um crescimento na verdadeira liberdade que o conhecimento divino nos propicia. *E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará* (Jo 8.32).

Para uma pessoa sem estudo, o mercado de trabalho está de portas fechadas, e ela sequer pode ser capaz de encontrar um trabalho rentável. Sendo analfabeta, então, nem se fala. Alguém assim arrumará, no máximo, um trabalho braçal como meio de subsistência. Por conseguinte, talvez não tenha acesso à arte, por exemplo, pois sua cultura será insuficiente para entender muito de música, dramaturgia, obras de arte etc.

Da mesma forma, quem não conhece os ensinos da Palavra do Senhor não pode desenvolver-se espiritualmente. Essa pessoa irá ater-se a enganos acerca da natureza divina, superstições e preconceitos. Apenas quem busca conhecer e amar a Sagrada Escritura pode crescer em liberdade.

Certa vez, alguns cristãos em Hong Kong conversaram com uma senhora de 80 anos de idade que havia acabado de ser liberta de um cativeiro chinês. Ela era cristã, mas seu discurso era carregado de palavras comunistas.

Perguntaram a ela: "Quando a senhora voltou à China, teve liberdade para juntar-se a outros cristãos com o propósito de adorar a Deus?". Ela respondeu: "Não, desde que fomos libertos, ninguém pôde reunir-se para realizar cultos ao Senhor". Questionaram-na:

"E quanto a reunir-se em grupos pequenos apenas para discutir a fé cristã?". Ela retrucou: "Depois de nossa libertação, qualquer reunião de cristãos foi proibida". Insistiram eles: "E liberdade para ler sua Bíblia?". Ela finalizou: "Também não podemos ler a Bíblia".

Como vemos, a liberdade não consiste em palavras, mas na realidade que o cristianismo traz.

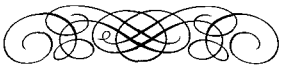
Nota

1 **Friedrich Wilhelm Nietzsche** nasceu em 1844, numa família luterana. Apesar disso, rejeitou a fé cristã. Crítico da cultura ocidental, das religiões e da moral judaico-cristã, ele é, juntamente com Marx e Freud, um dos autores mais controversos na história da filosofia moderna, devido aos paradoxos e desconstruções dos conceitos de realidade ou verdade como nós ainda hoje os entendemos.

Friedrich Nietzsche quis ser o grande "desmascarador" de todos os preconceitos e ilusões do gênero humano. A moral tradicional, principalmente a esboçada por Kant, a religião e a política não eram para Nietzsche nada mais que máscaras que esconderiam uma realidade inquietante e ameaçadora, cuja visão seria difícil de suportar. (Fonte: wikipedia)

CAPÍTULO 13

CONHECENDO A VONTADE DE DEUS



Não há questionamentos mais comuns entre os cristãos do que os seguintes: "Qual o plano divino para minha vida? Como vou ter conhecimento dele? Como posso ter certeza de que eu sei qual é?". Essas dúvidas surgem naturalmente para os filhos de Deus e, ainda que não surgissem, elas nos seriam impostas pelo ensino bíblico de que o Senhor quer que saibamos Sua vontade e que a aceitemos com gratidão.

Essa é a conclusão de Romanos 12.1,2, versículos que já lemos muitas vezes em outros contextos:

> *Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis o vosso corpo em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.*

Devemos negar a nós mesmos e amadurecer no caráter cristão por meio de uma transformação interior, para que possamos entender a perfeita vontade de Deus para nossa vida.

Em Filipenses 3.15, após Paulo ter falado sobre o objetivo da vida cristã e seu próprio desejo de prosseguir nessa direção, ele também escreveu: *Pelo que todos quantos já somos perfeitos sintamos isto mesmo; e, se sentis alguma coisa doutra maneira, também Deus vo-lo revelará.*

Encontramos esse tema nos Salmos muitas vezes, particularmente nos de Davi, que necessitava muito da orientação de Deus. No Salmo 25.4,5, por exemplo, o autor pediu:

> *Faze-me saber os teus caminhos, SENHOR; ensina-me as tuas veredas. Guia-me na tua verdade e ensina-me, pois tu és o Deus da minha salvação; por ti estou esperando todo o dia.*

Depois, declarou:

> *Bom e reto é o SENHOR; pelo que ensinará o caminho aos pecadores. Guiará os mansos retamente; e aos mansos ensinará o seu caminho.*
>
> Salmo 25.8,9

Da mesma forma, o autor do Salmo 16.7a afirmou: *Louvarei ao SENHOR que me aconselhou.* E, no Salmo 73, Asafe disse: *Todavia, estou de contínuo contigo; tu me seguraste pela mão direita. Guiar-me-ás com o teu conselho* (Sl 73.23,24a).

Esses versículos não significam que nós sempre conseguiremos compreender tudo na vida cristã. Eles sequer significam que, de algum modo, poderemos enxergar adiante.

Contudo, certamente podemos entender que Deus tem um plano para nós e que promete levar-nos até ele, revelando os passos necessários para que o alcancemos à medida que caminhamos.

As vontades de Deus

É preciso esclarecer uma coisa antes de continuarmos. Quando falamos sobre conhecer a vontade de Deus, comumente pensamos naquela que Ele não promete revelar e geralmente não revela. O Senhor não revela Seus propósitos secretos ou escondidos (Dt 29.29). O que Ele, de fato, revela é o tipo de vida e de caráter que lhe agradam.

Portanto, já vimos que há diferentes sentidos atribuídos à palavra *vontade*. Na Bíblia, temos a vontade soberana e eficaz do Senhor. Esta vai além do nosso entendimento. Na verdade, ela provê a origem de todas as coisas e ordena-as.

A vontade de Deus é absoluta e ilimitada, sendo determinada apenas por Ele mesmo. O Altíssimo não precisa consultar ninguém para formular Seus planos, e não necessita da ajuda de ninguém para executá-los. Sua vontade é soberana e invariável. Devido à Sua onipotência, Deus não precisa adaptar-se às circunstâncias, que, constantemente, modificam-se. Esse é o sentido de João 6.40a, texto no qual Jesus disse: *Porquanto a vontade daquele que me enviou é esta: que todo aquele que vê o Filho e crê nele tenha a vida eterna.*

A vontade divina nas Escrituras está relacionada, também, à disposição de Deus ou ao que lhe agrada. Quando, na oração do Pai-Nosso, pedimos ao Pai que seja feita a vontade dele (Mt 6.10), na verdade, estamos pedindo para que o que lhe agrada possa ser cada vez mais realizado em nossa vida e na de outros.

Assim, a questão é: quando falamos sobre nosso desejo de conhecer a vontade do Senhor, pedimos a Ele o conhecimento de Seus conselhos, buscamos conhecer o que lhe apraz.

Se buscamos conhecer o que agrada ao Senhor, muito pode ser aprendido, pois Ele já o tem revelado a nós.

Sobre este assunto, R. C. Sproul afirmou: "Deus deseja nossa justiça e nossa obediência. E a Lei de Deus claramente reflete algo sobre Sua vontade de forma perceptível, no sentido de Sua disposição" (Sproul, 1977, p. 106,107).

A nossa vontade e a de Deus

Mas como vou saber o que agrada a Deus em circunstâncias específicas da minha vida? Como vou saber se devo seguir uma carreira acadêmica ou de negócios? Com quem devo casar-me? De qual igreja devo fazer parte? Como devo gastar meu tempo? No trabalho? Em atividades cristãs? Em diversão e relaxamento? De que maneira devo gastar meu dinheiro?

Há inúmeras questões parecidas que nos confrontam, e, embora algumas delas possam ter a ver com os propósitos secretos de Deus, nem todas elas têm. Excluindo revelações sobrenaturais da vontade divina, as quais o Pai, às vezes, concede, mas com as quais Ele não nos encoraja a contar, há três princípios que devemos seguir.

O primeiro é uma precondição que pode, com frequência, resolver um problema instantaneamente: devemos estar dispostos a fazer a vontade do Senhor mesmo antes de saber qual ela é.

Em João 7.17, Jesus afirmou: *Se alguém quiser fazer a vontade dele* [de Deus], *pela mesma doutrina, conhecerá se ela é de Deus ou se eu falo de mim mesmo.* Aqui, Ele está combatendo a falsificação de Sua doutrina, que havia sido desafiada pelos líderes judeus. Contudo, ao responder isso, Cristo ensinou um princípio mais abrangente segundo o qual conhecer a vontade do Pai consiste muito mais em estar disposto a fazê-la.

A dificuldade que a maioria de nós encontra é que, apesar do que professamos, na verdade, queremos fazer a nossa própria vontade. E, ao buscar orientação, esperamos que Deus se convença da nossa maneira de pensar.

Eis um exemplo de um homem que era um líder importante em sua igreja. Ele me disse que estava muito preocupado com a área profissional que estava seguindo, e que, apesar de sentir-se seguro em fazer o que estava fazendo, não tinha certeza de ter escolhido corretamente o local para fazê-lo, visto que, mesmo ainda sem oferta de trabalho em outro estado, sentia desejo de mudar de região.

Certa ocasião, abaixando-se ao lado de sua mesa, ele se ajoelhou e, de maneira muito específica, orou mais ou menos assim: "Querido Deus, estou com muitas dúvidas em relação a isso. Não sei o que fazer. O que eu realmente preciso é de um sinal vindo de ti. Necessito que alguém do estado em que estou interessado me telefone e me ofereça uma oportunidade de trabalho".

Enquanto ele ainda estava de joelhos, o telefone ao seu lado tocou. Era uma ligação interurbana, e a pessoa do outro lado da linha ofereceu-lhe um emprego precisamente no estado pelo qual ele estava orando. Um sinal claro? Talvez. Contudo, ele não aceitou a oferta, tendo ficado onde estava, e até hoje ele diz: "Talvez eu devesse ter tomado outra atitude quando tive aquela chance".

Não estou dizendo que meu amigo deveria ter aceitado o novo trabalho, mas aquela pode ter sido a maneira de Deus de mostrar-lhe que sua dificuldade de saber a vontade do Pai era que ele não queria realmente fazê-la, a despeito de suas orações ou das respostas que recebesse. Na maioria dos casos, nossa dificuldade de entender a vontade do Senhor reside nesse ponto.

Quando aconselho pessoas sobre esse assunto, constantemente me deparo com problemas semelhantes. Após conversarmos, independente de tê-las levado a considerar relevantes passagens das Sagradas Escrituras, todas sempre fazem objeções. Segundo elas, os versículos em questão não se aplicam à sua situação, ou não são razoáveis, ou não podem ser obedecidos, ou algo assim. Em geral, isso simboliza que a dificuldade não é saber o que Deus deseja, e, sim, o fato de não querermos obedecer-lhe.

Como podemos estar dispostos a fazer a vontade do Senhor? Primeiro, precisamos reconhecer nossa falta de disposição. Depois, buscar desafios por meio dos quais somos *transformados* de dentro para fora pela renovação de nossa mente, para que possamos experimentar *qual seja a* [...] *vontade de Deus* (Rm 12.2).

A oração é um desses desafios, pois, mediante tal ato, fazemos uma pausa no corre-corre do nosso cotidiano, pensamos em Deus e em Seus caminhos, examinamos nossa vida sob essa luz e, depois, pedimos perdão ao Senhor por pecados antigos, recorrendo à Sua orientação para o futuro.

O convívio cristão é outro desafio. Precisamos do apoio, do interesse e da correção amorosa de outros, e o mais importante: necessitamos de um programa regular de estudo da Bíblia.

O segundo princípio para conhecer a vontade do Senhor é essencial. Ele revelou isso em Sua Palavra. O plano secreto de Deus, que envolve elementos sobre nossa vida e nossa futura profissão, não está revelado em lugar algum, nem nas Escrituras Sagradas. Assim, ninguém pode usar a Bíblia, de maneira mágica, para ver se deve casar-se com João ou Antônio, Aline ou Maria. Entretanto, o que o Altíssimo deseja aparece muito claramente em Sua Palavra.

Na Bíblia, nossas opções são limitadas. Pode não estar escrito nela o nome da pessoa com quem devemos casar-nos, mas, certamente,

está escrito que não devemos morar com nosso futuro cônjuge antes do casamento, pois o Senhor condena a fornicação.

De igual maneira, pode não estar escrito na Palavra de Deus se devemos ser médicos ou advogados, porém está claro que não podemos ser ladrões nem prostitutas, nem nos é lícito realizar qualquer trabalho que prejudique os outros.

Também encontramos na Bíblia orientações com base nas quais podemos agir. Uma está declarada nos versículos anteriormente mencionados: Romanos 12.1,2. Neles, lemos que o Pai deseja nossa santificação. Qualquer coisa que contribua para nossa santificação é um aspecto da vontade divina para nós, assim como qualquer coisa que a impeça não faz parte do plano de Deus para nós. Acima de tudo, o Altíssimo está interessado em que nos tornemos como Jesus Cristo: *Porque esta é a vontade de Deus, a vossa santificação* (1 Ts 4.3a).

Em Colossenses 3.23, conhecemos a vontade do Pai para nossa vida profissional: *E, tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como ao Senhor e não aos homens* Esse princípio se aplica, particularmente, a estudantes ou àqueles cuja carreira esteja começando.

Certa vez, um membro de minha igreja comentou que, de maneira muito frequente, jovens cristãos interpretam as dificuldades que enfrentam em seu trabalho ou seus estudos como um indicativo de que não estão cumprindo a vontade de Deus para sua vida, quando, na verdade, elas provavelmente são indicações divinas de que eles devem esforçar-se mais. Nesse versículo, lemos que o Altíssimo deseja que façamos com excelência tudo o que nos vem às mãos.

Uma direção que está muito relacionada a isso se encontra em Efésios 6.5,6:

> *Vós, servos, obedecei a vosso senhor segundo a carne, com temor e tremor, na sinceridade de vosso coração, como a Cristo, não servindo à vista, como para agradar aos homens, mas como servos de Cristo, fazendo de coração a vontade de Deus.*

Essa orientação serve, em especial, para aqueles que têm um chefe temperamental ou um professor difícil de lidar. Segundo a Bíblia, a vontade de Deus é que evitemos falar dele ou dela, esforçando-nos para ser o melhor naquilo que fazemos. Devemos fazer isso não apenas quando nosso chefe estiver observando-nos, mas também [e principalmente] quando ele não estiver. Devemos realizar nossas tarefas como se estivéssemos trabalhando para Deus, e não para os homens.

Em outros versículos, aprendemos que devemos fazer uma análise sóbria de nossos dons, a fim de descobrirmos de que maneira poderíamos servir melhor, além de buscar a orientação de nossos irmãos na igreja. É assim que, frequentemente, descobrimos o chamado para nossa vocação (At 13.1-3).

Situações questionáveis

Não podemos negar que, em certos aspectos da vida, não há clareza com relação à forma como devemos agir. Posso trabalhar em uma empresa que produz material bélico? Posso tomar bebidas alcoólicas? Posso ingressar na política? É errado um cristão tornar-se ator?

Para responder essas perguntas, precisamos começar pela graça. Em Romanos 6.14 lemos: *Porque o pecado não terá domínio sobre vós, pois não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça.* Esse versículo está inserido em um contexto de vida santa. Logo, o caminho para a santidade nunca será encontrado organizando um corpo de cristãos para determinar se devemos, ou não, ir ao cinema, ingerir vinho, jogar cartas, ir à guerra ou coisas do gênero. Devemos sempre lembrar que o Senhor nos disse: *não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça.*

Estar livre da Lei significa ter liberdade para fazer o que bem entender? Devemos pecar para que a graça superabunde? Claro que não! Pelo contrário: *Mas, agora, libertados do pecado e feitos servos de Deus, tendes o vosso fruto para santificação, e por fim a vida eterna* (Rm 6.22). Na verdade, viver pela graça leva à santidade, por causa do nosso desejo de agradar Àquele que nos salvou.

Para determinar a vontade do Senhor em questões duvidosas, devemos compreender que, embora todas as coisas sejam permitidas para cristãos – porque não estamos debaixo da Lei, mas debaixo da graça –, ainda assim nem todas as coisas convêm. Isso é verdade. Como Paulo nos advertiu, não devemos permitir que a situação nos domine: *Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas convêm; todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma* (1 Co 6.12).

Paulo sabia que Deus não o havia libertado do pecado para que, então, ele fosse dominado por coisas sem importância. A pergunta a ser feita é: "Estou usando as coisas ou as coisas estão usando-me?".

Vejamos a comida, o primeiro dos exemplos de Paulo (1 Co 6.13,14). Nada pode ser tão obviamente bom para uma pessoa do que comida: ela é necessária para fortalecer o corpo e também a saúde mental. Entretanto, é possível que uma pessoa fique viciada em comida a ponto de comprometer sua saúde, sendo necessário, portanto, que certos hábitos alimentares sejam evitados.

O segundo exemplo do apóstolo refere-se ao sexo (1 Co 7.5-20). A vida sexual é um presente de Deus. Dentro dos limites do casamento, é algo que fortalece o lar e é também uma expressão de união íntima. Mas ela também pode tornar-se destrutiva, visto que pode controlar a pessoa em vez de a pessoa controlá-la.

A Bíblia ensina que os cristãos nunca se devem deixar dominar por nada, seja comida, bebida, sexo, drogas, carros, casas, ações ou qualquer outra coisa (1 Co 6.12).

Mais adiante, ainda na mesma carta, Paulo nos revelou uma segunda razão pela qual nem todas as coisas convêm: a liberdade de um cristão pode ferir o crescimento espiritual de outro. Ele afirmou: *Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas convêm; todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas edificam* (1 Co 10.23). Nos versículos posteriores, lemos que ele está pensando no bem-estar e no crescimento de seus irmãos em Cristo.

Levar esse versículo ao extremo significaria moldar seus padrões de conduta a partir do que outros cristãos dizem ou pensam. Se fizermos isso, passaremos a ser hipócritas, esquizofrênicos ou malucos. Contudo, o versículo, na verdade, significa que há situações em que teremos de evitar certas coisas, embora elas não sejam erradas em si mesmas, a fim de não prejudicarmos os outros.

Suponha que você tenha evangelizado uma amiga sua que tem enfrentado muita dificuldade para superar uma disposição a cometer pecados na área sexual. Apesar de ter se convertido, ela continua atraída por esses desejos carnais.

De acordo com esse texto bíblico, Deus ensina, por exemplo, que é melhor você não a levar para assistir a filmes com nenhum apelo sexual. Além disso, é até melhor que você mesma não vá, pois ela poderia ser prejudicada pela sua liberdade.

Outra coisa: devemos ser consistentes em nossa abstinência por um longo período, a fim de não parecermos hipócritas. Paulo escreveu: *Pelo que, se o manjar escandalizar a meu irmão, nunca mais comerei carne, para que meu irmão não se escandalize* (1 Co 8.13). Essa consideração foi feita pelo mesmo apóstolo que defendeu, de modo bem-sucedido, a causa da liberdade cristã em relação à Lei perante os apóstolos de Jerusalém (At 15.1-29; Gl 2.1-10).

Sem dúvida, é muito difícil observar o efeito que nossa conduta pode ter em outros cristãos. No entanto, ao decidirmos como lidar com assuntos questionáveis, devemos escolher a melhor opção possível. Isso está declarado, de maneira nítida, em Filipenses 4.8:

> *Quanto ao mais, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, e se há algum louvor, nisso pensai.*

Embora nem todos os comentaristas e teólogos assinalem, nesse versículo Paulo cita basicamente as virtudes exaltadas pelos filósofos e moralistas gregos. Ao mencioná-las, Paulo estava, na verdade, admitindo uma moralidade aceita pela sociedade da sua época. Sua intenção era afirmar que, embora a busca do melhor pelos cristãos inclua coisas espirituais, ela não implica a exclusão dos melhores valores que o mundo também aceita como corretos.

As coisas que são honradas pelas melhores pessoas em todas as partes também são dignas de serem cultivadas pelos cristãos. Assim, os cristãos podem amar tudo o que é verdadeiro, honesto, justo, puro, amável e de boa reputação, onde quer que encontre tais atributos.

Podemos alegrar-nos no melhor da arte e da boa literatura. Podemos emocionar-nos ao som de ótima música. Podemos deleitar-nos com uma bela arquitetura. Podemos também agradecer a Deus por dar às pessoas, mesmo em seu estado decaído, a habilidade de criar tanta beleza.

Tenha confiança na promessa da presença do Senhor que acompanha as palavras de Paulo. Ele frequentemente escrevia de modo paternal e foi assim que o fez nesse texto. O resultado disso é que a primeira metade do versículo nove distorceu, parcialmente, o significado da sentença.

Na primeira parte do texto está escrito: O *que também aprendestes, e recebestes, e ouvistes, e vistes em mim, isso fazei.* Até aí, poderíamos pensar que a presença de Deus está atrelada ao autor.

Na verdade, como, por causa da sintaxe grega, Paulo repetiu a expressão *tudo o que é* por todo o versículo oito e, depois, no versículo nove, ela apareceu atrelada ao anterior, podemos entender que a promessa é: *Quanto ao mais, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável* [...] *nisso pensai.* [...] *e o Deus de paz será convosco.*

Assim, quando buscarmos as melhores virtudes, tanto diante de Deus como dos homens, o Deus de paz estará conosco, e poderemos ter a confiança de que, enquanto priorizarmos agradar-lhe, Ele vai abençoar-nos e guiar-nos.

Olhando para Jesus

Isso nos leva ao terceiro dos três princípios mencionados anteriormente neste capítulo.

Como já vimos, o primeiro é que devemos estar dispostos a fazer a vontade de Deus antes mesmo de saber qual ela é, e o segundo aponta para o fato de que devemos buscar essa orientação nas Escrituras. O terceiro, por sua vez, é o princípio que se baseia na importância de estar em comunhão com o Senhor todos os dias, e mesmo de hora em hora.

No Salmo 32.8, o Senhor nos ensina isso, ao dizer: *Instruir-te-ei e ensinar-te-ei o caminho que deves seguir; guiar-te-ei com os meus olhos.* Se Ele vai guiar-nos com Seus olhos, primeiro precisará chamar nossa atenção, o que significa que devemos olhar para Ele regularmente durante o dia.

Sem dúvida, devemos realmente ansiar pela comunhão com Aquele que sabe o que devemos e como devemos fazer. Precisamos de

mais do que um mero manual de instruções. John White disse: "Você deve buscar orientação, mas Deus deseja dar-lhe algo melhor: Ele mesmo" (WHITE, 1976, p. 154). O que Deus realmente nos deu é um guia. Devemos, portanto, ficar junto dele e seguir Sua direção.

CAPÍTULO 14

FALANDO COM DEUS



Por meio do estudo bíblico, Deus fala conosco, e, por meio da oração, falamos com Ele. Ambos os atos são necessários para desenvolver um relacionamento pessoal que seja genuíno como uma conversa entre duas pessoas.

Entretanto, a oração é ainda mais do que um bate-papo. É um privilégio. Ao colocarmo-nos no centro da vontade do Senhor da melhor maneira que sabemos, aproximamo-nos dele como crianças se aproximam de seus pais, e pedimos o que precisamos, sabendo que seremos atendidos. Assim, a oração é uma resposta à promessa de Cristo: *E tudo quanto pedirdes em meu nome, eu o farei, para que o Pai seja glorificado no Filho. Se pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei* (Jo 14.13,14).

Reuben A. Torrey, em um de seus livros, fez uma lista de 11 razões pelas quais a oração é importante:

1. Porque o diabo existe, e a oração é o meio indicado por Deus para resistir a ele.
2. Porque a oração é a maneira pela qual obtemos do Senhor o que precisamos dele.
3. Porque os apóstolos, que devemos ter como modelo, consideravam a oração como a coisa mais importante.
4. Porque a oração ocupava um lugar proeminente e tinha um papel crucial na vida terrena de nosso Senhor.
5. Porque a oração é o elemento mais importante do ministério atual de Jesus, já que Ele agora intercede por nós (Hb 7.25).
6. Porque a oração é o meio pelo qual Deus nos concede Sua misericórdia e graça, a fim de ajudar-nos na hora da necessidade.
7. Porque a oração é o meio de obter a plenitude da alegria divina.
8. Porque a oração, com ações de graça, é o meio de obter livramento da ansiedade e, no lugar dela, ter acesso à paz que excede todo entendimento.
9. Porque a oração é o método indicado para obter a plenitude do Espírito Santo.
10. Porque a oração é o meio pelo qual nos mantemos vigilantes e atentos à volta de Cristo.
11. Porque a oração é usada por Deus para promover nosso crescimento espiritual, dar poder a nossas obras, levar outros à fé em Cristo e trazer outras bênçãos para Sua Igreja.

(TORREY, 1900, p. 7-31)[1]

O PROBLEMA DA ORAÇÃO

Apesar da importância óbvia da oração, a maioria das pessoas não a entende com muita clareza. O problema pode ser originado no fato de que poucos cristãos conhecem bem a Deus, visto que, se nenhum de nós o conhece plenamente, a oração é, pelo menos em parte, confusa.

Será ela responsável por mudar as coisas ou as pessoas? Deus muda de ideia por causa

de uma oração de fé? Ao orarmos, fazemos com que o Senhor aja ou Ele age em nós para que oremos? O que significa orar sem cessar? Quem pode orar? Como se deve fazê-lo? Em qualquer segmento do povo de Deus, muitas dessas questões recebem respostas diferentes e, às vezes, até mesmo contraditórias.

Não são apenas as pessoas comuns que têm dificuldade com a oração. Isso também acontece com os teólogos.

Certa vez, no decorrer de seus longos e influentes ministérios, George Whitefield, o calvinista, e John Wesley, o evangelista arminiano, pregaram juntos. Após dirigirem vários cultos durante o dia, retornavam, toda noite, exaustos ao quarto que dividiam em uma pensão.

Uma noite, depois de um dia particularmente extenuante, os dois chegaram e prepararam-se para dormir. Quando se aprontaram, cada um se ajoelhou ao lado de sua cama para orar. Whitefield orou assim: "Senhor, agradecemos a ti por todos aqueles com os quais falamos neste dia e regozijamo-nos porque a vida e o destino deles estão inteiramente em tuas mãos. Honra nossos esforços de acordo com a Tua perfeita vontade. Amém". Dito isso, deitou-se na cama.

Wesley, que mal tinha começado a invocar a Deus em sua oração nesse curto espaço de tempo, levantou os olhos e perguntou-lhe: "Sr. Whitefield, é até aí que seu calvinismo o leva?". Em seguida, abaixou a cabeça outra vez e continuou a orar.

Whitefield ficou na cama e dormiu. Cerca de duas horas depois, ele acordou e lá estava Wesley, ainda de joelhos, ao lado da cama. Ele levantou, foi até onde Wesley estava ajoelhado e tocou-o, constatando que o mesmo estava dormindo. Whitefield, então, questionou-o: "Sr. Wesley, é até aí que seu arminianismo o leva?".

Essa história não serve para dizer que calvinistas ou arminianos inevitavelmente falham ao orar apenas em decorrência de alguma fraqueza. Contudo, entendemos que mesmo o cristão mais zeloso tem dificuldades.

Calvino cria na providência divina, mas, em seu capítulo sobre a oração, que precede o que aborda a questão da eleição, ele refutou os que diziam que Deus se incomoda com nossas orações "supérfluas" (CALVINO, 1960, p. 853). Em vez disso, o autor comentou sobre a necessidade de "desenterrarmos, pela oração, os tesouros que Deus tem para nós"(CALVINO, 1960, p. 851).

Fomos ensinados a reconhecer, pela fé, que tudo quanto nos é necessário e nos falta está em Deus e em nosso Senhor Jesus Cristo, em quem, de fato, o Pai quis que habitasse toda a plenitude de Sua liberalidade [Jo 1.16; Cl 1.19], a fim de que dele, como de uma fonte inesgotável, todos bebamos, buscando, em súplicas, tudo o que aprendemos nele residir.

De outra sorte, embora conheçamos a Deus *como* Senhor e Administrador de todas as coisas boas, não devemos pedir-lhe nada para proveito exclusivamente pessoal, como no caso das pessoas que enterram e escondem embaixo da terra o tesouro que lhes foi revelado com o propósito de edificar a muitos (CALVINO, 1960, p. 850).

Contudo, embora orar seja o mesmo que desenterrar os tesouros de Deus, esse não é um modo básico de receber coisas dele, pois o tesouro mencionado por Calvino inclui as riquezas da graça e da glória que estão em Cristo Jesus.

A ORAÇÃO É A DEUS

Muitas de nossas dificuldades referentes à oração podem ser removidas ao esclarecermos a quem estamos orando e o que foi feito para tornar a oração possível. Esse foi o ponto de partida do ensino de nosso Senhor sobre o tema em questão.

No Sermão do Monte, Ele ressaltou que a única oração válida é aquela dirigida consciente e explicitamente a Deus Pai:

E, quando orares, não sejas como os hipócritas, pois se comprazem em orar em pé nas sinagogas e às esquinas das ruas, para serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo que já receberam o seu galardão. Mas tu, quando orares, entra no teu aposento e, fechando a tua porta, ora a teu Pai, que vê o que está oculto; e teu Pai, que vê o que está oculto, te recompensará.

Mateus 6.5,6

Jesus não estava pregando contra o valor e a prática de orar em público, pois Ele mesmo orava assim (Jo 11.41,42). Na verdade, Ele se preocupava com a nossa tendência de orar não para Deus, mas para nós mesmos, ou para os outros. A oração deve ser feita com a consciência de que o Senhor está sempre mais pronto a responder-nos do que nós a orarmos a Ele.

Muitos pensam que todas as orações são oferecidas a Deus, mas não é assim. Talvez fosse possível até argumentar que, entre mil orações, nenhuma é realmente direcionada ao Senhor.

No mundo, de modo geral, milhões de orações são oferecidas a ídolos e deuses falsos. No catolicismo, muitas são oferecidas aos santos. No protestantismo, há pessoas que se preocupam tanto com a eloquência de suas orações que se esquecem de que o objetivo delas é aproximar-nos de Deus, e não impressionar a congregação.

Será que minhas orações me levam à presença de Deus? Quando oro, estou, na verdade, importando-me muito mais com meus amigos, minha vida atarefada e meus interesses pessoais do que com a necessidade de aproximar-me do Senhor? Sobre esse dilema, Torrey afirmou:

> Nós nunca devemos proferir uma sílaba de oração, seja em público ou em particular, até que estejamos definitivamente conscientes de que entramos na presença de Deus e estamos orando a Ele. (Torrey, 1955, p. 76)

A oração está relacionada com o crescimento espiritual de cada pessoa. À medida que a alma amadurece, a vida de oração se aprofunda, e vice-versa. Quando as crianças começam a orar, por exemplo, frequentemente só fazem petições: "Papai do céu, agora vou dormir, guarda o meu sono"; "Papai do céu, abençoa o papai e a mamãe e ajuda-me a ser uma boa menina. Amém".

Um pouco depois, quando crescem, elas são ensinadas a agradecer ao Pai pelas coisas: "Papai do céu, obrigada pela comida, pelas minhas brincadeiras e por todas as coisas boas...". Ao longo dos anos, a criança é levada a considerar as necessidades dos outros, pensando e louvando ao Senhor.

O mesmo deve acontecer na vida de cada filho de Deus: devemos sair do estágio no qual nossas orações se centralizam apenas em nós mesmos, para passar a pensar nos outros e, depois, no Senhor, crescendo e amadurecendo na fé.

Existe um hino de Frederick W. Faber que, assemelhando-se a uma grande oração, menciona a plena capacidade espiritual que só será viável no céu:

Meu Deus, como és maravilhoso,
Tua Majestade como refulge!
Quão belo é Teu trono de misericórdia
No profundo da luz abrasadora!

Ó, como temo ao Senhor, Deus vivo,
Com sentimentos mais profundos e ternos
E louvo-te com trêmula esperança,
E lágrimas de penitência

Contudo, posso amar-te, ó, Senhor
Poderoso como és,
Pois desceste para pedir
O amor de meu pobre coração

Pai de Jesus, recompensa do amor!
Que êxtase será
Prostrar-me diante de Teu trono para ali ficar,
E pôr-me a olhar e a fitar a Ti

Nessas palavras finais, Faber parece ter-se apaixonado por Deus, visto que quer apenas ficar com seu Amado e fitar os olhos nele.

Essa dinâmica da oração – de nós mesmos para os outros e, depois, para o próprio Deus – não para nele, mas, inevitavelmente, volta do Pai para nossas necessidades e as dos outros. Ela é gerada por um renovado reconhecimento de nossas transgressões e de nossa fraqueza, que sempre vivenciamos quando olhamos para o santo e onipotente Senhor, o qual nos leva à confissão do pecado. Nossa preocupação com os outros é nutrida pela descoberta de que, em Sua graça, Deus se importa com eles da mesma forma que se importa conosco, e isso nos leva à intercessão.

Essa ideia é sugerida nas palavras do Pai-Nosso. A oração começa como deve ser, com Deus e Seus interesses. Somo ensinados a orar da seguinte forma: *Portanto, vós orareis assim: Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome. Venha o teu Reino. Seja feita a tua vontade, tanto na terra como no céu* (Mt 6.9,10).

Essa é uma oração para a honra de Deus. Mas, pouco depois de os pedidos serem esboçados, a oração continua: O *pão nosso de cada dia dá-nos hoje. Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores. E não nos induzas à tentação, mas livra-nos do mal* (Mt 6.11-13a).

Em contraste com a primeira parte da oração, essas são preocupações humanas ou mundanas. Além disso, os pronomes não estão no singular (*eu*, *mim* ou *meu*), mas no plural (*nosso*, *nos*, *nossas*, *nós*). Ao contemplar o Senhor em nossa adoração, vamos, sem dúvida, voltar-nos para orar pelos nossos semelhantes.

Há um acrônimo para a oração, que muitos têm achado útil: ACTS. A letra *A* significa *adoramos*; *C* quer dizer *confessamos*; *T, te agradecemos,* e *S, suplicamos*. Conhecer a Deus verdadeiramente implica que teremos de confessar nossos pecados, agradecer a Ele por Seu perdão e por todas as outras bênçãos, e interceder uns pelos outros.

POR INTERMÉDIO DE JESUS CRISTO

Eu oro, mas como isso é possível? Uma vez que Deus é santo, como eu, um ser humano pecaminoso, posso aproximar-me dele? A resposta é que a verdadeira oração é oferecida ao Pai com base na morte de Jesus Cristo.

O autor do livro de Hebreus colocou a questão da seguinte forma: *Tendo, pois, irmãos, ousadia para entrar no Santuário, pelo sangue de Jesus, cheguemo-nos com verdadeiro coração, em inteira certeza de fé* (Hb 10.19,22a).

Jesus ensinou a mesma coisa quando disse: *Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim* (Jo 14.6). Se tivéssemos de aproximar-nos de Deus com base em nosso mérito, Ele nos rejeitaria. Se não fosse por Jesus, o Senhor nunca ouviria oração de ser humano nenhum. Entretanto, podemos ser purificados a Seus olhos por meio da fé em Seu Filho, cujo sacrifício torna possível nossa aproximação dele.

Isso significa, é claro, que a oração é só para aqueles que creem em Jesus, não servindo para os pagãos nem para os ateus. Também não é privilégio de pessoas idôneas que consideram Cristo apenas um modelo de homem comum (CALVINO, 1960, p. 876).

Embora Deus normalmente não atenda à oração dos que não creem em Seu Filho como Salvador, também é verdade que Ele não escuta aquelas oferecidas por muitos cristãos, quando eles se apegam a algum pecado. Por isso Davi disse: *Se eu atender à iniqüidade no meu coração, o Senhor não me ouvirá* (Sl 66.18). E Isaías escreveu:

Eis que a mão do SENHOR não está encolhida, para que não possa salvar; nem o seu ouvido, agravado, para não poder ouvir. Mas as vossas iniqüidades fazem divisão entre vós e o vosso Deus, e os vossos pecados encobrem o seu rosto de vós, para que vos não ouça.

Isaías 59.1,2

Esses versículos descrevem sua vida de oração? Então, você deve confessar seu pecado aberta e francamente, sabendo que Deus *é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça* (1 Jo 1.9).

Se eu fui desonesto com um amigo, é difícil falar sobre qualquer coisa com ele. Posso conseguir forçar a barra falando sobre o clima, meu trabalho, ou nossas famílias, mas não vou puxar assuntos pessoais. Apenas quando a poeira assentar, depois que o perdão tiver sido pedido e concedido, poderei, outra vez, abrir-me com meu amigo.

O mesmo acontece em nosso relacionamento com Deus. Se o pecado me afasta do Senhor, então Ele é como um estranho e, embora eu creia em Jesus, minha oração flui de maneira lenta. Em vez disso, devo confessar meu pecado e aprender a passar tempo a sós com meu Pai celestial. Quando faço isso, minha oração torna-se tão íntima quanto as conversas que tenho, em comunhão, com meus amigos íntimos.

No Espírito Santo

A oração é o meio pelo qual desenvolvemos comunhão com Deus por intermédio do Senhor Jesus Cristo e do Espírito Santo. Em Efésios 2.18, é dito: *Porque, por ele, ambos temos acesso ao Pai em um mesmo Espírito.*

Assim, orar é chegar até o Pai mediante a fé em Seu Filho e a intercessão do Espírito Santo. Isso significa que é o agir do Espírito que nos leva à presença do Senhor, fazendo com que, por meio da oração, o contato com Ele se torne mais íntimo.

Esse fato é sugerido pela palavra grega *prosagōgē*, que, no versículo anterior, é traduzida como *acesso*, e que, literalmente, significa *apresentação*. O Espírito Santo nos apresenta a Deus, tornando-o real para nós enquanto nos instrui sobre como devemos orar:

E da mesma maneira também o Espírito ajuda as nossas fraquezas; porque não sabemos o que havemos de pedir como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis. E aquele que examina os corações sabe qual é a intenção do Espírito; e é ele que segundo Deus intercede pelos santos.

Romanos 8.26,27

Alguma vez, ao orar, você teve a sensação de que Deus estava longe? Se isso já lhe aconteceu, pode ser que seu pecado e desobediência estejam afetando sua comunhão com Ele. Contudo, essa interferência pode ocorrer apenas porque outras coisas têm ocupado sua mente, ou preocupações têm obscurecido o entendimento que você deve ter da presença divina.

O que você deve fazer nesse caso? Orar de novo em outro momento? Certamente, não, pois é possível que esse seja o momento em que você mais precisa interceder. Pare um pouco e peça ao Pai que, por intermédio do Espírito Santo, Ele se torne real para você, levando-o à Sua presença.

Muitos cristãos consideram que seus mais maravilhosos momentos de oração são aqueles nos quais eles começam sem um senso claro da presença de Deus, mas chegam a ela mediante a intercessão.

Seja feita a Tua vontade

Quando nos aproximamos de Deus como devemos, podemos ter ousadia na oração, como Wesley, Whitefield, Calvino, Torrey e outros grandes guerreiros da oração tiveram.

Isso foi o que Deus nos encorajou a fazer no versículo citado no início deste capítulo: *E tudo quanto pedirdes em meu nome, eu o farei* (Jo 14.13a).

Não quer dizer que podemos pedir ao Senhor qualquer coisa tola ou pecaminosa e recebê-la. Pedir algo em nome de Jesus significa que nosso desejo deve estar de acordo com a vontade dele. Quando agimos dessa forma, podemos ficar confiantes de que seremos atendidos.

Entretanto, para ser fiel a esse texto, é preciso dizer que há cristãos que atribuem um sentido equivocado à noção de *vontade de Deus*, visto que a usam para justificar seus próprios pecados. Muitos oram com tão pouca confiança que Deus lhes responderá que, em cada uma de suas petições, constantemente, dizem "Se for da sua vontade", como se soubessem, de antemão, que as coisas que eles estão pedindo não acontecerão. Grande parte dessas pessoas fica muito surpresa quando o Senhor, de fato, responde a alguma de suas orações.

Quando Herodes Antipas governava a Palestina, o apóstolo Pedro estava preso em Jerusalém. Os cristãos estavam preocupados. Pedro já havia sido preso antes e libertado, mas Herodes tinha acabado de matar Tiago, o irmão de João, sendo muito possível que ele decidisse executar Pedro também.

Diante dessa situação, os cristãos começaram a orar. À medida que oravam em uma área de Jerusalém – na casa de Maria, mãe de João Marcos –, Deus operava em outra parte da cidade, libertando Pedro da prisão. Os portões foram abertos, e um anjo guiou o apóstolo até as ruas da cidade, enquanto os moradores ainda estavam dormindo.

Não sabemos o que estava passando pela cabeça dos cristãos na casa de Maria. É possível que estivessem orando para que o Senhor confortasse o coração de Pedro, ou impedisse a decisão de Herodes, ou ainda, o que é mais provável, para que Deus livrasse o apóstolo da prisão. Contudo, tenho certeza de que eles diziam "se for da Tua vontade", pois não estavam esperando uma resposta do alto.

Enquanto intercediam, Pedro chegou à porta e bateu. Uma criada foi ver quem era e ficou tão perplexa que voltou para o grupo de oração sem deixar o apóstolo entrar. Eles, por sua vez, saíram-se pior do que ela, pois, quando souberam que era Pedro, disseram-lhe: *Estás fora de ti.* A história continuou:

> *Mas ela afirmava que assim era. E diziam: É o seu anjo. Mas Pedro perseverava em bater, e, quando abriram, viram-no e se espantaram. E, acenando-lhes ele com a mão para que se calassem, contou-lhes como o Senhor o tirara da prisão e disse: Anunciai isto a Tiago e aos irmãos. E, saindo, partiu para outro lugar.*
>
> Atos 12.15-17

Muitas de nossas orações são como as desses cristãos. Em grande parte de nossas igrejas, a intercessão se tornou uma obrigação, e os filhos de Deus passaram a orar sem expectativa da resposta divina. Que pena que é assim!

Em contraste, Jesus ensinou que podemos viver e orar de acordo com a vontade de Deus, sendo ousados ao ponto de dizer: "Seja feita a Tua vontade". Podemos pedir com confiança, sabendo que os desígnios do Senhor irão cumprir-se em nossa vida e nossa igreja.

Foi a compreensão de estar no centro da vontade de Deus que deu a Lutero sua grande ousadia em oração. Em 1540, o grande amigo e assistente de Lutero, Frederick Micônio, ficou doente e tinha a expectativa de morrer em pouco tempo. Em seu leito de morte, ele fez um esforço para escrever um bilhete de despedida para Lutero. Este recebeu o bilhete e, no mesmo instante, enviou-lhe uma resposta:

> Eu ordeno que, em nome de Deus, você viva, porque eu ainda preciso de você na Reforma da Igreja. [...] O Senhor não me permitirá ouvir que

> estás morto, mas lhe permitirá sobreviver. Por isso, eu oro; essa é a minha vontade, e que minha vontade seja feita, porque busco glorificar o nome de Deus. (Hallesby, 1960, p. 131-132)

Essas palavras podem parecer-nos prepotentes, visto que vivemos em uma época de mais cautela, mas, sem dúvida, elas vieram de Deus. Isso porque, embora Micônio já tivesse perdido a habilidade de falar quando a carta de Lutero chegou, em curto espaço de tempo, ele reviveu, recuperando-se completamente e vivendo mais seis anos.

Nós nunca somos tão ousados em oração como quando olhamos na face de Deus e dizemos: "Pai, não oro por mim sobre isso e não quero que seja feita a minha vontade. Quero que Teu nome seja glorificado. Glorifica-o nessa situação, na minha vida, e faze-o de tal forma que todos saberão que veio de Ti"[2].

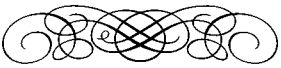
Notas

1 Um livro mais abrangente de Torrey é *The Power of Prayer* [O poder da oração]. Mas aqueles que desejam um estudo sobre oração além do que este capítulo fornece devem ler *Prayer and the Modern Man* [A oração e o homem moderno], de Jacques Ellul; *Prayer* [A oração], de Hallesby; *With Christ in the School of Prayer* [Na escola da oração com Cristo], de Andrew Murray; e *As Institutas*, de Calvino.

2 Escrevi sobre oração de maneira mais extensa em vários outros livros. Veja *Phillipians: An Expositional Commentary* [Filipenses: um comentário expositivo]; *Is Prayer a Problem?* [A oração é um problema?]; *The Sermon of the Mount* [O Sermão do Monte]; e *How to Live the Christian Life* [Como viver a vida cristã].

CAPÍTULO 15

DEUS FALANDO CONOSCO



Certa vez, Dwight L. Moody disse: "Quando oramos, falamos com Deus. Ao estudarmos a Bíblia, Ele fala conosco, e é melhor que o deixemos falar mais" (TORREY, 1975, p. 49).

As Escrituras Sagradas ressaltam a importância do estudo bíblico, o qual, segundo o primeiro Salmo de Davi, é fonte essencial de bênçãos na vida religiosa:

> *Bem-aventurado o varão que não anda segundo o conselho dos ímpios, nem se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores. Antes, tem o seu prazer na lei do SENHOR, e na sua lei medita de dia e de noite. Pois será como a árvore plantada junto a ribeiros de águas, a qual dá o seu fruto na estação própria, e cujas folhas não caem, e tudo quanto fizer prosperará.*
>
> Salmo 1.1-3

No Salmo 119, o autor se referiu ao estudo da Bíblia como o segredo de uma vida santa: *Como purificará o jovem o seu caminho? Observando-o conforme a tua palavra. Escondi a tua palavra no meu coração, para eu não pecar contra ti* (Sl 119.9,11).

No Novo Testamento, Paulo falou da leitura bíblica como a chave necessária para que o cristão se equipe para as batalhas espirituais:

> *Toda Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redargüir, para corrigir, para instruir em justiça, para que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente instruído para toda boa obra.*
>
> 2 Timóteo 3.16,17

O MAU USO DAS ESCRITURAS SAGRADAS

Infelizmente, os seres humanos sempre dão um jeito de usar os dons de Deus da maneira errada.

O bispo John C. Ryle, de Liverpool, disse:

> A cristandade como um todo negligenciou a Bíblia e abusou dela. Na minha época, apesar de ter havido mais vendas de Bíblias do que em qualquer período da história do cristianismo, muitos, senão a maioria dos que a possuíam, simplesmente não a liam. (RYLE, 1959, p. 70)

Entretanto, isso não é característica exclusiva da sociedade inglesa que viveu na segunda metade do século 19, visto que também se aplica aos nossos dias. Temos bilhões de Bíblias em um considerável número de traduções, mas, mesmo assim, são raras as pessoas que, de fato, leem a Palavra de Deus. A maioria, em vez disso, permite que outras atividades preencham a vida delas e enfraqueçam-lhes a alma.

Há outros momentos em que a Bíblia é utilizada erroneamente. É equivocado de

nossa parte, por exemplo, considerá-la como um fim em si mesma e, assim, impedir que ela cumpra seu propósito principal: levar-nos a um conhecimento de Deus por meio da fé em Jesus Cristo. Às vezes, isso acontece nos meios acadêmico e teológico.

O movimento que defendia uma visão histórica de Jesus, ocorrido no século 19, é um exemplo. Essa corrente foi uma tentativa que, por um século, teve como alvo desmerecer o Jesus do Novo Testamento, considerado um produto da fé da Igreja primitiva, substituindo-o por um Jesus histórico verdadeiro, destituído de todos os elementos sobrenaturais "não comprovados cientificamente".

Esse esforço foi notável, mas não produziu nada duradouro. Por não conseguirem ser levados pela Bíblia ao Jesus genuíno do Novo Testamento, os eruditos produziram apenas um Cristo à imagem deles.

Os racionalistas descobriram que o Carpinteiro de Nazaré foi um grande professor de ética. Os socialistas o viram como um revolucionário. Radicais, como o jovem hegeliano Bruno Bauer, negaram até mesmo a existência de Cristo.

Por fim, Albert Schweitzer pôs fim a essa busca com sua crítica avassaladora em *The Quest of the Historical Jesus* [A busca pelo Jesus histórico][1]. A Academia transformou os Evangelhos em algo com um fim em si mesmo, e a Bíblia, em vez de ser um livro crido e obedecido, havia se tornado para eles um material a ser avaliado e manipulado.

Vemos algo semelhante no uso das traduções pelos evangélicos. Não podemos negar que elas sejam necessárias, já que poucos cristãos sabem grego e hebraico, as línguas originais da Bíblia, o que faz com que uma boa, precisa e moderna tradução seja de grande valia em qualquer programa sério de estudo bíblico.

Entretanto, às vezes, há uma preocupação tão exagerada com a "melhor", "mais recente" ou "mais moderna" tradução que, embora aguce nosso interesse, pouco faz para, de fato, aprofundar-nos nos princípios da Palavra de Deus e produzir obediência a eles. Assim, as pequenas variações entre diferentes textos se tornam mais interessantes do que o ensino deles, o que relega ao segundo plano a obediência a Cristo e o desejo de conhecê-lo melhor.

Acredito que não haja necessidade de outra tradução contemporânea para o nosso idioma. Já existe uma infinidade delas à nossa disposição, de acordo com as nossas preferências. Creio que muito do nosso interesse atual por traduções tenha suas origens nas editoras, que estimulam isso com um propósito comercial. Os esforços despendidos ao produzir tais versões seriam muito melhor utilizados se gastos em traduzir a Bíblia para o idioma de homens e mulheres que nunca viram qualquer versão das Escrituras.

À luz desses problemas, a exortação de Jesus para os judeus de Sua época é bem relevante. Ele disse: *Examinais as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam. E não quereis vir a mim para terdes vida* (Jo 5.39,40).

Ninguém poderia criticar os judeus pelo seu meticuloso estudo das Escrituras Sagradas. Os escribas, cujo trabalho era copiar os pergaminhos, sujeitavam as páginas da Bíblia ao escrutínio mais detalhado. Eles davam atenção a cada sílaba e até mesmo contavam as palavras e as letras para que soubessem quais vinham no meio da página e quantas letras determinada página deveria ter.

De certa forma, devemos ser gratos por esse cuidado, já que o resultado é a precisão dos textos de nosso atual Antigo Testamento. Contudo, na maioria dos casos, a relação do escriba com a Palavra de Deus era apenas copiá-la. Assim, aqueles que usavam seus textos, possuindo a mesma mentalidade, detinham-se nos menores detalhes, mas deixavam escapar a mensagem da Bíblia. As palavras eram precisas, porém qual é o valor delas se

desconsiderarmos seus ensinamentos? Qual é o valor das letras se elas não são gravadas em um coração obediente?

Muitos que estão lendo este livro têm um alto grau de conhecimento bíblico. Conhecem o nome dos 12 apóstolos, das cidades que Paulo visitou e talvez até dos reis hebreus. No entanto, deixam passar o que as Escrituras têm a ensinar sobre pecado (o seu pecado), justificação (a sua justificação), a vida cristã (a sua vida cristã) e obediência (a sua obediência).

ESTUDANDO A BÍBLIA

A importância da Bíblia advém de sua própria essência, visto que ela é a Palavra de Deus. Dizer que ela é *inspirada por Deus* (2 Tm 3.16) torna-a completamente diferente de qualquer outro livro jamais escrito. Embora as Escrituras Sagradas sejam também um produto humano, o Senhor ensinou aos escritores o que dizer e guiou-os em seus textos. O resultado? Exatamente o que o Altíssimo desejou que fosse escrito.

Quando lemos o texto bíblico, não nos deparamos com os pensamentos de homens e mulheres como nós, que poderiam ou não ser verdadeiros, mas sim com a Palavra de Deus revelada a nós. Justamente por isso, não podemos ser indiferentes a ela. Sobre isso, Ryle escreveu:

> Quando você lê [a Bíblia], não está lendo as obras autodidatas de homens falhos como você, mas as palavras do Deus eterno. Quando você a ouve, não está ouvindo opiniões vacilantes de mortais efêmeros, mas sim a imutável opinião do Rei dos reis. Os homens que foram incumbidos de escrever a Bíblia não falaram deles mesmos. Falaram à medida que foram *inspirados pelo Espírito Santo* (2 Pe 1.21). Todos os outros livros do mundo, por mais que sejam bons e úteis, são mais ou menos imperfeitos. Quanto mais você olha para eles, mais vê seus defeitos. Somente a Bíblia é absolutamente perfeita. Do começo ao fim, ela é a Palavra de Deus. (RYLE, 1959, p. 71)

Contudo, as Escrituras não contêm informações distantes, impessoais, que despencaram do "espaço sideral". O Deus vivo continua a falar com Seu povo por meio delas. Assim, chegamo-nos à Bíblia de modo devocional, como se ela fosse um lugar santo onde encontramos o Senhor e temos comunhão com Ele.

Deus fala nas Escrituras por intermédio do Espírito Santo. É por isso que retomamos essa questão no terceiro livro deste volume, em vez de tê-la esgotado no primeiro, no qual analisei o papel do Espírito Santo, principalmente na inspiração da Bíblia. Neste capítulo, por sua vez, discuto Seu papel de ensinar o que Ele inspirou.

Paulo escreveu em 1 Coríntios que, com base em nossa sabedoria, não temos a capacidade de compreender verdades espirituais, mesmo quando elas estão registradas na Palavra de Deus. Mas o Espírito da verdade fala conosco mediante as páginas dela para trazer entendimento:

> *Mas, como está escrito: As coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem são as que Deus preparou para os que o amam. Mas Deus no-las revelou pelo seu Espírito; porque o Espírito penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus. Porque qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o espírito do homem, que nele está? Assim também ninguém sabe as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus. Mas nós não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que provém de Deus, para que pudéssemos conhecer o que nos é dado gratuitamente por Deus. As quais também falamos, não com palavras de sabedoria humana, mas com as que o Espírito Santo*

ensina, comparando as coisas espirituais com as espirituais.

1 Coríntios 2.9-13

Qual é a maneira correta de estudar o texto sagrado? Existem aqueles que confessam que a Bíblia é a Palavra do Senhor e querem conhecer o Deus vivo em suas páginas, mas, talvez, não saibam muito bem como fazer isso. Abaixo, seguem cinco respostas para essa importante questão:

1. Estude a Bíblia todos os dias (At 17.11). Apesar de ser possível que nos voltemos para a Bíblia mais do que uma vez ao dia, há também ocasiões em que preocupações legítimas consomem o tempo diário que, normalmente, passaríamos estudando. Contudo, devemos disciplinar-nos para incluir um período diário de estudo bíblico em nossa rotina, assim como nos disciplinamos para ter um horário regular de dormir, escovar os dentes, fazer as refeições e assim por diante.

Na verdade, essa comparação com os horários regulares de refeições é muito adequada, já que estamos falando de necessidades vitais para que nosso corpo fique saudável e possamos exercer um bom trabalho. Às vezes, embora não seja o ideal, pulamos uma refeição, e isso nos enfraquece. Da mesma forma, precisamos sempre nos alimentar da Palavra de Deus se queremos ficar espiritualmente fortes e manter-nos assim.

O que acontece quando negligenciamos esse estudo bíblico diário? Tornamo-nos indiferentes a Deus e relaxados com as coisas espirituais. Ficamos vulneráveis à tentação, e o pecado pode, com facilidade, enredar-nos.

O horário regular que separamos para dedicar-nos a conhecer a Bíblia pode ser longo, em especial para aqueles que são maduros na fé e para quem tem tempo para um estudo assim, os quais talvez necessitem de uma ou duas horas para tal. Entretanto, para aqueles que são novos na fé ou que têm um horário apertado, esse tempo pode ser mais curto, chegando a ser de 10 a 15 minutos. Independente da duração desse momento de estudo, o importante é que ele seja fixo em nossa rotina, estabelecido em um determinado período do dia.

Quando deve ser? Isso também é variável. Muitos descobriram que o melhor período para dedicar-se a essa tarefa é o início do dia. Sobre isso, Torrey escreveu:

> Sempre que possível, o melhor horário para esse estudo é logo após acordarmos. O pior é deixar que essa seja a última atividade da noite. É claro que é bom passar um pouco de tempo lendo a Bíblia antes de recolhermo-nos, para que a voz de Deus seja a última que ouvimos, mas a maior parte de nosso estudo bíblico deve ser feita em uma hora que nossa mente esteja mais alerta e disposta. Qualquer que seja o horário separado para o estudo bíblico, ele deve ser consagrado a esse propósito. (Torrey, 1975, p. 50)

2. Estude a Bíblia sistematicamente. Algumas pessoas leem a Bíblia de maneira aleatória e, embora muitos adotem essa postura no que tange à maioria de suas atividades, ela é bastante prejudicial, visto que leva a uma falta de harmonia e profundidade, característica dos cristãos de hoje. Muito melhor é realizar um estudo regular e disciplinado de certos livros da Bíblia ou mesmo dela como um todo.

Cristãos com pouco tempo de convertidos poderiam começar por um dos Evangelhos, talvez o Evangelho de João ou de Marcos. Depois disso, eles poderiam prosseguir com Atos, Efésios, Gálatas, Romanos ou um livro do Antigo Testamento, como Gênesis. É sempre válido também ler e meditar nos Salmos.

Certos procedimentos devem ser seguidos durante o estudo. Primeiro, o livro em si deve ser lido cuidadosamente umas quatro ou cinco

vezes; talvez uma dessas vezes em voz alta. A cada vez, algo novo irá surpreendê-lo.

Segundo, divida o livro em partes principais, assim como dividimos os livros modernos em capítulos (não necessariamente os mesmos capítulos como aparecem na Bíblia), subseções e parágrafos. Nesse estágio, o objetivo é descobrir que versículos formam um todo, que assuntos são cobertos e qual é a sequência do assunto.

Terceiro, esses elementos devem relacionar-se uns com os outros. Quais são as partes ou assuntos principais? Quais são introdutórios? Quais são digressões? E quanto às aplicações? Nesse ponto, o leitor já estará elaborando um esboço para o livro e deverá estar apto a responder perguntas como: "O que aprendemos com a leitura desse livro? Para quem foi escrito? Por que foi escrito?".

Se você estiver estudando Romanos, por exemplo, deve estar apto a dizer: "Este livro foi escrito para a Igreja em Roma, mas também para as de todos os lugares e de todas as épocas. Nele, Paulo afirmou que a humanidade está perdida no pecado e que a resposta a esse pecado é a justiça de Deus revelada em Jesus Cristo. Seu propósito é explicar o evangelho. Um propósito menor seria alertar os romanos sobre o desejo de Paulo de visitá-los a caminho de seu futuro ministério na Espanha".

Assim, já é possível prosseguir com um estudo mais detalhado das seções individuais. Qual é o propósito principal de cada seção? O que é dito nelas? Por que é dito? Para quem? Quais são as conclusões que se seguem a partir delas? É útil, nesse estudo, prestar atenção a pequenos conectivos como: mas, porque, então, e, já que e portanto.

Por fim, você pode estudar as palavras-chave, observando outras passagens do mesmo livro nas quais elas aparecem. Você pode encontrá-las por meio de sua leitura ou usando listagens como as que aparecem nas páginas finais de muitas Bíblias, nas quais podemos encontrar versículos importantes de acordo com seus temas.

Suponhamos que você estivesse estudando Romanos 3.21-26 e quisesse aprender mais sobre a importante palavra *justiça*, com a qual a passagem começa. Um versículo chave é o 10.3, no qual a justiça de Deus é distinguida da nossa. Também, Romanos 1.17 diz que ela se torna conhecida no evangelho. Ao todo, essa palavra é usada 35 vezes somente nessa carta, e esses usos, em sua maioria, esclarecem uns aos outros.

Nesse ponto, você também pode observar o uso dessa palavra em outros livros da Bíblia, talvez usando o sistema de referências cruzadas que algumas Bíblias oferecem. Você também pode usar o dicionário. Alguns, de maior tamanho, contêm as derivações das palavras, o que também esclarece seus significados.

Normalmente, só depois de um sistema de estudo bíblico pessoal e indutivo como esse os comentários de outros sobre o texto devem ser considerados. Quando estes forem usados, bons comentários acerca de livros individuais da Bíblia serão geralmente mais úteis do que os mais restritos em um único volume sobre todo o Antigo Testamento e também acerca do Novo.

3. Estude a Bíblia de modo abrangente. Paralelamente a um estudo sério e profundo de um livro ou de parte das Escrituras, deve haver uma tentativa de tornar-se familiarizado com a Bíblia como um todo. Isso significa que a devemos ler de modo abrangente.

É verdade, muitas partes da Bíblia não são atrativas para nós de imediato. Isso é natural. Mas, se nunca tentarmos familiarizar-nos com elas, limitaremos nosso crescimento e poderemos até deformar nossa compreensão. Foi por isso que Paulo disse a Timóteo: *Toda Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redargüir, para corrigir, para instruir em justiça* (2 Tm 3.16).

O testemunho de Ryle a esse respeito é o seguinte:

> Começar a estudar a Bíblia pelo Antigo e pelo Novo Testamento ao mesmo tempo, lendo cada um até o fim e, depois, começando de novo é, de longe, o melhor plano de estudo bíblico. Apesar de essa ser uma questão de preferência individual, posso dizer que esse tem sido meu plano há quase 40 anos, e nunca encontrei sequer uma razão para alterá-lo. (Ryle, 1959, p. 96)

4. Estude a Bíblia em espírito de oração. A oração é o remédio contra a tendência que alguns têm de estudar a Bíblia por estudar, a qual foi discutida anteriormente neste capítulo. Por meio dela, podemos evitar o mero formalismo dos escribas. No estudo bíblico verdadeiro, primeiro pedimos que o Espírito Santo abra nossa mente para que compreendamos a verdade e, assim, possamos obedecer-lhe à medida que Ele a aplica à nossa vida.

O autor do Salmo 119 demonstrou uma atitude correta quando escreveu: *Faze bem ao teu servo, para que viva e observe a tua palavra. Desvenda os meus olhos, para que veja as maravilhas da tua lei* (Sl 119.17,18).

O que uma oração como essa pode fazer? Ela nos torna conscientes de que estamos, de fato, encontrando-nos com Deus em nossa leitura, e não meramente cumprindo um ritual religioso prescrito.

Após orarmos, precisamos pensar: "Agora, Deus vai falar comigo", e, assim, devemos ler a Palavra para ouvir o que Ele dirá. É provável que não haja nada que possa tornar o estudo bíblico mais emocionante do que isso, visto que nada é melhor do que saber que, enquanto lemos, o Senhor está falando conosco pessoalmente, ensinando-nos Seus princípios. Isso faz do estudo bíblico e da oração que o acompanha um momento de comunhão pessoal com Ele.

5. Estude a Bíblia em obediência. Inicialmente, sugeri algumas questões que devem ser consideradas se queremos compreender determinada passagem das Escrituras. Entretanto, naquela lista, deixei de fora algumas das perguntas mais importantes. Como esta passagem e seu ensino se aplicam a mim? Ela me instrui sobre alguma coisa que eu devo ou não fazer? O que ela me diz acerca da vontade de Deus e de como posso agradá-lo mais, servindo-lhe melhor?

Tiago tinha isso em mente quando instruiu aqueles para quem ele estava escrevendo: *E sede cumpridores da palavra e não somente ouvintes, enganando-vos com falsos discursos* (Tg 1.22).

Deus exige obediência. Se Ele nos instrui, é para que lhe obedeçamos e cresçamos. O que devemos fazer?

> Cultive uma obediência imediata, exata, sem questionamentos e alegre em todo o mandamento que ficar evidente pelo contexto que se aplica a você. Fique atento às novas ordens de seu Rei. As bênçãos estão na direção da obediência a essas ordens. Os mandamentos de Deus são, na verdade, placas que sinalizam a estrada que leva ao sucesso, às bênçãos e à glória eterna. (Torrey, 1975, p. 60)

Se não estivermos dispostos a obedecer a Deus, não vamos nem mesmo entender o que lemos (Jo 7.17), e o estudo bíblico irá tornar-se pesaroso, opressivo e sem sentido. Nós iremos, até mesmo, afastar-nos do Senhor e acabaremos criticando Sua Palavra. Ficaremos suscetíveis a teorias críticas que a menosprezam. Contudo, se estivermos dispostos a obedecer, o Pai irá ajudar-nos a entender Sua verdade, levando-nos a [pregar a] outros também.

Diante de tudo isso, foi afirmado:

> O estudo sério da Bíblia não consiste meramente em aprofundar-se na Palavra, mas exige

uma tradução dela para a nossa vida e o mundo. Temos de *ser* epístolas [vivas] de Deus, lidas para todos os homens. [...] Se levarmos nosso estudo bíblico a sério, a ponto de obedecer ao Senhor em qualquer circunstância, então, compreenderemos o caminho para as verdadeiras bênçãos espirituais e seremos bem-sucedidos em tudo o que fizermos para nosso Senhor Jesus Cristo. (BOICE e KEIPER, 1977, p. 29)

NOTA

1 O movimento que defendia o Jesus histórico é discutido de modo mais detalhado nas páginas 81 e 82 do primeiro livro desta obra. Recentemente, tem havido um renovado interesse na busca pelo Jesus histórico, mas, dessa vez, em um tom muito mais sensato. Ver BOICE, James M. *New Vistas in Historical Jesus Research* [Novas perspectivas sobre a pesquisa do Jesus histórico], p. 3-6.

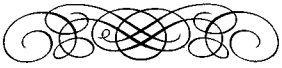
A busca pelo Jesus histórico iniciou-se com o trabalho de Hermann Samuel Reimarus. **Jesus histórico** é uma tentativa de reconstrução da figura de Jesus de Nazaré feita pelos historiadores pelo método histórico. Exegetas usam a alta crítica para analisar os textos evangélicos, principal fonte para a biografia de Jesus, com textos fontes não canônicos para reconstruir o contexto histórico do primeiro século. Esse método não inclui axiomas teológicos ou religiosos, nem pressupõe a infalibilidade bíblica. Embora as reconstruções variem, elas geralmente concordam sobre estes pontos básicos: Jesus foi um judeu que atraiu um pequeno grupo de galileus e, após um período de ministério, foi crucificado pelos romanos na Palestina durante a governo de Pôncio Pilatos.

Por outro lado, para certos pesquisadores que exigem fontes de confirmação independentes, a virtual ausência de referências arqueológicas e históricas a Jesus fora dos relatos místicos é consistente com a hipótese de que Jesus possa ter sido apenas um personagem construído mitologicamente, e não um personagem histórico real.

A investigação histórica das fontes cristãs sobre Jesus exige a aplicação de métodos críticos que permitam discernir as tradições que remontam ao Jesus histórico daquelas que constituem adições posteriores, vindas das comunidades cristãs. Durante a segunda metade do século 19, a principal contribuição dos historiadores cristãos foi a crítica literária dos Evangelhos. Os principais critérios para a interpretação de fontes cristãs são: o da dissimilaridade, o da plausibilidade histórica, o de múltiplos atestados, o critério textual e o linguístico e a análise do objetivo do autor. (Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Jesus_hist%C3%B3rico)

CAPÍTULO 16

SERVINDO



Certa vez, um jovem me escreveu para pedir conselhos sobre como permanecer fiel a Deus durante seus anos de faculdade. Ele estava no primeiro ano da Universidade de Harvard, para a qual havia ido, tendo saído do meio-oeste norte-americano. Ele estava preocupado que as pressões dos estudos e o ponto de vista dominantemente secular em muitas áreas pudessem enfraquecer sua fé.

A esse respeito, três coisas vieram à minha mente. Assim, respondi que ele organizasse seu horário de modo a conter três elementos: (1) um período diário de estudo bíblico e oração; (2) comunhão regular e adoração com outros cristãos, os dois com colegas de faculdade (talvez em um estudo bíblico no dormitório ou em algum outro encontro cristão de universitários) e em um culto semanal na igreja; e (3) alguma forma regular de serviço a outros.

Disse ainda que esse último ponto poderia assumir várias formas: uma doação para não cristãos, um projeto de tutoria para os menos favorecidos ou um trabalho de assistência social, por exemplo. Somente dedicando-nos a esse tipo de atividades é que conseguimos desviar o foco de nós mesmos para os outros e seus problemas, segundo fomos biblicamente aconselhados a fazer, se quisermos ser discípulos de Cristo (Fp 2.4)

Se negligenciarmos tais obras, é inevitável que fiquemos empobrecidos.

De acordo com Reuben A. Torrey:

> Se você quiser ser um cristão feliz, firme e poderoso em oração, comece de uma vez a trabalhar para o Mestre e nunca deixe que se passe um dia sem que você faça um trabalho específico para Ele. (TORREY, 1975, p. 83)

FUGINDO DA OBRIGAÇÃO

Apesar de Efésios 2.10 aparecer no final de uma série de versículos bastante conhecidos que explicam como somos salvos pela graça de Deus por meio da fé, e não das obras, nessa passagem também foi afirmado que *somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou* [*ordenou,* segundo a versão bíblica inglesa King James] *para que andássemos nelas.*

Deus tem um propósito para cada cristão, e as boas obras fazem parte desse plano. Contudo, nossa insensibilidade em relação aos planos divinos e nossa preguiça são tão grandes, que nós sempre tentamos escapar dessa obrigação.

Alguns tentam fugir disso por meio da teologia. Eles ressaltam a justificação pela graça mediante a fé, separadamente das obras, a tal ponto que nossa obrigação de fazer as boas obras desaparece.

Por exemplo, um dos mais meticulosos estudos atuais sobre o segundo capítulo de Efésios consiste em uma análise de 400 páginas, dentre as quais 24 são dedicadas à análise dos versículos de 8 a 10. Mas essa expressão-chave,

que lida com o mandamento de fazer boas obras, dispõe apenas de um parágrafo de exposição.

Embora a justificação pela fé e não por obras seja um ensino bíblico fundamental, como vimos no capítulo sete deste Livro III, isso não significa que, se alguém está justificado, inexista lugar para boas obras. Isso está claro na própria Bíblia, em Efésios 2.8-10, porque a palavra *obras* aparece duas vezes: primeiro, como aquilo que Deus amaldiçoa e, depois, como o que Ele abençoa.

No versículo 9, foi-nos ensinado que a salvação *não vem das obras, para que ninguém se glorie*. No entanto, logo depois, Paulo falou não das obras de nossa própria natureza, mas das que Deus indicou que fossem feitas por aqueles que estão justificados.

Algumas pessoas, por entenderem essas obras apenas como algo espiritual que, como cristãos, devemos fazer – orar, ler a Palavra, evangelizar –, buscam desculpas para fugir da responsabilidade de trabalhar para o Senhor na terra.

Embora esses aspectos da vida cristã sejam de grande valor, eles não são as *boas obras* das quais Paulo falava, visto que, se ele estivesse pensando em evangelismo, por exemplo, teria dito que Deus ordenou que evangelizássemos.

A terceira desculpa que certos cristãos dão para não obedecer à ordenança de Efésios 2.10 é de natureza organizacional. É comum enfatizar a importância de programas e planos sociais no meio evangélico, mas, por mais estranho que possa parecer, essa ênfase, que é muito necessária e tem sido menosprezada atualmente, pode, na verdade, reprimir a realização de boas obras.

A justificativa para essa afirmação é simples. Diante da magnitude dos problemas que a sociedade enfrenta, as pessoas, impressionadas, concluem que a única maneira adequada por meio da qual é possível ajudar uns aos outros é apelar para um esforço organizacional de grande porte, o que, então, faz com que elas, erroneamente, negligenciem o impacto positivo que suas ações como indivíduos podem ter.

Para termos uma vida cristã e um ministério saudáveis, é preciso, além de boa teologia, recorrer à oração, ao estudo bíblico e a outros elementos. É necessário estabelecer e dar suporte a programas de ação social que sejam, de fato, eficientes. Contudo, é importante entender que eles não substituem o ato de fazer boas obras de maneira individual.

Depois da vida e do ministério do próprio Jesus, os cristãos devem ser a melhor coisa que já apareceu no mundo. Devemos ser fonte constante de bondade, de unidade, de amor e de serviço, a fim de que o mundo possa ser abençoado e muitos possam ser alcançados e salvos pelo amor de Cristo.

O Senhor mostrou essa necessidade no Sermão do Monte, quando chamou Seus seguidores de sal da terra e luz do mundo (Mt 5.13,14). O sal é bom, e a luz, valorizada. Assim, Ele ordenou: "Deixe que seu sal seja provado, e sua luz, vista". Façamos isso para que o mundo veja as nossas boas obras e glorifique o nosso Pai, que está nos céus (Mt 5.16).

A COMPAIXÃO DE CRISTO

Quando Jesus pregava, Ele o fazia com excelência. Tendemos a focalizar Seu ensino e maravilharmo-nos com ele, como as pessoas também faziam naquela época (Mt 7.28,29). Entretanto, quando lemos os Evangelhos tendo em mente o tema das boas obras, ficamos imediatamente impressionados com a grandeza do ministério de Cristo em fazer o bem.

Esse foi o tom com o qual Jesus, ao ler o pergaminho de Isaías na sinagoga em Nazaré, começou Seu ministério. Haviam pedido a Ele que participasse do culto, lendo uma lição para o dia. Então, Ele se voltou para a parte

da profecia de Isaías relacionada à vinda do Messias:

> *O Espírito do Senhor é sobre mim, pois que me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-me a curar os quebrantados do coração, a apregoar liberdade aos cativos, a dar vista aos cegos, a pôr em liberdade os oprimidos, a anunciar o ano aceitável do Senhor.*
>
> Lucas 4.18,19

Isso leva-nos a pensar em um ministério espiritual, pois pessoas foram libertas do pecado pela verdade. Mas, como o restante do capítulo indica, o assunto não se limita somente a esse aspecto. A segunda metade do capítulo quatro de Lucas registra o início dos milagres de Cristo: a expulsão de demônios e a cura da sogra de Pedro. Depois, lemos: *E, ao pôr-do-sol, todos os que tinham enfermos de várias doenças lhos traziam; e, impondo as mãos sobre cada um deles, os curava* (Lc 4.40).

Da mesma forma, quando, na prisão, João Batista começou a duvidar sobre a identidade de Jesus como Messias, ele enviou discípulos para questioná-lo acerca disso. Cristo, então, referiu-se a essa mesma passagem e orientou João a considerar a cura dos cegos, dos aleijados, dos surdos e dos leprosos, obras que Ele tinha realizado em cumprimento à profecia.

Contudo, Jesus não fez tais milagres com o principal objetivo de levar as pessoas a crerem nele, pois, na verdade, era movido pela compaixão que tinha daqueles que estavam doentes, famintos ou necessitados. [Mas esses milagres eram um sinal de que Ele era o Messias, profetizado em Isaías 61.]

Nem todos os que Ele curou creram, pelo menos não nos foi dito nas Escrituras que tal coisa aconteceu. Nem todos ficaram ao Seu lado, nem mesmo os amigos. Mas Jesus, sendo tão misericordioso, preocupava-se até mesmo com os que o perseguiam. Exemplo disso foi o fato de Ele ter restituído a orelha do servo do sumo sacerdote que tinha ido prendê-lo no jardim do Getsêmani, o qual havia sido atacado por Pedro em uma tentativa impensada deste de proteger Jesus (Lc 22.50,51).

Assim, Cristo, ao lembrar-nos de que Deus *faz que o seu sol se levante sobre maus e bons e a chuva desça sobre justos e injustos* (Mt 5.45b), ensinou-nos que devemos fazer o bem até aos nossos inimigos.

Na parábola do bom samaritano, aprendemos que devemos ser bondosos até com aqueles que são culturalmente desprezados (Lc 10.30-37).

Jesus não realizou apenas milagres. Se isso fosse verdade, poderíamos concluir que boas obras estão além da nossa capacidade. Aparentemente, o Senhor e Seus discípulos mantinham um fundo do qual retiravam contribuições para ajudar aos necessitados (Jo 13.29).

Cristo também encorajava outros a serem bondosos com seus semelhantes. Nem mesmo uma viúva pobre podia passar despercebida a Seus olhos. Ele notou quando ela, como oferta, colocou duas moedinhas na arca do tesouro do templo.

> *Esta pobre viúva depositou mais do que todos os que depositaram na arca do tesouro; porque todos ali depositaram do que lhes sobejava, mas esta, da sua pobreza, depositou tudo o que tinha, todo o seu sustento.*
>
> Marcos 12.43,44

O Senhor também apreciou a generosidade de Maria, da cidade de Betânia, a qual quebrou um frasco de um unguento muito caro para ungir Seus pés pouco antes de Sua prisão e crucificação. Judas foi contra aquela demonstração de amor, mas Ele respondeu-lhes:

> *Deixai-a, para que a molestais? Ela fez-me boa obra. Porque sempre tendes os*

pobres convosco e podeis fazer-lhes bem, quando quiserdes; mas a mim nem sempre me tendes.

Marcos 14.6,7

Da mesma forma, quando Zaqueu se converteu e prometeu dar metade de seus bens aos pobres, restituindo, quatro vezes mais, a qualquer um que ele tivesse roubado, Jesus respondeu: *Hoje, veio a salvação a esta casa* (Lc 19.9). [A salvação operou a mudança em Zaqueu.]

O SAL DA TERRA

Os irmãos das comunidades cristãs primitivas chamavam a atenção por serem generosos e preocupados uns com os outros e com os pobres. Depois que, por meio do sermão de Pedro no Pentecostes, cerca de três mil pessoas foram salvas, ficamos sabendo que *todos os que criam estavam juntos e tinham tudo em comum. Vendiam suas propriedades e fazendas e repartiam com todos, segundo cada um tinha necessidade* (At 2.44,45).

Depois que a Igreja cresceu ainda mais, está registrado que:

Não havia, pois, entre eles necessitado algum; porque todos os que possuíam herdades ou casas, vendendo-as, traziam o preço do que fora vendido e o depositavam aos pés dos apóstolos. E repartia-se a cada um, segundo a necessidade que cada um tinha.

Atos 4.34,35

Essa venda de bens e posse de todas as coisas em comunhão não subverte o direito à propriedade privada, o qual é reconhecido em Atos 5.4, mas, de qualquer forma, aquela era uma igreja generosa. Outras o eram de maneira diferente.

No capítulo seis de Atos, foi narrada a escolha dos primeiros obreiros da igreja, além dos apóstolos que haviam sido escolhidos e comissionados por Cristo. As tarefas daqueles diáconos, como eram chamados, era cuidar dos doentes e dos pobres, e distribuir bens para eles de acordo com suas necessidades (At 6.1-6). Estêvão, o primeiro mártir cristão, estava entre eles.

Em um capítulo posterior de Atos, falou-se de Dorcas, que *estava cheia de boas obras e esmolas que fazia* (At 9.36). Quando ela morreu, houve grande lamentação, e todas as viúvas a quem ela havia ajudado vieram *chorando e mostrando as túnicas e vestes que Dorcas fizera quando estava com elas* (At 9.39).

Mediante a autoridade espiritual que Deus lhe dera, Pedro se voltou para Dorcas e disse: *Tabita, levanta-te* (At 9.40), e ela ressuscitou.

Outra pessoa conhecida por suas boas obras foi Simão, o curtidor, o que morava em Jope (At 9.43). Ele deixou sua casa disponível para Pedro quando este estava na cidade.

No capítulo 10, Cornélio, um centurião romano, é elogiado como alguém que *fazia muitas esmolas ao povo e, de contínuo, orava a Deus*, mesmo antes de sua conversão (At 10.2).

Fomos apresentados também à Maria, a mãe de João Marcos, que disponibilizava sua casa para encontros cristãos; nesse caso, ela cedeu seu lar a uma reunião de oração que durou a noite inteira (At 12.12).

É muito comum ler, no livro de Atos, referências a donativos que eram levados para ajudar os pobres. Em uma ocasião, isso foi feito em resposta a uma fome em Jerusalém (At 11.27-30). Em outra, foi uma oferta das igrejas gentias aos pobres da mesma região (At 24.17; compare com 1 Co 16.1-4; 2 Co 8.1-9).

Aparentemente, a tendência à caridade da Igreja primitiva continuou no período dos apologistas, pois eles com frequência apontavam para a bondade dos cristãos como parte de sua defesa da fé.

O filósofo ateniense Aristides escreveu sobre esses cristãos a Adriano:

> Eles não cometem adultério ou imoralidade; eles não dão falso testemunho nem fraudam, nem cobiçam o que não é deles. Eles honram o pai e a mãe, e fazem o bem àqueles que são seus próximos. Sempre que são juízes, julgam com equidade. Eles não adoram ídolos feitos à imagem de homens. O que quer que eles não desejam que os outros façam com eles, por sua vez, não o fazem, e eles não comem a comida sacrificada a ídolos. Eles exortam aqueles que os oprimem e os tornam amigos. Eles fazem o bem a seus inimigos. Suas esposas, ó rei, são puras como virgens, e suas filhas são recatadas. Seus homens se abstêm de todo contato sexual ilegítimo e da impureza. Todos esperam a recompensa que está por vir no mundo vindouro [...]. Eles amam uns aos outros; as necessidades das viúvas não são ignoradas, e eles resgatam os órfãos da pessoa que lhes inflige violência. Aquele que tem dá a quem não tem, sem murmúrio nem vanglória.
>
> Quando os cristãos encontram um estrangeiro, eles o trazem para suas casas e se regozijam com ele como um verdadeiro irmão. Eles não chamam de irmãos aqueles que são ligados apenas por laços de sangue, mas aqueles que são irmãos no Espírito e em Deus. Quando um dos pobres falece, cada um ajuda no sepultamento de acordo com sua possibilidade. Se eles ficam sabendo que alguém do seu grupo está aprisionado ou oprimido por causa do nome do Messias, eles proveem suas necessidades, e, se é possível redimi-lo, eles o libertam. Se encontram pobreza em seu meio e eles não têm comida sobrando, jejuam por dois ou três dias para que os necessitados possam ser supridos em todas as suas necessidades. (Wirt, 1968, p. 29,30)

Quando o cristianismo abriu seu caminho no mundo romano, o impacto de sua compaixão foi sentido. Os esportes cruéis da arena foram revistos. Leis tramitaram para proteger escravos, prisioneiros e mulheres. A exploração de crianças foi proibida. Foram fundados hospitais e orfanatos. O *status* dos menos favorecidos melhorou. O progresso nem sempre foi constante, porém a direção geral era essa.

As mesmas preocupações eram evidentes durante a Reforma e o movimento missionário moderno. Este estabeleceu hospitais e escolas, literalmente, pelo mundo. Mesmo hoje, muitos líderes em quase todas as nações independentes da África reconhecem ter recebido treinamento inicial e motivação para servir a seus países em escolas de missões.

E hoje? A situação está confusa por causa da proliferação de serviços governamentais. Previdência, assistência médica, seguro-desemprego e vários outros programas sociais repetem o que muitos cristãos faziam no passado, podendo até ser considerados melhores em recursos totais, mas não sendo necessariamente superiores em compaixão ou em cuidado individual. Contudo, há muitas oportunidades para aqueles que estão atentos à necessidade das boas obras.

Grupos de cristãos, tais como os que promovem encontros semanais para estudos bíblicos nos lares, são particularmente eficientes. Tenho visto grupos como esses em minha igreja ajudarem pessoas a mudar-se de um apartamento para outro ou para um lar de idosos.

Alguns se revezam para passar a noite em um lar onde há alguém doente ou que precisa de cuidado. Eles têm arrecadado alimentos para os necessitados, incluindo alguns trabalhadores cristãos da periferia, bem como roupas. Têm também doado sangue, limpado apartamentos, transportado doentes para hospitais e outras coisas semelhantes. Muitos, simplesmente, trabalham duro em seus empregos por meio dos quais outros são beneficiados.

Ao longo da história, diversos cristãos têm assumido mesmo seu papel de *sal da terra*, precisamente da maneira que seu Senhor tinha previsto quando os instruiu a fazer

boas obras. Todavia, isso não tem sido sempre assim.

Para ser sincero, nós, em nossa geração, estamos muito aquém de atitudes como as que citei. Os cristãos não são mais conhecidos como aqueles que fazem o bem aos outros. Alguns de nós raramente fazemos qualquer coisa particularmente boa para alguém. É mais fácil servirmos a nós mesmos, é claro. Mas não devemos pensar dessa forma.

Em primeiro lugar, a presença de boas obras na vida cristã é uma evidência da salvação. Nós pensamos de forma diferente da que pensávamos antes de nossa conversão e buscamos servir aos outros de uma maneira que, no passado, nunca teria passado por nossa mente. Nisso, temos a evidência de que somos novas criaturas em Cristo.

No capítulo oito, eu disse que uma expressão de amor prática para outros é uma prova da nova vida apresentada pelo apóstolo João: *Nós sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos* (1 Jo 3.14a).

Em segundo lugar, fazer boas obras é um meio de crescer na vida cristã. Se desejamos isso, devemos servir aos outros fielmente. O que acontece se não o fizermos? Nós nos tornaremos introvertidos, egoístas, insensíveis e mesquinhos. Quando fazemos o bem aos outros, nossos horizontes se ampliam, crescemos espiritualmente e tornamo-nos mais e mais parecidos com Jesus.

Por fim, boas obras são uma bênção para aqueles que servem. É difícil colocarmo-nos no lugar dos outros, principalmente quando eles são necessitados, e nós estamos bem de vida. Entretanto, o que nos ajuda nesse aspecto é lembrar-nos de que servir aos nossos semelhantes é servir ao nosso Senhor:

> *Então, dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o Reino que vos está preparado desde a fundação do mundo; porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me; estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e fostes ver-me.*
>
> Mateus 25.34-36

Agradamos a Jesus por meio de nossa dedicação aos irmãos e, se o alegramos dessa maneira, também o fazemos com o próximo.

Por fim, Deus é glorificado pelas nossas boas obras. Somente por intermédio dele e de Sua graça podemos fazê-las. Alguns podem perguntar: "Se a justificação não é pelas obras, que valor elas têm? E por que a Bíblia, às vezes, fala de 'recompensas' pelas boas obras se elas não são um mérito?". A estes, Calvino respondeu:

> Não há dúvida de que tudo que há de louvável nas obras deve-se à graça de Deus e que nenhuma gota há que devamos atribuir a nós mesmos. Se deveras e seriamente reconhecemos isso, desvanece-se não apenas toda e qualquer confiança de mérito, mas ainda a própria noção. Afirmo que não dividimos, como fazem os sofistas, o louvor das boas obras entre Deus e o homem; pelo contrário, nós o conservamos todo, inteiro e isento ao Senhor. Ao homem, apenas atribuímos isto: que, com sua impureza, polui e contamina essas mesmas coisas que eram boas, pois nada procede do homem, por mais perfeito que seja, que não seja maculado. Portanto, convoque o Senhor a juízo acerca do que há de melhor nas obras humanas: por certo que nelas reconhecerá Sua justiça; do homem, porém, a ignomínia e o opróbrio. Consequentemente, as boas obras agradam a Deus, e não são infrutíferas a seus autores; mais ainda: recebem os mais amplos benefícios do Senhor à guisa de galardão, não porque assim mereçam, mas porque de si mesma a benignidade divina lhes atribui esse valor. (CALVINO, 1960, p. 790,791)

Se nosso maior propósito é glorificar a Deus e regozijar-nos nele, como sugere o *Catecismo Breve de Westminster*, devemos valorizar o ato de fazer boas obras, visto que este é um dos meios para atingirmos essa meta.

Parte 4

O trabalho de Deus

E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por seu decreto. Porque os que dantes conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou.

Romanos 8.28-30

Tendo por certo isto mesmo: que aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao Dia de Jesus Cristo.

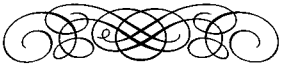
Filipenses 1.6

Do SENHOR vem a salvação.

Jonas 2.9

CAPÍTULO 17

CHAMADOS POR DEUS



É ressaltado com frequência que Calvino não discutiu a doutrina da eleição, pela qual ele é conhecido, no início de sua obra *As Institutas*, mas, sim, no final do volume três, isto é, após cerca de três quartos da obra.

Calvino não começou com uma preconcepção rígida de como Deus deve ter trabalhado para salvar a humanidade. Em vez disso, ele começou por um estudo teológico, ensinando o que Deus de fato fez. Só depois disso, voltou-se para analisar o assunto em sua perspectiva mais completa: de que a salvação começa na eternidade, na decisão de Deus de salvar um povo para si mesmo, a qual continua sendo manifesta pela perseverança final de Deus com Seus santos.

Vou seguir o mesmo procedimento neste capítulo e no próximo.

O DEUS QUE TOMA A INICIATIVA

No livro de Jonas, no final da grande oração de livramento do profeta, temos a frase: *do SENHOR vem a salvação* (Jn 2.9). Essa frase é simples e profunda. A origem, o fim e, com efeito, a única fonte de salvação possível é Deus. A salvação começa com Deus nos escolhendo, ou seja, antes de nossa escolha por Ele, e ela nos conduz a uma bem-sucedida conclusão, pois o Altíssimo persevera por nós.

O caso de Jonas é um exemplo perfeito. O Eterno o elegeu para fazer um trabalho que ele não queria fazer: a evangelização de Nínive. Deus perseverou com Jonas, apesar das tentativas rebeldes do profeta de fugir.

Embora a chamada de Jonas tenha sido para um ministério particular, e não para a salvação [o tema discutido aqui], o princípio é o mesmo, pois nada pode acontecer espiritualmente na vida de uma pessoa até que Deus, com base em Sua decisão, chame a pessoa para Ele.

Seria tolice um pregador chegar a um enterro e encorajar os cadáveres a levar uma vida reta. Para que as palavras pudessem fazer algum efeito, os cadáveres teriam de reviver. Só assim poderiam responder. Da mesma forma, o chamado para o discipulado deve começar com o ato de Deus ao ressuscitar espiritualmente uma pessoa. A escolha a ser feita não está em quem está espiritualmente morto, mas em Deus somente, que tem a capacidade de dar vida.

Isso é o que significa novo nascimento. Antes da conversão, diz o Senhor que estávamos mortos em nossos pecados e ofensas. Estávamos vivos física e intelectualmente, mas não espiritualmente. Não conseguíamos responder a estímulos espirituais.

A Palavra de Deus fala dos mistérios ocultos em Deus desde os séculos (Ef 3.9; 5.12). Porém, o Senhor nos toca. Ele suscita vida onde havia morte. Nós cremos em Jesus Cristo e começamos a entender a Bíblia. Isso é o

que significa ser chamado por Deus, e isso precisa acontecer antes que possa haver um discipulado verdadeiro. Jesus disse: *Não me escolhestes vós a mim, mas eu vos escolhi a vós, e vos nomeei, para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça* (Jo 15.16a).

Abraão foi chamado. Ele não escolheu Deus. Aparentemente, ele estava muito satisfeito vivendo próximo ao vale de um rio da Mesopotâmia em uma cultura pagã. Mas Deus o chamou e enviou à Palestina.

Moisés foi escolhido por Deus mesmo antes de ser um bebê flutuando no rio Nilo em uma cesta. Deus disse: "Livrarei meu povo do Egito e farei isso por intermédio de Moisés. Vou protegê-lo do faraó. Darei a ele o melhor treinamento e a melhor educação, e, depois, eu o enviarei ao faraó para ordenar que liberte meu povo".

O mesmo se deu com Davi. Deus pôs um selo no futuro rei enquanto Davi ainda estava no campo, protegendo algumas ovelhas. O Altíssimo enviou o profeta Samuel à casa de Jessé para ungir um de seus filhos como futuro rei, mas, quando Samuel chegou, estava faltando Davi. O pai chamou todos os seus filhos, menos Davi. Eles estavam lá em ordem.

Samuel olhou para os rapazes e pensou que o filho mais velho daria um bom rei. Seu nome era Eliabe. Mas, antes que Samuel pudesse ungi-lo, o Senhor disse que não era ele. Depois, cogitou-se Abinadabe, que também não seria o futuro monarca. Em seguida, Samá, e daí por diante, até que todos os sete filhos de Jessé foram apresentados.

Samuel disse: *O SENHOR não tem escolhido estes.* Depois, perguntou a Jessé: *Acabaram-se os jovens?* Jessé lhe respondeu: *Ainda falta o menor, e eis que apascenta as ovelhas.* Samuel lhe disse: *Envia e manda-o chamar, porquanto não nos assentaremos em roda da mesa até que ele venha aqui.* Quando Davi chegou, o Senhor disse: *Levanta-te e unge-o, porque este mesmo é.* A Bíblia continua o relato: *Então, Samuel tomou o vaso do azeite e ungiu-o no meio dos seus irmãos; e, desde aquele dia em diante, o Espírito do SENHOR se apoderou de Davi* (1 Sm 16.10-13). Foi Deus quem chamou Davi.

No Novo Testamento, o Senhor já havia escolhido João Batista antes mesmo de ele nascer.

Jesus chamou Seus discípulos quando ainda eram pescadores.

O Senhor chamou Paulo quando ele ainda perseguia os cristãos.

Em todos os casos, o chamado divino foi primordial, e, por sua vez, baseado na decisão do próprio Deus de salvar e usar as pessoas.

O PROPÓSITO DE DEUS

Não são apenas os exemplos que nos ajudam a entender o chamado de Deus. Temos também o ensino específico das Escrituras Sagradas. Uma passagem-chave, de fato uma das passagens mais importantes, é Romanos 8.28-30, na qual a eleição e o chamado de Deus são colocados em uma sequência de ações expressa cuidadosamente.

> *E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por seu decreto. Porque os que dantes conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou.*

Esses versículos não contêm todos os passos que poderiam ser listados no tocante à maneira como Deus lida com uma pessoa. Nada se diz sobre a regeneração, a adoção ou a santificação. Contudo, embora seja uma lista

truncada, é uma lista ordenada que mostra uma sequência própria dos atos de Deus.

Na Parte 2 deste livro, analisei a aplicação da salvação pelo Espírito Santo. Porém, essa é apenas a segunda metade do trabalho divino. Uma decisão anterior do Altíssimo precede nosso despertar e nosso crescimento espiritual. Isso está expresso nas palavras *seu decreto, dantes conheceu* e *predestinou*. O próximo termo na sequência, *chamou*, é o ponto no qual Sua decisão eterna torna-se a experiência do indivíduo.

O termo geral é *decreto*, um propósito eterno expresso primeiro em conhecimento anterior e predestinação (v. 29), e, depois, em seguimento a isso, em chamado, justificação e glorificação. O restante da passagem mostra que a obra de Deus, com certeza, será completada, pois nada *nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor!* (v. 39).

O uso da expressão *dantes conheceu* levou alguns a argumentarem que a eleição é baseada em uma presciência, no sentido de que Deus previu que certas pessoas seriam mais receptivas ao evangelho do que outras e, portanto, não resistiriam ao Espírito Santo. Como consequência, Ele as predestinou a entregarem-se à salvação. Contudo, a passagem de Romanos não começa com a ideia de uma presciência, mas, sim, de uma afirmação do propósito de Deus em salvar.

Arthur W. Pink disse:

> [Esse pensamento] defende que há algo bom em alguns homens; tira a independência de Deus, pois faz com que Seus decretos se apoiem naquilo que Ele descobre na criatura. Vira completamente ao avesso as coisas, porquanto, ao dizer que Deus previu que certos pecadores creriam em Cristo e, por isso, predestinou-os para a salvação, é o inverso da verdade. As Escrituras afirmam que Deus, em Sua soberania, escolheu alguns para serem alvo de Seus distinguidos favores (At 13.48) e, portanto, escolheu conferir-lhes o dom da fé. (Pink, p. 20)

O debate pode ser encerrado ao respondermos à seguinte pergunta: O que a palavra *presciência* significa nas Escrituras? Se digo que tive uma presciência, quero dizer que tinha informações, de antemão, sobre alguma coisa que estava prestes a acontecer. De posse disso, eu poderia tomar alguma providência em particular. Porém, Deus não é uma criatura temporal como nós. Ele vê o fim antes do início, e a razão pela qual o Senhor vê as coisas como são é porque Ele é eterno. Toda a história está diante de Seus olhos.

Também devemos observar que o verbo *conhecer* é usado no Antigo Testamento e no Novo para significar *olhar para alguém com favor* ou, até mesmo, *amar*.

> *Então, disse o SENHOR a Moisés: Farei também isto, que tens dito; porquanto achaste graça aos meus olhos; e te conheço por nome.*
>
> Êxodo 33.17

> *De todas as famílias da terra a vós somente conheci; portanto, todas as vossas injustiças visitarei sobre vós.*
>
> Amós 3.2

> *E, então, lhes direi abertamente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniqüidade.*
>
> Mateus 7.23

> *Eu sou o bom Pastor, e conheço as minhas ovelhas, e das minhas sou conhecido.*
>
> João 10.14

> *Mas, se alguém ama a Deus, esse é conhecido dele.*
>
> 1 Coríntios 8.3

> *O fundamento de Deus fica firme, tendo este selo: O Senhor conhece os que são seus, e qualquer que profere o nome de Cristo aparte-se da iniqüidade.*
>
> 2 Timóteo 2.19

A palavra *presciência* em si nunca é usada em referência a eventos ou ações, isto é, como um conhecimento antecipado do que alguém faria ou poderia fazer, porém sempre a pessoas cuja vida é afetada por essa presciência mais do que da maneira contrária.

À parte de Romanos 8, há apenas três passagens nas Escrituras em que a ideia de presciência é utilizada, e todas envolvem a ideia de eleição.

A primeira é Atos 2.23: *A este que vos foi entregue pelo determinado conselho e presciência de Deus, tomando-o vós, o crucificastes e matastes pelas mãos de injustos.* Neste versículo, vemos que a ênfase recai não sobre a presciência, mas sobre o fato de que o Pai tinha determinado um plano do qual resultaria a nossa salvação e a eleição de Jesus para implementar esse plano.

Romanos 11.2 é a segunda passagem: *Deus não rejeitou o seu povo, que antes conheceu.* Novamente, o que é declarado objeto da presciência de Deus é um povo, não as ações dele. Apesar do que aparenta ser o caso em alguns exemplos, nenhum dos que foram eleitos por Deus irá perder-se.

O terceiro texto é 1 Pedro 1.2: *Eleitos segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito.* Esses eleitos são os *estrangeiros dispersos*, mencionados no versículo anterior. Deus elegeu esses para a salvação.

É a mesma coisa em Romanos 8.28-30. Pessoas são conhecidas previamente, e o resultado é o seu chamado efetivo, a sua justificação e a sua glorificação.

Pink argumentou:

> Ora, em vista dessas passagens (e não há outras mais), que base bíblica há para alguém dizer que Deus conheceu previamente os atos de certas pessoas, a saber, o seu arrependimento e a sua fé, e que, devido a esses atos, Ele as elegeu para a salvação? A resposta é: absolutamente nenhuma. As Escrituras nunca falam de arrependimento e fé como tendo sido previstos ou conhecidos previamente por Deus. Na verdade, Ele sabia, desde toda a eternidade, que certas pessoas se arrependeriam e creriam; entretanto, não é a isso que as Escrituras se referem como objeto da presciência de Deus [...]. Deus conhece de antemão o que será porque Ele decretou o que há de ser. Portanto, afirmar que Deus elege pessoas porque as conhece previamente é inverter a ordem das Escrituras; é pôr "o carro na frente dos bois". A verdade é esta: Ele as conhece antecipadamente porque as elegeu. (PINK, s.d., p. 24)

O CHAMADO DE DEUS

O propósito eterno eletivo de Deus — salvar para si mesmo um povo escolhido dentre todas as nações — não fica no passado. Ele também tem uma expressão no presente, como descrito em Romanos 8.30: *E aos que predestinou, a esses também chamou.*

Em teologia, o chamado de Deus é geralmente nomeado como um *chamado efetivo*, para distingui-lo de um chamado humano, que poderia ou não ser efetivo.

A situação nesse caso é paralela à que envolve a palavra *presciência*. Em nível humano, significa *conhecimento antecipado*, enquanto, em relação a Deus, para o qual referências de tempo não funcionam, quer dizer favor eletivo ou escolha.

Semelhantemente, um *chamado*, em nível humano, pode tornar alguma coisa possível, mas, na verdade, não a realiza.

Em contraste, no caso do Senhor, é realizada.

Tomemos, por exemplo, uma intimação para comparecer a um tribunal. Uma intimação é um tipo de chamado; é uma convocação.

Ela tem a autoridade da lei e o poder do Estado endossando-a. Contudo, mesmo esse chamado extremamente sério não tem, na verdade, o poder de levar a pessoa intimada ao tribunal. Ela pode esconder-se, fugir à ação da justiça, fugir do país ou, da mesma forma, opor-se à ação judicial. Não é assim com Deus. No caso divino, o chamado verdadeiramente efetua a resposta daquele que foi intimado.

Muitos versículos mostram esse significado da palavra, mas nenhum de forma tão clara quanto Romanos 8.

John Murray escreveu:

> Nada encerra o argumento para o tema do chamado mais claramente do que Romanos 8.28-30, em que se afirma que o chamado está de acordo com o propósito de Deus e encontra-se no centro da indestrutível cadeia de eventos que teve seu início na presciência divina e sua consumação na glorificação. Isso significa, simplesmente, dizer que o chamado efetivo assegura perseverança porque é baseado na segurança do propósito e da graça de Deus. (Murray, 1955, p. 91)

Aqueles que foram escolhidos por Deus e atraídos à fé em Cristo pelo poder de Seus chamados são aqueles chamados para serem *de Jesus Cristo* (Rm 1.6). São chamados para serem santos (Rm 1.7), isto é, separados para Deus. Eles devem viver em santidade. Esse é o ponto da advertência de Paulo aos cristãos em Éfeso: *Rogo-vos, pois, eu, o preso do Senhor, que andeis como é digno da vocação com que fostes chamados* (Ef 4.1).

Lázaro estava morto antes de Cristo chamá-lo do túmulo. Ele estava inatingível a qualquer chamado. Se eu e você estivéssemos presentes, poderíamos ter gritado, de modo persuasivo e eloquente, mas, mesmo assim, Lázaro não teria respondido. Quando Jesus o chamou, foi diferente. Seu chamado tem o poder de ressuscitar. Da mesma forma, Seu chamado apressa/aviva aqueles que foram escolhidos por Deus para ser Seu povo. E que ninguém deixe de ser apressado/avivado! Como disse Jesus: *As minhas ovelhas ouvem a minha voz, e eu conheço-as, e elas me seguem* (Jo 10.27).

Os benefícios da doutrina

Algumas pessoas creem que a eleição é uma doutrina inútil ou, até mesmo, perniciosa. Dizem que ela encoraja a irresponsabilidade e o pecado. Na verdade, ela não faz nada disso. As pessoas são responsáveis diante de Deus pelo que fazem, a despeito de Deus tê-las escolhido para a salvação ou não. Elas não são julgadas pelo Senhor por deixarem de fazer aquilo que não conseguem fazer, mas por deixarem de fazer o bem que podem fazer e por fazerem o mal. Deus proíbe tal conduta e estabeleceu leis de causa e efeito para impedi-la (Rm 1.24-32). A eleição não afeta esses fatos.

Olhando de modo positivo, há muitos benefícios para os cristãos. Primeiro, a eleição elimina o ato de gabar-se com certo *status*. Não cristãos ou aqueles que não entendem a eleição frequentemente supõem o contrário, e aqueles que creem na eleição, às vezes, parecem presunçosos. Mas isso é uma caricatura. Deus nos diz, explicitamente, que escolheu salvar um povo para si mesmo pela graça, totalmente à parte de qualquer mérito ou receptividade nele, precisamente para que o orgulho fosse eliminado.

> *Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isso não vem de vós; é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie.*
>
> Efésios 2.8,9

A salvação é pela graça, para que a glória seja de Deus.

Segundo, essa doutrina encoraja o amor a Deus. Se tivéssemos uma participação na

salvação, nosso amor a Deus seria diminuído por causa disso. Se o mérito é do Senhor, nosso amor por Ele deve ser ilimitado. Nós não o buscamos; Ele nos buscou. Quando nos buscou, fugimos. Quando veio na pessoa de Seu Filho, nós o matamos. Contudo, mesmo assim, Ele veio; ainda assim, elegeu um grande número de rebeldes recalcitrantes para a salvação.

> *Mas Deus prova o seu amor para conosco em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores.*
>
> Romanos 5.8

Por fim, a doutrina da eleição traz também este benefício: encoraja-nos ao evangelismo.

Em geral se pensa o oposto. Se Deus só vai salvar algumas pessoas, então vai salvá-las, e não há finalidade em ter alguma coisa a ver com isso. Porém, não é dessa forma que funciona. A eleição de Deus não exclui o uso de meios pelos quais Ele chama, e a Bíblia, explicitamente, diz-nos que a proclamação do evangelho pelos cristãos é um desses meios (1 Co 1.21; Rm 1.16,17).

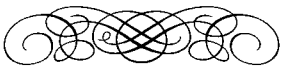
Ademais, é somente isso que nos dá esperança de sucesso quando proclamamos o evangelho. Se o coração é tão duro e tão contra Deus e Seus caminhos como a Bíblia declara ser, e se Deus não elege essa pessoa, que esperança podemos ter em compartilhar a fé?

Se Deus não chama efetivamente, nós, com certeza, não podemos fazê-lo. Entretanto, se Ele tem realizado tal obra no mundo, podemos ir de modo ousado, sabendo que todos os que o Eterno decidiu salvar irão a Ele.

Nós não sabemos quem eles são. A única forma de conhecer um eleito é mediante a resposta dele ao evangelho e a maneira como se comporta no dia-a-dia da vida cristã que se segue ao chamado. Mas nós podemos chamá-los com intrepidez, sabendo que aqueles que são chamados certamente virão.

CAPÍTULO 18

O PODER PROTETOR DE DEUS



Há dois pontos em religião em que o ensino da Bíblia é muito claro e distinto. Um deles é o perigo amedrontador dos ímpios; o outro é a perfeita segurança dos justos. Um é a felicidade daqueles que são convertidos; o outro é a penúria daqueles que não se converteram. Um é a bênção de estar a caminho do céu; o outro, a tristeza de ir para o inferno. (RYLE, 1977, p. 476)

Essas palavras do bispo Ryle, da Inglaterra, introduzem o assunto da perseverança de Deus em relação aos Seus santos e une este capítulo ao último. A doutrina da perseverança significa que o Pai, que começou um bom trabalho ao eleger e depois chamar um indivíduo à salvação, de acordo com Seu bom propósito, certamente guardará esse propósito até que a pessoa eleita e chamada seja levada para o lar celestial e desfrute das bênçãos que estão preparadas para ela.

A perseverança é o quinto dos cinco pontos defendidos pelo calvinismo; está ligada aos outros pontos e extrai sua força deles.

Esses pontos são, às vezes, expressos pela sigla DEPGP, embora as palavras sugeridas por essas letras não sejam necessariamente a melhor expressão das doutrinas.

D representa a depravação total, a doutrina de que os não regenerados jamais poderão fazer alguma coisa para satisfazer os padrões de justiça de Deus.

E representa a eleição, a doutrina analisada no capítulo anterior. Significa que a salvação começa com Deus nos escolhendo, e não o contrário.

P representa propiciação, a doutrina de que a morte de Cristo foi uma propiciação real pelos pecados específicos de Seu povo, resultando em que este se torna verdadeiramente salvo. Não foi pura e simplesmente uma propiciação geral que torna a salvação possível, mas que, na verdade, não salva ninguém.

G representa a graça irresistível, a doutrina a que nos referimos no capítulo anterior como *chamado efetivo*.

P representa a perseverança dos santos. Esta perseverança [em seguir o Senhor] é o que [junto aos elementos anteriores], assegura que nenhum dos que foram chamados por Deus e redimidos pelo Senhor Jesus Cristo irão perder-se. Uma vez que Deus está no início e no meio de Seu plano de salvação, Ele também está no fim.

Essas doutrinas não foram inventadas por Calvino nem são características apenas de seu pensamento durante o período da Reforma. Elas são verdades bíblicas ensinadas por Jesus e confirmadas por Paulo, Pedro e todos os outros escritores do Antigo e do Novo Testamento.

Agostinho as defendia contra as negações de Pelágio. Lutero cria nelas. Zuínglio também.

Eles acreditavam na mesma coisa que Calvino, a qual, mais tarde, ele sistematizou em sua obra *As Institutas*.

Os puritanos eram calvinistas; foi por intermédio deles e de seus ensinamentos que ambas, Inglaterra e Escócia, experimentaram os maiores e mais difundidos avivamentos nacionais que o mundo jamais viu posteriormente.

Seguindo essa linha, temos os herdeiros de John Knox: Thomas Cartwright, Richard Sibbes, Richard Baxter, Matthew Henry, John Owen, entre outros. Nos Estados Unidos, outros foram influenciados por homens como Jonathan Edwards, Cotton Mather e, mais tarde, George Whitefield.

Em épocas mais recentes, o movimento missionário moderno recebeu, praticamente, toda a sua orientação e todo o seu ímpeto daqueles dentro da tradição calvinista. A lista inclui William Carey, John Ryland, Henry Martyn, Robert Moffat, David Livingstone, John G. Paton, John R. Mott, entre outros. Para todos esses, as doutrinas da graça não eram um apêndice do pensamento cristão, mas, na verdade, ideias centrais, ardorosas e formadoras de seus esforços proclamadores e missionários.

O QUE NÃO É PERSEVERANÇA

Antes de examinarmos o ensino bíblico relativo à perseverança, consideraremos o que essa doutrina não é. Primeiro, a perseverança não significa que os cristãos estão livres de perigos espirituais só porque são cristãos. Pelo contrário, o risco que correm é ainda maior, pois o mundo e o diabo serão seus opositores ativos.

Observe a oração de Cristo pelos Seus discípulos antes da crucificação:

> *E eu já não estou mais no mundo; mas eles estão no mundo, e eu vou para ti. Pai santo, guarda em teu nome aqueles que me deste, para que sejam um, assim como nós. Dei-lhes a tua palavra, e o mundo os odiou, porque não são do mundo, assim como eu não sou do mundo. Não peço que os tires do mundo, mas que os livres do mal.*
>
> João 17.11,14,15

Essas palavras tem um tom de tristeza no contexto do Evangelho de João, pois o maligno estava, naquele momento, entrando em Judas, e o "mundo" ia condenar Cristo à morte antes que amanhecesse. Esse era o ambiente fatal onde os discípulos seriam deixados. Abandonados à própria sorte, eles pereceriam. Mas Cristo orou por eles. Embora o perigo fosse grande, eles foram guardados pelo poder de Deus.

Segundo, a perseverança não significa que os cristãos estão livres de cair em pecado só porque são cristãos. Poderíamos raciocinar assim com base na oração de Cristo em João 17, mas isso seria errado, pois aqueles por quem Ele ora certamente pecam, embora não pequem de modo a afastar-se do Mestre para sempre.

O Senhor disse a Pedro, por exemplo, que ele pecaria a ponto de negá-lo, e que o faria três vezes seguidas: *Simão, Simão, eis que Satanás vos pediu para vos cirandar como trigo* (Jo 13.38). Porém, Cristo acrescentou: *Mas eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; e tu, quando te converteres, confirma teus irmãos* (Lc 22.31,32).

Nesse incidente, Jesus previu a negação de Pedro, mas também anteviu sua recuperação. Ele assegurou Pedro acerca de Sua intercessão para que a fé de Seu discípulo não fracassasse.

Noé ficou bêbado. Abraão mentiu duas vezes sobre sua esposa, Sara, dizendo que ela era sua irmã, pondo, assim, em risco a honra dela para salvar a própria pele. Ló escolheu Sodoma. Jacó enganou seu irmão, Esaú, e enganou seu pai, Isaque. Davi caiu em adultério com Bate-Seba e, depois, tentou encobrir isso, fazendo com que Urias fosse morto.

No Getsêmani, os discípulos abandonaram Jesus para se proteger. Paulo e Barnabé brigaram por causa de João Marcos e tiveram de separar-se. Paulo insistiu em voltar para Jerusalém com a oferta dos gentios, mesmo quando o próprio Senhor apareceu a ele e o proibiu de fazê-lo.

Todos eles pecaram. Contudo, não se perderam. Na verdade, não há uma única história, em toda a Bíblia, de alguém que foi um verdadeiro filho de Deus que se tenha perdido. Muitos foram dominados pelo pecado, mas nenhum pereceu.

Terceiro, a perseverança não significa que aqueles que meramente professam Cristo, sem ter nascido de novo, estejam seguros. Advertências específicas são dadas àqueles que ouvem o evangelho e parecem ter fé em Cristo, mas que não são verdadeiramente salvos. Por exemplo, Jesus disse: *Se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente, sereis meus discípulos* (Jo 8.31).

Isso parece mostrar que a perseverança por parte do cristão é a prova cabal de que ele é ou não nascido de novo. Nosso Senhor disse: *Aquele que perseverar até ao fim será salvo* (Mt 10.22). Pedro escreveu: *Portanto, irmãos, procurai fazer cada vez mais firme a vossa vocação e eleição* (2 Pe 1.10). É possível estar bem próximo de coisas cristãs e, mesmo assim, não ser de fato regenerado.

Aquele que guarda Israel

A perseverança na graça, na verdade, significa, como Thomas Watson apontou:

> A herança celestial está guardada para os santos, e eles são guardados para a herança [...]. Embora os santos possam chegar àquele momento em que nada têm a não ser um pouco de fé, não ficam sem fé. Embora a graça possa estar sendo puxada lá de baixo, ela não está seca; embora a graça possa estar abatida, não está eliminada; embora as virgens prudentes tenham descansado, suas lâmpadas não foram totalmente apagadas. (Watson, 1970, p. 279,280)

A perseverança significa que, uma vez que alguém entra para a família de Deus, estará sempre nessa família.

A Bíblia é clara ao afirmar que Deus cuidará para que aqueles que foram justificados não se percam. Davi escreveu no Salmo 138.8:

> *O SENHOR aperfeiçoará o que me concerne; a tua benignidade, ó SENHOR, é para sempre; não desampares as obras das tuas mãos.*

O autor de Hebreus (10.14) declarou: *Porque, com uma só oblação, aperfeiçoou para sempre os que são santificados.*

Paulo escreveu:

> *Em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados; perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos; sabendo que o que ressuscitou o Senhor Jesus nos ressuscitará também por Jesus e nos apresentará convosco.*
>
> 2 Coríntios 4.8,9,14

A perseverança pode ser observada pelas imagens que a Bíblia aplica aos cristãos: árvores cujas folhas não caem (Sl 1.3); cedros do Líbano que florescem a cada ano como sequoias da Califórnia (Sl 92.12); uma casa construída sobre a rocha (Mt 7.24); o monte Sião, que não pode ser movido (Sl 125.1).

O Antigo Testamento fala especificamente do poder de Deus para guardar-nos. No Salmo 121.3-8, o Senhor é comparado a uma sentinela divina, cuja preocupação é zelar sobre Seu povo durante sua vida terrena. Somados, o verbo *guardar* e o substantivo *guarda* são usados seis vezes nesse contexto.

Não deixará vacilar o teu pé; aquele que te guarda não tosquenejará. Eis que não tosquenejará nem dormirá o guarda de Israel. O SENHOR é quem te guarda; o SENHOR é a tua sombra à tua direita. O sol não te molestará de dia, nem a lua, de noite. O SENHOR te guardará de todo mal; ele guardará a tua alma. O SENHOR guardará a tua entrada e a tua saída, desde agora e para sempre.

Outra passagem importante é Ezequiel 34.11-16. Deus falara contra aqueles que haviam sido pastores em Israel que, como Ele diz, não haviam feito seu trabalho. Eles deveriam ter zelado pelas ovelhas, mas abandonaram-nas. Agora, disse Deus, farei o que aqueles líderes infiéis não fizeram.

Porque assim diz o Senhor JEOVÁ: Eis que eu, eu mesmo, procurarei as minhas ovelhas e as buscarei. Como o pastor busca o seu rebanho, no dia em que está no meio das suas ovelhas dispersas, assim buscarei as minhas ovelhas; e as farei voltar de todos os lugares por onde andam espalhadas no dia de nuvens e de escuridão. E as tirarei dos povos, e as farei vir dos diversos países, e as trarei à sua terra, e as apascentarei nos montes de Israel, junto às correntes e em todas as habitações da terra. Em bons pastos as apascentarei, e nos altos montes de Israel será a sua malhada; ali, se deitarão numa boa malhada e pastarão em pastos gordos nos montes de Israel. Eu apascentarei as minhas ovelhas, e eu as farei repousar, diz o Senhor JEOVÁ. A perdida buscarei, e a desgarrada tornarei a trazer, e a quebrada ligarei, e a enferma fortalecerei; mas a gorda e a forte destruirei; apascentá-las-ei com juízo.

Em Isaías 27.2,3, Deus é comparado ao vigia de uma vinha:

Naquele dia, haverá uma vinha de vinho tinto; cantai-lhe. Eu, o SENHOR, a guardo e, a cada momento, a regarei; para que ninguém lhe faça dano, de noite e de dia a guardarei.

Jesus se aproveitou dessas imagens em Seu ensino. Ele comparou Seu Pai e a si mesmo às figuras de vigia, pastor e senhor de terras, para encorajar Seus discípulos. O perigo era muito grande exterior e interiormente. Os discípulos possuíam uma velha natureza, que, com certeza, iria arrastá-los para o pecado várias vezes. Porém, Cristo proclamou que havia Um que era maior até mesmo do que o perigo, e que iria preservá-los assim como havia preservado e guardado Israel.

QUATRO TEXTOS-CHAVE PARA A SEGURANÇA DO CRISTÃO

No Novo Testamento, há quatro grandes textos que, mais do que quaisquer outros, ensinam sobre a segurança do cristão. Dois foram proferidos por Jesus. Dois partiram de Paulo.

O primeiro é João 6.37-40:

Tudo o que o Pai me dá virá a mim; e o que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora. Porque eu desci do céu não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou. E a vontade do Pai, que me enviou, é esta: que nenhum de todos aqueles que me deu se perca, mas que o ressuscite no último Dia. Porquanto a vontade daquele que me enviou é esta: que todo aquele que vê o Filho e crê nele tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último Dia.

Tendo declarado que todos os que foram dados a Ele pelo Pai irão, de fato, até Ele, o Senhor continuou a ressaltar que guardará aqueles que efetivamente fizerem isso. Em

grego, essa frase contém uma negativa dupla que poderia ser traduzida assim: *E o que vem a mim eu nunca, nunca lançarei fora.*

Se a passagem parasse nesse ponto, seria possível argumentar que a negativa dupla refere-se apenas ao fato de Cristo receber aquele que vai a Ele inicialmente — o qual Ele nunca, nunca rejeitará —, porém essa pessoa pode, não obstante, decidir abandonar Cristo por sua própria iniciativa.

Como Jesus deixou claro nos versos seguintes, todos os que foram dados a Ele pelo Pai e que, portanto, vão a Ele e são recebidos por Ele serão ressuscitados no último dia. Jesus não perderá nada daquilo que Deus lhe deu.

O segundo grande texto sobre perseverança é João 10.27-30, que segue a mesma estrutura dos versículos de João 6. Mas, nesse caso, o Senhor está respondendo a um pedido de Seus ouvintes para falar de modo mais claro.

É óbvio que a dificuldade não estava no que Jesus falava, e, sim, no entendimento daquelas pessoas. Entretanto, Ele respondeu: *As minhas ovelhas ouvem a minha voz, e eu conheço-as, e elas me seguem; e dou-lhes a vida eterna, e nunca hão de perecer, e ninguém as arrebatará das minhas mãos* (v. 27,28). Eis a eleição, o chamado efetivo e a perseverança!

Alguém poderia dizer: "Eu sei que ninguém jamais nos arrebatará das mãos de Cristo, mas suponha que escolhamos desviar-nos por nossa própria conta". Jesus disse: "Eles nunca perecerão". "Nunca?", poderíamos perguntar-lhe. "Nunca", Cristo responderia. "Eles jamais perecerão, e ninguém os arrebatará de minhas mãos."

Em alguns momentos, pensei que o que Jesus fez ao proferir essas palavras fosse semelhante ao que um carpinteiro frequentemente faz. Às vezes, em carpintaria bruta, um carpinteiro empurra um prego longo por lâminas mais finas até que a ponta fique para fora do lado de trás. Depois, com um golpe de seu martelo, ele empurra a ponta do prego lateralmente, incrustando-o na madeira. Isso é chamado de fazer o rebite. Essa atitude torna o encaixe um pouco mais justo porque o prego não consegue sair da posição.

Foi o que Jesus fez nesses versículos. Ele estava tão interessado em fazer com que a doutrina se fixasse na mente dos discípulos que empurrou não somente um prego, mas dois, e fez o rebite em ambos.

Primeiro, Cristo ensinou que aqueles que são dele receberam a vida eterna. *Dou-lhes a vida eterna.* Esse é o "prego". Só isso já fixa a verdade, pois a vida eterna é a que nunca se pode perder. Se ela pudesse ser perdida após alguns anos ou mesmo após muitos anos, não seria eterna. Entretanto, Jesus sabia que muitos tentariam minimizá-la. Por isso, Ele disse: *E nunca hão de perecer.* Esse é o "rebite" pelo qual a doutrina da perseverança se fixa.

Um prego, embora bastante apertado, nem sempre faz uma boa junção. Assim, Jesus prosseguiu, empurrando um segundo prego para fazer o rebite com ele também. Seu segundo prego: *Ninguém as arrebatará das minhas mãos.* O rebite: *Meu Pai, que mas deu, é maior do que todos; e ninguém pode arrebatá-las das mãos de meu Pai* (v. 29).

Podemos imaginar-nos semelhantes a uma moeda presa em Seus dedos. Essa é uma posição segura para qualquer objeto, mas, especialmente, para nós, considerando as mãos que nos seguram. Porém, Jesus acrescenta que a mão de Deus está sobre a dele. Estamos seguros por duas mãos, ou seja, duplamente seguros. Se nos sentirmos inseguros, poderemos lembrar que, mesmo quando somos segurados dessa forma, o Pai e o Filho ainda terão duas mãos livres para nos defender.

O terceiro texto importante sobre perseverança foi escrito por Paulo. Trata-se de Romanos 8.33-39. É uma continuação dos versículos estudados no capítulo anterior e parte

da mesma sequência dos atos de Deus para a salvação que eles introduzem.

> *Quem intentará acusação contra os escolhidos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem os condenará? Pois é Cristo quem morreu ou, antes, quem ressuscitou dentre os mortos, o qual está à direita de Deus, e também intercede por nós. Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, ou a angústia, ou a perseguição, ou a fome, ou a nudez, ou o perigo, ou a espada? Como está escrito: Por amor de ti somos entregues à morte todo o dia: fomos reputados como ovelhas para o matadouro. Mas em todas estas coisas somos mais do que vencedores, por aquele que nos amou. Porque estou certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor!*

Paulo listou três causas possíveis de separação do amor de Deus nesses versos, mas, depois, ele as pôs de lado.

Primeiro, o pecado (v. 33,34). Os cristãos sabem que, embora sejam justificados por Deus, ainda são pecadores e erram diariamente por meio de pensamentos, palavras e atos. "E daí?", perguntou Paulo. "Cristo morreu pelo pecado. Portanto, aos olhos de Deus, o pecado se foi para sempre." E supondo que alguém nos acuse? "Deus é o Juiz", Paulo respondeu. Os cristãos já foram absolvidos diante do júri da Suprema Corte, e ninguém está autorizado a reabrir esse caso.

Segundo, nos versos 35 a 37, Paulo falou de sofrimento externo (tribulação, fome, nudez, perigo) e interno (a angústia da alma conhecida por aqueles que enfrentam perseguição por causa de seu testemunho).

Esse padecimento é real. Ele deve ser esperado, como Paulo indicou em sua citação do Salmo 44.22 em Romanos 8.36. Mas o sofrimento não triunfará. Ele não nos pode separar do amor de Deus.

A terceira causa potencial da separação do amor de Deus é a existência de poderes sobrenaturais (v. 38,39), mas Paulo disse que nem mesmo esses triunfarão. Paulo conhecia a extensão da maldade espiritual neste mundo, e ele mesmo havia lutado contra isso.

O apóstolo escreveu em Efésios 6.12:

> *Porque não temos que lutar contra carne e sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais.*

Porém, por mais assustadoras que tais forças possam parecer, elas não podem triunfar sobre nós, porque Jesus foi vitorioso sobre elas.

Aos colossenses, Paulo escreveu: *E, despojando os principados e potestades, os expôs publicamente e deles triunfou em si* [Cristo] *mesmo* (Cl 2.15).

O texto final é Filipenses 1.6: *Tendo por certo isto mesmo: que aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao Dia de Jesus Cristo.*

Isso é uma afirmação condensada de um princípio declarado, de modo mais extenso, em outros lugares: Deus termina o que Ele começa. Contudo, também sugere outro pensamento. Literalmente, o grego diz que Deus irá *continuar aperfeiçoando seu trabalho até o Dia de Cristo*. Dito de forma mais direta, Ele fará isso quer queiramos, quer não.

O versículo fala de uma *boa obra* que Deus completará. Que boa obra é essa? Ela não está bem explicitada em Filipenses 1.6, mas em Romanos 8.29: *Porque os que dantes conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho.*

Isso é algo que vai acontecer somente no céu? Não. O plano de Deus é que vivamos isso hoje. Em Filipenses 1.6 está escrito que o Pai não desistirá de Seus esforços para tornar-nos semelhantes a Cristo, mesmo em caso de não querermos que Ele o faça. Cristo é o Santo de Deus; assim, esse plano envolve nosso crescimento em santidade.

Sabemos que pecamos como cristãos. O que acontece quando pecamos? O Eterno nos ignora? Poderíamos desejar que Ele o fizesse porque nós, às vezes, ainda que por um momento, gostamos do pecado. Porém, Deus não permite que continuemos em nosso caminho erroneamente. Ele nos disciplina quanto a isso.

O Senhor nos persuade e, às vezes, até permite que sejamos infelizes para que possamos sair do caminho de destruição e voltar para a estrada que Ele mapeou para nós. Deus pode até permitir que um cristão passe por muitos percalços, se isso for necessário para tirá-lo do pecado e conduzi-lo de volta à comunhão.

Por isso, a doutrina da perseverança não é o ensinamento perigoso que alguns imaginam. "A perseverança pode ser verdadeira", diz alguém, "mas, com certeza, ensiná-la é perigoso.

Se as pessoas crerem que nada pode arrebatá-las da mão de Deus, com certeza irão sentir-se à vontade para pecar. Essa doutrina nos encoraja a viver de qualquer jeito".

O conhecimento da grandeza do amor divino que persevera por nós, na verdade, tende a manter-nos fiéis. Conhecer tal amor é desejar, acima de qualquer outra coisa, não fazer nada contra Ele.

Além disso, o conhecimento da perseverança divina ensina-nos a também perseverar. Nosso trabalho é frequentemente desestimulante. Em geral, vemos poucos resultados. Mas nos manteremos nele porque o Pai no-lo deu, e precisamos ser como Ele, cumprindo fielmente essa responsabilidade.

Por vezes, achamos desanimador o ato de evangelizar. As pessoas não querem o evangelho. Elas odeiam o Deus que o deu. Ainda assim, insistiremos nisso, sabendo que o mesmo Deus que é capaz de guardar-nos é capaz também de salvar outros deste mundo.

Nossa família é uma área de responsabilidade especial. Muitas vezes, ficamos deprimidos quando um filho, uma filha, um irmão, uma irmã ou nosso cônjuge não trilha os caminhos de Deus. Em dadas ocasiões, a situação parece perdida. Mas o Senhor não permite que fiquemos desesperançados. Ele não desistirá nem renunciará. Deus é o nosso Guarda fiel. Com Ele, todas as coisas são possíveis.

Vivemos em uma época que é tão fraca em proclamar a doutrina de Cristo que mesmo muitos cristãos não conseguem ver por que tais verdades devem ser pregadas, ou como eles podem ser usados pelo Senhor para salvar os pecadores. Isso nem sempre foi assim.

O Eterno usou a doutrina da perseverança para salvar Charles Spurgeon, um dos maiores pregadores que já existiram. Quando ele tinha apenas 15 anos, observou como amigos seus que tinham começado bem a vida destruíram-se ao cair em vícios terríveis.

Spurgeon tinha medo de que ele mesmo pudesse sucumbir. "Quaisquer boas resoluções que eu possa tomar", ele pensou, "a probabilidade é que não servirão para nada quando a tentação me atacar. Serei como aqueles de quem se diz: 'Eles veem o anzol de Satanás e, mesmo assim, não conseguem deixar de dar uma mordidinha na isca'. Eu me desgraçarei e me perderei".

Isso foi quando ele ouviu que Cristo guardaria da queda os Seus santos. Esse fato teve um encanto particular para ele, que se viu dizendo: "Eu me voltarei para Jesus e receberei dele um novo coração e um espírito reto. Assim, ficarei seguro contra aquelas tentações em que os outros caíram. Serei preservado

por Ele". Foi essa verdade, somada a outras, que conduziu Spurgeon ao Salvador.

O cristianismo não tem um fundamento vacilante. Não é uma mensagem de porcentagens ou possibilidades. É um evangelho certo. É o anúncio de nossa completa ruína no pecado, mas, também, do remédio perfeito de Deus em Cristo.